

**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA  
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA DO  
DESENVOLVIMENTO E APRENDIZAGEM**

**ELISA RACHEL PISANI ALTAFIM**

**PRÁTICAS PARENTAIS DE MÃES DE BEBÊS:  
A INFLUÊNCIA DE VARIÁVEIS MATEMÁTICAS E DO BEBÊ**

**Bauru**

**2012**

**ELISA RACHEL PISANI ALTAFIM**

**PRÁTICAS PARENTAIS DE MÃES DE BEBÊS:  
A INFLUÊNCIA DE VARIÁVEIS MATERNAS E DO BEBÊ**

Dissertação apresentada como requisito à obtenção do título de Mestre em Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem, pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP, sob a orientação da Professora Doutora Olga Maria Piazzentin Rolim Rodrigues.

**Bauru**

**2012**



Altafim, Elisa Rachel Pisani.

Práticas parentais de mães de bebês : a influência  
de variáveis maternas e do bebê / Elisa Rachel Pisani  
Altafim, 2012

117 f.

Orientador: Olga Maria Piazzentin Rolim Rodrigues

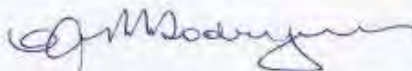
Dissertação (Mestrado)-Universidade Estadual  
Paulista. Faculdade de Ciências, Bauru, 2012

1. Práticas parentais. 2. Comportamento materno.  
3. Desenvolvimento infantil. I. Universidade Estadual  
Paulista. Faculdade de Ciências. II. Título.

**ATA DA DEFESA PÚBLICA DA DISSERTAÇÃO DE Mestrado DE ELISA RACHEL PISANI ALTAFIM, DISCENTE DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA DO DESENVOLVIMENTO E APRENDIZAGEM, DO(A) FACULDADE DE CIÊNCIAS DE BAURU.**

Aos 02 dias do mês de julho do ano de 2012, às 15:00 horas, no(a) Anfiteatro da Pós-Graduação, reuniu-se a Comissão Examinadora da Defesa Pública, composta pelos seguintes membros: Profa. Dra. OLGA MARIA P ROLIM RODRIGUES do(a) Departamento de Psicologia / Faculdade de Ciências de Bauru, Profa. Dra. PAULA INEZ CUNHA GOMIDE do(a) Diretoria Acadêmica / Faculdade Evangélica do Paraná, Profa. Dra. ALESSANDRA T BOLSONI SILVA do(a) Departamento de Psicologia / Faculdade de Ciências de Bauru, sob a presidência do primeiro, a fim de proceder a arguição pública da DISSERTAÇÃO DE Mestrado de ELISA RACHEL PISANI ALTAFIM, intitulada "Práticas Parentais de Mães de Bebês: A influência de variáveis maternas e do bebê". Após a exposição, a discente foi arguida oralmente pelos membros da Comissão Examinadora, tendo recebido o conceito final: APROVADA. Nada mais havendo, foi lavrada a presente ata, que, após lida e aprovada, foi assinada pelos membros da Comissão Examinadora.

Profa. Dra. OLGA MARIA P ROLIM RODRIGUES



Profa. Dra. PAULA INEZ CUNHA GOMIDE



Profa. Dra. ALESSANDRA T BOLSONI SILVA



## AGRADECIMENTOS

Ao meu pai Ruy, que foi meu primeiro orientador por meio de seus ensinamentos e exemplos profissionais e de vida.

À minha mãe Silvana, que sempre esteve ao meu lado me apoiando, me orientando e me ensinando com muito amor e carinho.

À minha avó Yolanda, que sempre esteve de braços abertos, me oferecendo carinho, amor e orando por mim. Eu não poderia deixar de agradecer as refeições deliciosas que ela faz.

Ao meu irmão Beto, que sempre esteve tão perto, mesmo estando tão longe fisicamente em alguns momentos, me oferecendo apoio, carinho, amor e conselhos (ainda bem que existe skype!).

Ao meu sobrinho-primo Bernardo e minha prima-irmã Patrícia que durante o mestrado, foram um grande exemplo de relacionamento mãe-bebê.

Aos meus familiares, Tia Su, Tio Toninho, Letícia, Carol, Tio Antonio Carlos, Avô Antonio, Cassiano, Gabriela e muitos outros, pelos elogios, palavras amigas e apoio.

À minha orientadora Olga pelos ensinamentos, ajuda, orientações, incentivos, conselhos, e ótimas conversas acadêmicas e pessoais. Obrigada pela confiança, por me orientar e estar sempre pronta a oferecer a sua ajuda nesta longa caminhada, que me trouxe muitos ensinamentos, reflexões e, principalmente, crescimento profissional e pessoal.

À minha grande amiga e “irmã de mestrado” Renata, por dividir e compartilhar os prazeres e dificuldades do mestrado e da vida. Obrigada por deixar esse caminho mais divertido, empolgante e alegre.

Às professoras Paula Gomide e Alessandra Bolsoni-Silva, por gentilmente terem aceitado a compor as bancas de qualificação e defesa deste mestrado, e oferecerem suas excelentes contribuições.

Às professoras Ligia Ebner Melchiori, Carmem Neme, Tânia Gracy e Maria Beatriz Linhares pelos ensinamentos e apoio.

Às meninas do projeto de bebês, pela ajuda, amizade, companhia nos congressos e por compartilhar os desafios, de modo especial as minhas amigas Rafaela e Sária, que acompanharam este trabalho de perto.

Às minhas amigas Marcella, Gil, Laura, Tati, Liz, Clarice, Ju, Camila, Livia, Karol e muitas outras, que sempre estiverem ao meu lado nos momentos de dificuldades, diversão e lazer.

Às mães de bebês que se dispuseram a participar desta pesquisa.

Ao pessoal do Centro de Psicologia Aplicada (CPA), de modo especial a Carla e Lia, pela amizade, apoio e colaboração.

À Fundação de Amparo a Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) pelo apoio financeiro.

A todas as pessoas que passaram pela minha vida, durante esse período do mestrado e que de alguma maneira me ofereceram força, incentivo e luz, para que eu continuasse seguindo essa caminhada...

*“Ensinar é um exercício de imortalidade. De alguma forma continuamos a viver naqueles cujos olhos aprenderam a ver o mundo pela magia da nossa palavra...” (Rubem Alves)*



ALTAFIM, E.R.P. **Práticas Parentais de Mães de Bebês: A influência de variáveis maternas e do bebê.** 2012. 117 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia do Desenvolvimento e da Aprendizagem), Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho”, Bauru, 2012.

## RESUMO

As práticas parentais possuem uma função primordial no desenvolvimento das crianças e uma estreita relação com os seus repertórios comportamentais. O presente estudo pretendeu descrever, comparar e correlacionar as práticas parentais de mães de bebês de até 12 meses de idade, com as variáveis: idade e a escolaridade da materna, sexo e a idade do bebê. O estudo foi realizado com 250 mães de bebês de 0 a 12 meses. Foi aplicado o Inventário de Estilos Parentais para Mães de Bebês (IEPMB) (adaptado de Gomide, 2006). A coleta de dados foi realizada no Centro de Psicologia Aplicada, da UNESP, campus de Bauru. Os resultados revelaram que as mães utilizam-se com frequência da prática parental positiva Monitoria Positiva, no entanto as práticas negativas, também são presentes no repertório das participantes, principalmente a prática Disciplina Relaxada. Como a maioria das práticas negativas ainda não são frequentes no repertório comportamental das mães, esta fase seria portanto, um ótimo momento para a realização de intervenções preventivas. Ao comparar as práticas de acordo com o sexo do bebê, foi verificada diferença significativa para a prática Monitoria Positiva, mais utilizada pelas mães de meninas. Esse resultado demonstra, que diferenças nas práticas parentais relacionadas ao sexo da criança, podem ser observadas desde as primeiras relações que as mães estabelecem com seus bebês. Analisando a idade do bebê verificou-se diferença significativa entre mães de bebês mais novos e mães de bebês mais velhos para a prática Monitoria Positiva, Punição Inconsistente e na somatória das práticas negativas, que são mais utilizadas mães de bebês de sete a 12 meses de idade. Quando os bebês são mais velhos as mães utilizam-se mais das práticas parentais positivas, e por outro lado passam a utilizar mais algumas práticas parentais negativas. Foram verificadas diferenças significativas entre mães adolescentes e adultas na prática Monitoria Positiva, que é mais utilizada pelas mães adultas. Com relação à escolaridade materna foi verificada correlação significativa positiva na prática Monitoria Positiva, e correlação significativa negativa nas práticas Disciplina Relaxada, Punição Inconsistente e na somatória das práticas negativas, demonstrando que quanto maior a escolaridade materna melhores são as práticas parentais utilizadas pelas mães. Os resultados indicam relações entre as variáveis pesquisadas e as práticas parentais, e contribuem para um maior entendimento das práticas parentais de mães de bebês

**Palavras-chave:** Práticas Parentais; Comportamento Materno; Desenvolvimento Infantil

ALTAFIM, E.R.P. **Parenting Practices of Babies' Mothers: The influence of maternal and infant variables.** 2012. 117 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia do Desenvolvimento e da Aprendizagem), Universidade Estadual Paulista "Julio de Mesquita Filho", Bauru, 2012.

### **ABSTRACT**

Parenting practices have a major role in the development of children and a close relationship with their behavioral repertoires. The present study aimed to describe, compare and correlate the parenting practices of babies' mothers, with the variables of maternal age and education, age and sex of the baby. A total of 250 mothers of babies 0-12 months participated of the study. The data were collected by the Parental Styles Inventory for Mothers of Babies (IEPMB) (adapted from Gomide, 2006), at the Center for Applied Psychology, UNESP, Bauru Campus. The results revealed that mothers use the positive parental practice Monitoring Positive, however the negative practices, are also present in the repertoire of the participants, especially the practice Discipline Relaxed. The negative practices are not common in the behavioral repertoire of the mothers, so this phase is an appropriate stage to promote preventive interventions. By comparing the practices according to the sex of the baby, there was a significant difference to the practice Positive Monitoring, most often used by mothers of girls. This result demonstrates that differences in parenting practices related to the sex of the child, can be observed from the first relationships that mothers have with their babies. Looking at the age of the baby there was a significant difference between mothers of younger babies and mothers of older babies to the practices Monitoring Positive, Punishment Inconsistent and in the sum of the negative practices, that are used more by mothers of babies aged seven to 12 months. When babies are older mothers use more positive parenting practices, and more negative parenting practices. There were significant differences between adolescent and adult mothers in the practice Monitoring Positive that is mostly used by adult mothers. Significant positive correlation was found between the practice Monitoring Positive and maternal education. It was also observed significant negative correlation between maternal education and practice Relaxed Discipline, Punishment Inconsistent and in the sum of the negative practices. Mothers with higher education use better parenting practices. The results indicate relationships between all variables and parenting practices, and contribute to a better understanding of the parenting practices of mothers of babies.

**Keywords:** Parenting Practices; Maternal Behavior; Child Development

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

CPA – Centro de Psicologia Aplicada

HSE-P – Habilidades Sociais Educativas Parentais

IEP – Inventário de Estilo Parental

IEPMB – Inventário de Estilos e Práticas Parentais de Mães de Bebês

UNESP – Universidade Estadual Paulista

## SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO .....	10
1. INTRODUÇÃO .....	13
1.1 Relacionamento mãe-bebê e práticas parentais.....	13
1.2 Práticas educativas parentais.....	15
1.2.1 Práticas parentais positivas e negativas .....	22
1.3 Pesquisas sobre práticas parentais .....	27
1.4 Influência das variáveis sexo e idade do bebê e idade e escolaridade materna .....	31
1.4.1 Influência do sexo da criança .....	31
1.4.2 Influência da idade da criança .....	34
1.4.3 Influência da idade materna .....	37
1.4.4 Influência escolaridade materna .....	39
2. OBJETIVOS.....	43
3. MÉTODO.....	44
3.1 Aspectos éticos da pesquisa .....	44
3.2 Participantes .....	45
3.3 Percorso amostral .....	45
3.4 Material.....	46
3.5 Local .....	48
3.6 Procedimento de coleta de dados .....	48
3.7 Procedimento para análise dos dados .....	49
4. Resultados .....	51
4.1 Descrição das práticas parentais.....	51
4.2 Comparação das prática parentais com o sexo do bebê.....	62
4.3 Correlação e comparação das práticas parentais com a idade do bebê; .....	65
4.4 Comparação das práticas parentais considerando duas variáveis combinadas, sexo do bebê e idade do bebê; .....	69
4.5 Correlação e comparação das práticas parentais com a idade materna .....	78
4.6 - Correlação das práticas parentais com a escolaridade materna .....	81
5. DISCUSSÕES .....	84
5.1 Descrição das práticas parentais.....	84
5.2 Comparação das práticas parentais com o sexo do bebê .....	91

5.3 - Correlação e comparação das práticas parentais com a idade do bebê .....	93
5.4 - Comparação das variáveis sexo e idade do bebê .....	96
5.5 - Correlação e comparação das práticas parentais com a idade materna .....	98
5.5 - Correlação das práticas parentais com a escolaridade materna .....	100
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	103
6.1 Contribuições da dissertação.....	103
6.2 Considerações metodológicas .....	103
6.3 Desdobramentos para a prática .....	105
6.4 Desdobramentos para a pesquisa – Questões Futuras .....	105
REFERÊNCIAS .....	106
ANEXOS.....	115
Anexo 1: Comitê de ética .....	115
Anexo 2: Termo de consentimento livre e esclarecido (modelo) .....	116
Anexo 3: IEPMB.....	117

## APRESENTAÇÃO

A família constitui-se o primeiro núcleo social da criança. Intervenções e orientações aos pais realizadas no início da infância podem prevenir futuros problemas no desenvolvimento infantil e reduzir disfunções nas relações afetivas e emocionais entre pais e filhos e, possivelmente, em outros contextos.

No Centro de Psicologia Aplicada (CPA) da Universidade Estadual Paulista (UNESP), campus Bauru, ocorre desde 1999, o projeto de extensão “Acompanhamento do desenvolvimento de bebês de risco: avaliação e orientação aos pais”, sob a coordenação da Profa. Dra. Olga Maria Piazzentin Rolim Rodrigues, que prevê a avaliação do desenvolvimento de crianças e orientações aos pais durante o primeiro ano de vida da criança. No ano de 2006 percebeu-se que um número expressivo de mães adolescentes participava do projeto. Essas mães apresentavam diversas dúvidas nos cuidados e orientação dos comportamentos de seus filhos, durante os atendimentos. Os possíveis problemas associados à maternidade na adolescência justificaram a preocupação com essa população. Decidiu-se, então, realizar um programa de intervenção para mães adolescentes. Um dos focos do mesmo seriam as práticas educativas, focalizando o aumento das positivas e, conseqüentemente, a diminuição das negativas. Para verificar a eficácia da intervenção era necessário realizar avaliações antes e depois da mesma. No entanto, não foi encontrado na literatura nacional um instrumento de avaliação de práticas parentais para mães de bebês. Elaborou-se, então, um instrumento de avaliação de práticas parentais para a faixa etária estudada, a partir de uma adaptação do Inventário de Estilos Parentais (IEP) de Gomide (2006) que resultou no instrumento denominado Inventário de Estilos Parentais para Mães de Bebês (IEPMB) (ALTAFIM; SCHIAVO; RODRIGUES, 2008).

No início apenas as mães adolescentes eram convidadas a participar da intervenção, todavia, para verificar se as práticas parentais das mães adolescentes eram típicas do comportamento materno ou da idade, mães adultas passaram a ser convidadas a responder o IEPMB e intervenções foram conduzidas com os dois grupos de mães (ALTAFIM, 2008; NOGUEIRA, 2009).

Juntamente com as intervenções foram realizadas outras pesquisas avaliando a relação das práticas parentais com outras variáveis assim como o efeito de intervenções (ALTAFIM, 2007; ALTAFIM, 2008; ALTAFIM; SCHIAVO; RODRIGUES, 2008; ALTAFIM, 2009; NOGUEIRA, 2009). Os resultados da pesquisa realizada por ALTAFIM (2007) demonstraram que após a condução do programa de intervenção algumas participantes apresentaram um maior número de práticas parentais negativas resultando na piora do Estilo Parental. Uma das hipóteses desse estudo é que o aumento da idade dos bebês poderia ser a variável responsável por este resultado, que ficaram mais velhos no período da intervenção. Uma pesquisa conduzida por Altafim, Schiavo e Rodrigues (2008) também demonstrou que a maioria das mães adolescentes possuía estilo parental ótimo ou bom. No entanto, foram observadas, também, práticas negativas nas respostas da maioria das participantes, sugerindo a importância e necessidade de aprimorar o estudo dos estilos parentais e práticas parentais de mães de bebês. Esses resultados nos remeteram a algumas indagações: Quais são as práticas parentais mais comumente usadas pelas mães de bebês? As práticas parentais de mães adolescentes de bebês seriam diferentes de práticas parentais de mães adultas? A idade do bebê está correlacionada com a melhora ou piora das práticas parentais? Outras variáveis maternas como escolaridade e tipo de família, ou do bebê, como o sexo, se relacionam com as práticas parentais utilizadas pelas mães de bebês?

A reflexão que se seguiu foi a necessidade de estudos descritivos capazes de entender a realidade das práticas parentais de mães de bebês, no contexto brasileiro que

subsidiassem programas de intervenção para os pais. Os questionamentos descritos acima motivaram não só alguns dos trabalhos anteriores de Altafim (2009), Nogueira, Uliana, Altafim, Schiavo e Rodrigues (2009), Rodrigues, Altafim, Schiavo e Valle (2011) e Rodrigues, Altafim e Schiavo (2011), como também o presente estudo. Nos estudos anteriores encontram-se descritos os estilos e práticas parentais de mães de bebês relacionados a diferentes variáveis que poderiam interferir na forma como as mães educam, socializam e controlam o comportamento de seus filhos.

Os estudos já realizados ampliaram o conhecimento sobre o tema, bem como puderam auxiliar na elaboração de intervenções visando à orientação com relação ao comportamento parental. Porém, entende-se como fundamental aprofundar tal temática, tendo em vista que os estudos nacionais na área de estilos e práticas parentais de mães de bebês são escassos. Diante dessas considerações justifica-se a necessidade de estudos que visem descrever as práticas parentais de mães de bebês com até 12 meses de idade, relacionando-os com variáveis da mãe e do bebê.



## **1. INTRODUÇÃO**

Para contextualizar o problema de pesquisa, quatro tópicos serão focalizados: 1) Relacionamento mãe-bebê 2) Práticas educativas parentais; 3) Pesquisas sobre práticas parentais; 4) Influência das variáveis escolaridade e idade materna e, sexo e idade do bebê sobre práticas parentais.

### **1.1 RELACIONAMENTO MÃE-BEBÊ E PRÁTICAS PARENTAIS**

O bebê nasce extremamente frágil e dependente, implicando na necessidade de cuidados, indispensáveis para a sua sobrevivência. Melchiori e Dessen (2008) ressaltam que a dependência inicial da criança conduz o adulto à tarefa de cuidar e, também, cria a oportunidade para que se estabeleça um relacionamento entre cuidador-criança que é a base do processo de socialização infantil. De acordo com Linhares, Carvalho, Bordin e Jorge (1999) um ambiente familiar estável e estimulador deve garantir a atenção e o envolvimento do bebê a diferentes aspectos do ambiente, a partir da sua interação com a mãe.

O nascimento de um filho é um evento que traz muitas mudanças para a família. Um relacionamento adequado entre a mãe e o bebê envolve a ausência de práticas negativas e a presença marcante de práticas parentais positivas e de outras características responsivas no comportamento materno, que promovem uma relação afetiva estável proporcionando condições necessárias para o desenvolvimento do bebê.

No relacionamento mãe-bebê, ambos participam ativamente nas trocas interativas. O bebê é um parceiro ativo nessa relação. Comportamentos de pais e de filhos influenciam-se mutuamente. As tendências de cuidados das mães em contextos culturais diversos, assim

como as características individuais dos bebês e de seu momento de desenvolvimento devem ser levadas em conta nas discussões sobre o processo interacional da díade (SEIDL-DE-MOURA *et al.*, 2008).

A interação mãe-bebê e sua relação com o desenvolvimento posterior da criança representam uma área de grande interesse entre os pesquisadores do desenvolvimento infantil. Weber (2004) ressalta que, quanto mais forte for o vínculo inicial entre a mãe e o bebê, maior a probabilidade de a criança tornar-se independente no futuro. Esse relacionamento entre mãe-bebê repleto de sons, cheiros, vozes é vital para a sua história de afetividades futuras (WEBER, 2004).

As práticas parentais da mãe com o bebê ocorrem em diversas situações diárias como na amamentação, olhares, trocas de fralda e roupa, banho, fazer dormir e brincadeiras. São nesses momentos de interação que a relação mãe-bebê se desenvolve e mãe e filho vão se conhecendo melhor. Aos poucos a mãe aprende a distinguir quais são as reais necessidades do bebê. O reconhecimento por parte da mãe dos comportamentos do bebê (choro, vocalização, expressão facial, fome, sono, necessidade de troca, dentre outros) é fundamental para o desenvolvimento da criança e para o estabelecimento do vínculo afetivo.

Patterson, Degarmo e Knutson (2000) salientam que o nível de responsividade dos pais ao comportamento dos seus bebês seria um forte preditor do tipo e da eficácia das práticas educativas que serão utilizadas no futuro. O conceito de responsividade pode ser definido como atenção e percepção consistentes, interpretação acurada e resposta contingente e apropriada aos sinais da criança (DE WOLFF; IJZENDOORN, 1997).

Pais mais sensíveis ao comportamento de seus bebês, que se mostrem presentes e que atendam as suas necessidades, estabelecendo interações sincrônicas e mutuamente recompensadoras entre os elementos da díade, tenderiam a ser mais hábeis na regulação do comportamento dos filhos em etapas posteriores do desenvolvimento. Ao contrário, pais

menos hábeis e pouco responsivos tenderiam a apresentar maior dificuldade de regular o comportamento de seus filhos no futuro, empregando com maior frequência, práticas coercitivas, severas e pouco eficazes (ALVARENGA; PICCININI, 2007). Práticas parentais que enfatizam o suporte emocional oferecem afeto positivo, alto nível de conforto, e que são responsivas de forma contingente aos sinais e necessidades da criança, proporcionam o apoio necessário para os múltiplos aspectos da aprendizagem das crianças (LANDRY; SMITH; SWANK, 2006)

## **1.2 PRÁTICAS EDUCATIVAS PARENTAIS**

O processo de socialização é fundamental para a aprendizagem de habilidades que facilitam o convívio social. Por meio desse processo as pessoas adquirem comportamentos, crenças e atitudes que são usados em diferentes contextos sociais. A família tem um papel fundamental na socialização, desde o nascimento do bebê, porque constitui o primeiro núcleo social da criança, além de ser responsável pela consolidação de seus repertórios comportamentais atuais e futuros, tanto por modelação quanto por modelagem (RODRIGUES; MIRANDA, 2001). Esse fato é corroborado com outras pesquisas que têm demonstrado a importância da interação da criança com seus cuidadores durante os primeiros anos de vida (GOMIDE, 2004; GOMIDE, 2006; GOMIDE, 2009).

À medida que os pais conduzem seus filhos pequenos da dependência total em direção às primeiras etapas da autonomia, o estilo de cuidados pode ter repercussões imediatas e duradouras sobre o funcionamento social de seus filhos em áreas como desenvolvimento moral, desenvolvimento social e sucesso escolar (BORNSTEIN;

BORNSTEIN, 2007). Para os autores, desenvolver um estilo parental adequado durante os primeiros anos da vida de uma criança representa um desafio para os pais.

As estratégias utilizadas pelos pais para orientar o comportamento de seus filhos são denominadas, por alguns autores, de práticas educativas parentais (GRUSEC; LYTTON, 1988; MUSSEN; CONGER; KAGAN; HUSTON, 1990). Essas práticas parentais têm função primordial no desenvolvimento das crianças, visto que se constituem o “alicerce” para a aquisição dos repertórios comportamentais futuros (GOMIDE, 2004). Ao conjunto de práticas educativas parentais ou atitudes parentais dos cuidadores que tem como objetivo educar, socializar e controlar o comportamento de seus filhos, Gomide (2006) define como Estilo Parental. O estilo parental das mães e suas práticas parentais possuem uma estreita relação com os seus repertórios comportamentais.

A literatura sobre práticas educativas e estilos parentais indica diferentes possibilidades de estudo. Alguns autores trabalham com estilos parentais definidos (BAUMRIND, 1967). Baumrind (1967) trabalhou com esta linha de estudos e descreveu os comportamentos dos pais sob três protótipos de controle: o controle autoritário, os pais são rígidos e autocráticos, modelam, controlam e avaliam o comportamento da criança de acordo com regras de conduta estabelecidas e normalmente absolutas; o controle permissivo, os pais exercem pouca autoridade, são excessivamente tolerantes, estabelecem poucas regras e limites aos filhos; e o controle autoritativo, os pais estabelecem regras e padrões de comportamento e os reforçam consistentemente, monitoram a conduta infantil, corrigindo as negativas e gratificando as positivas. Muitas pesquisas têm sido desenvolvidas utilizando essa tipologia de estilos parentais e vários instrumentos têm sido elaborados para medir os estilos (WEBER; BRANDENBURG; VIEZZER, 2003).

Outros autores analisam as práticas educativas a partir de uma perspectiva teórica diferente da de Baumrind. As práticas parentais são consideradas variáveis que podem tanto

desenvolver comportamentos pró-sociais quanto anti-sociais, dependendo da frequência e intensidade com que o casal parental utiliza estas estratégias educacionais (GOMIDE, 2004; GOMIDE, 2006).

Para a Análise do Comportamento, o comportamento é sempre multideterminado, ou seja, são diversas as variáveis que influenciam nas relações entre indivíduo e ambiente (LEME; BOLSONI-SILVA; CARRARA, 2009). Tais influências sobre o comportamento humano, em geral, são complexas e muitas vezes difíceis de serem detectadas (SKINNER, 1998). O comportamento é considerado um conjunto de interações entre o organismo e o seu ambiente, produto de três níveis de seleção, o filogenético (história da espécie), o ontogenético (história particular do indivíduo) e o cultural (história das práticas culturais) (SKINNER, 1998).

Diversas contingências podem atuar sobre o comportamento do bebê e, dentre elas, está o relacionamento entre pais e filhos. Para compreender o que influencia os pais a criarem os seus filhos de determinadas maneiras, e não de outras, é preciso analisar as multideterminações do comportamento parental. Diversas pesquisas buscaram relações entre as práticas parentais dos pais e variáveis como nível sócio econômico, idade dos pais, conflitos conjugais, diferenças nos gêneros de pais e filhos, número de filhos na família, ordem de nascimento, separações, divórcio, viuvez e recomposição familiar (MACCOBY, 1980; BAUMRIND, 1980; BOLSONI-SILVA, 2003). Sampaio (2007) salienta que o estudo das práticas educativas envolve uma infinidade de variáveis de difícil controle e, para uma melhor compreensão, é necessário realizar diversos recortes sem que se perca a dinâmica global do sistema familiar.

Tamis-LeMonda e Rodriguez (2008) ressaltam que os pesquisadores concordam que as habilidades parentais são determinadas tanto por características dos pais quanto de seus filhos. No que diz respeito aos pais, idade, escolaridade, renda e origem racial ou étnica, entre

outros, são fatores que possuem relação com as práticas parentais. Assim como as características da criança também influenciam no seu desenvolvimento, como sexo, idade, ordem de nascimento, temperamento, entre muitas outras.

Aspectos do ambiente podem ser de risco ou de proteção ao desenvolvimento do indivíduo (MARIN; PICCININI, 2007; PICCININI; FRIZZO; ALVARENGA; TUDGE, 2007; GOMIDE, 2006). Entre os fatores de risco potencialmente modificáveis que contribuem para o desenvolvimento de problemas comportamentais e emocionais em crianças, está a qualidade das práticas parentais (SANDERS; MORAWSKA, 2005). Maria-Mengel e Linhares (2007) ressaltam a importância de analisar de forma combinada tanto os riscos quanto os recursos, na criança e na família, que influenciam a promoção do desenvolvimento. A investigação dos potenciais fatores de risco, por parte dos profissionais da saúde, facilita a identificação das crianças mais vulneráveis, e possibilita o investimento em ações preventivas, inclusive com o adequado estímulo e ativação dos fatores de proteção ao desenvolvimento (VIEIRA; LINHARES, 2011).

Pesquisas sobre práticas parentais tem demonstrado que a forma como os pais interagem e educam seus filhos podem tanto promover comportamentos socialmente adequados, como favorecer o surgimento e/ou manutenção de comportamentos inadequados (BOLSONI-SILVA; MARTURANO, 2002; PATTERSON; REID; DISHON, 2002). Verifica-se uma relação entre práticas parentais inadequadas e comportamentos inadequados e/ou delinquentes, por parte de seus filhos (ROCHA; INGBERMAN, 2003; LÖHR, 2003; BOLSONI-SILVA; MARTURANO, 2002). Belsky (2005) enfatiza que diversos estudos estabeleceram uma relação entre práticas parentais sensíveis e responsivas e a manifestação de emoções positivas por parte da criança. Por outro lado, crianças irritáveis ou agressivas teriam sido submetidas a práticas parentais menos favoráveis e inadequadas. Quando os genitores utilizam-se de práticas parentais inadequadas, acabam promovendo, mesmo que sem

a intenção, o comportamento anti-social de suas crianças (DESSEN; SZELBRACIKOWSKI, 2004).

A exposição da criança a práticas parentais negativas e inadequadas, ou a sua privação de envolvimento afetivo com os pais e mães, aumenta sua vulnerabilidade a eventos ameaçadores externos ao seu ambiente familiar (PACHECO *et al.*, 2005; CIA; PAMPLIN; DEL PRETTE, 2006). Os estudos vêm apontando uma correlação positiva entre práticas parentais negativas (negligência, abuso físico, punição inconsistente, disciplina relaxada e monitoria negativa) e depressão, estresse e baixo repertório em habilidades sociais das crianças (PATTERSON; REID; DISHION, 2002; GOMIDE; SALVO; PINHEIRO; SABBAG, 2005).

De acordo com McMahon (2006) os tipos de práticas parentais que os pesquisadores têm associado ao aparecimento de problemas de conduta na criança incluem disciplina inconsistente, rígida, explosiva ou irritável, baixo nível de envolvimento, assim como supervisão e empenho insuficientes. Ressalta-se ainda que a utilização de práticas parentais inadequadas pode se tornar fonte de estresse para os genitores, afetando toda a dinâmica de funcionamento familiar (DESSEN; SZELBRACIKOWSKI, 2004).

Bolsoni-Silva e Del Prette (2002) ressaltam que os pais que possuem dificuldades interpessoais oferecem modelos de comportamentos inadequados para seus filhos e podem, inadvertidamente, contribuir para o aparecimento de “problemas de comportamento”, que seriam os déficits ou excedentes comportamentais que prejudicam a interação da criança com pares e adultos de sua convivência. De acordo com Bolsoni-Silva, Paiva e Barbosa (2009) problemas de comportamento estão direta e/ou indiretamente relacionados ao repertório comportamental dos pais. No entanto, diversas variáveis de contexto (estrutura familiar, necessidades educativas especiais da criança, cultura, nível socioeconômico, idade dos pais, depressão materna, conflitos conjugais e diferenças de gênero dos filhos e dos pais) podem

influenciar direta ou indiretamente na forma como os pais interagem com seus filhos (BOLSONI-SILVA; DEL PRETTE, 2003).

Os efeitos da punição podem ser minimizados se esta for menos freqüente e se outras habilidades parentais co-ocorrerem, tais como expressão de sentimentos, expressão de opiniões, comunicação positiva, reforçamento positivo e, também, consistência nas práticas parentais, as quais parecem funcionar como fatores de proteção contra o surgimento e manutenção de problemas de comportamento (BOLSONI-SILVA; MARTURANO, 2007). Pais socialmente habilidosos, que estabelecem um ambiente familiar acolhedor e utilizam-se de práticas parentais positivas, atuam como fatores de proteção (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 1999; CIA; PAMPLIN; DEL PRETTE, 2006).

As relações interpessoais devem ser pautadas no respeito mútuo e no equilíbrio de reforçadores, para que ambos os pólos sejam igualmente reforçados (BAUM, 1999). Bolsoni-Silva e Marturano (2002) ressaltam que a forma como os pais educam seus filhos parece ser crucial à promoção de comportamentos socialmente adequados, no entanto, com freqüência, as famílias acabam estimulando comportamentos inadequados. Os pais tendem a ser não contingentes no uso de reforçamento positivo para comportamentos pró-sociais (ignorando-os ou respondendo de forma inapropriada) e empregam, freqüentemente, punições para comportamentos desviantes (BOLSONI-SILVA; MARTURANO, 2002). Quando os pais utilizam-se de práticas educativas contingentes o resultado é o de fornecer à criança, entre outras coisas, previsibilidade e, portanto, organização ao seu repertório comportamental (ALVARENGA; PICCININI, 2007). Por outro lado, de acordo com os autores, práticas parentais não contingentes levariam ao desenvolvimento de um repertório pobre em competência social e aos problemas de comportamento externalizantes.

Para promover comportamentos adequados em seus filhos, os pais necessitam ter comportamentos descritos como habilidades sociais educativas. De acordo com Del Prette e



Del Prette (2001) as Habilidades Sociais Educativas (HSE) são aquelas intencionalmente voltadas para a promoção do desenvolvimento e da aprendizagem do outro, em situação formal ou informal. Nesse sentido, as HSE poderiam ser consideradas como parte das práticas educativas positivas. Ao conjunto de habilidades sociais dos pais, aplicáveis à prática educativa dos filhos Bolsoni-Silva (2008) define como Habilidades Sociais Educativas Parentais (HSE-P).

Na interação pais-filhos, Bolsoni-Silva e Loureiro (2010) propõem a classificação das HSE-P em: comunicação (conversar, perguntar), expressão de sentimentos e enfrentamento (expressar sentimentos positivos, negativos e opiniões, demonstrar carinho, brincar) e estabelecimento de limites (identificar e consequenciar comportamentos socialmente habilidosos e não habilidosos, estabelecer regras, ter consistência, concordar com cônjuge, cumprir promessas, identificar erros e pedir desculpas). Esses comportamentos dos pais são considerados práticas positivas de educação e, para tanto, precisam ocorrer de forma socialmente habilidosa e não de maneira coercitiva, que seriam práticas parentais negativas, como bater, gritar, ameaçar (BOLSONI-SILVA; LOUREIRO, 2010).

A expressão de afeto é uma habilidade social de extrema importância na primeira infância. Essa habilidade é uma variável preventiva dos problemas de comportamento, já que transmite ao filho a sensação de ser amado e aceito, inibindo problemas como a agressividade, a insegurança, a instabilidade e a vulnerabilidade (GOMIDE, 2004). Estudos têm demonstrado que filhos de pais afetuosos, receptivos às questões e às emoções da criança, que fixam limites e exigem competência, têm maior probabilidade do que outras crianças de serem bem-sucedidos nos primeiros anos de escolarização e de terem um bom relacionamento com seus colegas (STEINBERG, 2001)

A expressão de sentimentos de modo não habilidoso não contribui para o estabelecimento de vínculos afetivos entre os pais e seus filhos (BOLSONI-SILVA; PAIVA;

BARBOSA, 2009). Em uma pesquisa conduzida pelos autores com o objetivo de caracterizar queixas e dificuldades de 59 pais/cuidadores que buscaram atendimento psicológico em um Centro de Psicologia Aplicada, obtiveram resultados que demonstraram que, ao expressar sentimentos negativos de modo não habilidoso, os pais são modelo para que as crianças reajam de modo semelhante, apresentando comportamentos não habilidosos ativos, tais como agressividade, gritar, bater e espernear.

### **1.2.1 PRÁTICAS PARENTAIS POSITIVAS E NEGATIVAS**

Gomide (2006) descreve sete práticas educativas que compõem o Estilo Parental, sendo duas positivas relacionadas ao desenvolvimento dos comportamentos pró-sociais e cinco negativas relacionadas aos comportamentos anti-sociais. As práticas consideradas positivas são: monitoria positiva e o comportamento moral. As práticas consideradas negativas são: negligência, abuso físico, disciplina relaxada, punição inconsistente e monitoria negativa.

A **Monitoria Positiva** envolve a atenção para a localização dos filhos, para suas atividades e formas de adaptação dos mesmos em diferentes contextos (DISHION; MCMAHON, 1998). As demonstrações de carinho e afeto dos pais, principalmente aquelas relacionadas aos momentos de maior necessidade da criança, também fazem parte dos componentes da monitoria positiva. O apoio e o amor dos pais são à base da monitoria positiva, porque unidos ao interesse real da criança, criam um ambiente propício para a revelação infantil (GOMIDE, 2004).

A prática educativa **Comportamento Moral** implica em promover condições favoráveis ao desenvolvimento das virtudes, tais como, empatia, senso de justiça, responsabilidade, trabalho, generosidade, enfim, a aquisição e o exercício de valores culturalmente aceitos (GOMIDE, 2004). É um processo de modelagem de papéis sociais no que se relaciona principalmente à transmissão de normas e valores mediante modelo fornecido pelos pais (GOMIDE, 2004; PRUST; GOMIDE, 2007).

De acordo com Prust e Gomide (2007) o comportamento moral é uma das variáveis que inibem o desenvolvimento de comportamento anti-social. Segundo as autoras, os pais oferecem modelos de valores esperados no ambiente familiar e que podem ser generalizados em outras circunstâncias, ao interagirem com seus filhos de maneira afetuosa e empática, ao explicitarem sua opinião, aprovação ou desaprovação das situações vividas por eles próprios, pelos filhos ou por outras pessoas e, ao responsabilizarem-se e repararem um dano causado a alguém. As autoras realizaram uma pesquisa com dois grupos de 30 adolescentes e seus pais, sendo um grupo considerado de risco e outro de não risco. Os resultados demonstram que as médias dos escores do Índice de Comportamento Moral para famílias de não risco e risco são estatisticamente diferentes. O teste de correlação de Spearman verificou que os escores dos adolescentes no Índice de Comportamento Moral correlacionam-se positivamente com os escores dos pais e mães. As autoras concluíram que quando os pais apresentam níveis elevados de comportamento moral, os filhos também os apresentam e vice-versa. Esses dados, portanto, são bons indicadores de que é preciso que os pais incorporem entre suas tarefas educativas o exercício de atividades que desenvolvam as virtudes, tanto dando modelos apropriados como oportunidades aos filhos para vivenciarem situações na quais os valores morais estão presentes.

A prática **Negligência** envolve a ausência de atenção e afeto. De acordo com Gomide (2004), os pais negligentes agem como espectadores e não como participantes da

educação. Essa situação pode ser caracterizada por falta de atenção, descaso, ausência dos pais, omissão ou, mesmo, pela falta de amor. Bolsoni-Silva e Marturano (2002) ressaltam que quando os filhos são criados em condições negligentes, tornam-se pouco tolerantes à frustração, com pouca motivação para seguirem normas sociais e relativamente imunes ao remorso.

Rodrigues, Altafim e Schiavo (2010) verificaram que mães de bebês com mais de oito meses relatavam utilizar-se mais da prática Negligência do que mães de bebês mais novos, sugerindo que à medida que o bebê cresce as mães se utilizam mais dessa prática negativa. Em outra pesquisa realizada por Rodrigues, Altafim, Schiavo e Valle (2011) observou-se que mães adolescentes de bebês de até 12 meses de idade, após a participação em um grupo de intervenção, relataram utilizar menos a prática parental Negligência. Assim, de acordo com as autoras, o grupo de intervenção atuou de forma preventiva em relação a essa prática, já que as mães passaram a utilizá-la com menor frequência. Esses dados corroboram a importância da avaliação das práticas parentais no início da infância, para a realização de intervenções que promovam a melhoria de práticas educativas maternas.

O **Abuso Físico** compreende o uso de ameaça, chantagem e castigos físicos. De acordo com Bolsoni-Silva e Marturano (2002) os filhos expostos à violência por longos períodos, freqüentemente comportam-se de forma agressiva. Silvares (2004) resalta que as crianças que sofrem abuso físico dos pais têm uma maior probabilidade para sofrer problemas de saúde, problemas de comportamento e déficits cognitivos e emocionais.

O uso de punição corporal em práticas educativas parentais foi investigado por Weber, Viezzer e Brandenburg (2004), por meio do relato 472 crianças e adolescentes de ambos os sexos e com idade entre oito e 16 anos. Os resultados deste trabalho revelaram que a maioria absoluta das famílias das crianças e dos adolescentes pesquisados já utilizou ou ainda

utiliza punições corporais (86,1%), especialmente tapas e palmadas, como uma prática educativa, segundo o relato dos participantes.

A prática **Disciplina Relaxada** implica o não cumprimento das regras pré-estabelecidas. De acordo com Gomide (2003) se as mães, com frequência, estabelecem regras e não as cumprem, a criança desenvolverá basicamente três tipos de atitudes: a primeira é a aprendizagem de que regras não são para serem cumpridas; a segunda é a possibilidade de se desrespeitar a autoridade e, a terceira, é aprender a manipular emocionalmente a situação para não cumprir as regras estabelecidas.

Rodrigues, Altafim e Schiavo (2011) pesquisaram os estilos e práticas parentais de 111 mães de bebês de até 12 meses de idade e verificaram que, entre as práticas negativas, a Disciplina Relaxada é a mais utilizada pelas mães, principalmente por mães de bebês mais velhos. De acordo com as autoras, uma hipótese a ser considerada é que quando os bebês são mais novos as mães não precisam estabelecer muitas regras, porém isso é modificado à medida que os bebês crescem e passam a interagir mais efetivamente no seu ambiente. As mães estabelecem as regras, ameaçam, mas muitas vezes não cumprem o que dizem, quando se confrontam com comportamentos opositores, como o choro. Esses são comportamentos que resultam em reforço intermitente da mãe para o bebê e reforçam comportamentos de birra e choro que ele emite para obter atenção que nunca sabe quando vem (RODRIGUES; ALTAFIM; SCHIAVO, 2011).

Um dos comportamentos da prática parental de mães de bebês referente à Disciplina Relaxada é o de estabelecer uma rotina, mas nunca conseguir segui-la. O estabelecimento de rotina permite que, tanto o bebê quanto a mãe, consigam fazer previsões sobre o comportamento e o ambiente, o que pode trazer diversos benefícios para ambos, como segurança e previsibilidade, sendo que uma consequência deles é a regulação do sono do bebê. As mães que estabelecem rotinas nos cuidados com o bebê poderão resolver mais

facilmente eventuais imprevistos sem que a atenção e os cuidados com o bebê sejam prejudicados (SPRADLIN, 1999).

A prática educativa **Punição Inconsistente** depende do humor do adulto para punir ou reforçar comportamentos (GOMIDE, 2006). Essa prática parental é caracterizada pela inconstância nas conseqüências. Os pais agem ora punindo, ora ignorando, ora até aplaudindo um comportamento em função de seus estados emocionais. Essa prática permite que a criança aprenda a discriminar o humor dos pais e não a adequação do comportamento (GOMIDE, 2004). De acordo com Carvalho e Gomide (2005) quando o pareamento for inconsistente e dependente do estado de humor momentâneo dos pais, haverá dificuldade na aquisição de parâmetros para as ações das crianças, que agirão de forma inadequada futuramente, gerando diferentes emoções nos pais. As autoras ressaltam que os filhos que sofrem a punição inconsistente tendem a ter maior dificuldade em discriminar o certo e o errado, o que ocasiona uma formação de valores morais distorcida, pois o conceito não é aprendido e, sim, a situação em que ele deve ser aplicado (CARVALHO; GOMIDE, 2005).

A prática educativa **Monitoria Negativa** compreende o excesso de regras que resulta no não cumprimento das mesmas, criando um clima de hostilidade (GOMIDE, 2006). Nesse modelo de controle de comportamento do filho, os pais exageram na vigilância ou fiscalização, repetindo inúmeras vezes certas instruções, gerando um tipo de supervisão estressante. Além disso, é um indicador de desconfiança, conduzindo à falta de diálogo e à invasão de privacidade, o que acaba incitando o filho a cometer atos escondidos e a mentir (CARVALHO; GOMIDE, 2005).

Baseando-se nas práticas educativas parentais, Gomide (2006) propõe um Inventário de Estilos Parentais (IEP) com o objetivo de realizar o diagnóstico de famílias de risco e de não-risco social. Em caso de famílias de risco social, é possível a implementação de intervenções e, posteriormente, a avaliação de mudanças. O IEP tem sido utilizado tanto para

identificar os estilos e práticas parentais positivas e negativas sob o ponto de vista dos pais (PRUST; GOMIDE, 2007), dos pais e dos filhos (CARVALHO; GOMIDE, 2005) e dos filhos (GOMIDE, 2009).

### **1.3 PESQUISAS SOBRE PRÁTICAS PARENTAIS**

As práticas educativas parentais têm sido objeto de estudo de inúmeras investigações. No início da infância é possível identificar práticas educativas que, mais tarde, poderão ter reflexos no comportamento infantil. Estudos têm sido desenvolvidos com mães de bebês com o objetivo de identificar a relação entre práticas parentais e variáveis como idade da mãe e do bebê, assim como o efeito de um programa de intervenção com mães adolescentes (ALTAFIM; SCHIAVO; RODRIGUES, 2008; RODRIGUES *et al.*, 2011).

Pesquisas recentes tem investigado diferentes variáveis que podem estar correlacionadas com os estilos e práticas parentais. Dascanio, Rodrigues e Valle (2010) investigaram a relação entre o desempenho intelectual de crianças com alta e baixa plumbemia e os estilos parentais maternos. Participaram deste estudo 80 sujeitos, sendo 40 crianças entre sete e 13 anos de idade, de ambos os sexos, e suas respectivas mães, todos moradores da área de risco próximo ao local de contaminação. As crianças foram divididas em dois grupos: G1 – 20 crianças com alta plumbemia (superior a 10µg/dl); e G2 – 20 crianças com baixa plumbemia (inferior a 10 µg/dl). Os resultados apontaram prejuízos no WISC-III para as crianças com alta plumbemia e o predomínio de práticas educativas negativas foi encontrado em ambos os grupos. Tais resultados sugerem que um ambiente com fontes de estimulação pode minimizar os prejuízos causados pela contaminação, sendo que as práticas educativas dos pais poderiam contribuir, tendo uma influência moderadora dos

efeitos do chumbo. Nesse caso, a utilização com alta frequência de práticas parentais positivas e a ausência ou, baixa frequência, de práticas parentais negativas no comportamento materno poderiam atuar como fatores de proteção.

Ao investigar as práticas educativas parentais de crianças com deficiência auditiva e de linguagem, Bolsoni-Silva *et al.* (2010) tiveram como objetivos: (a) comparar o repertório positivo e negativo de mães e crianças com deficiência auditiva (DA) e distúrbio de linguagem (DL); (b) comparar cada uma das deficiências com grupo não clínico e, (c) correlacionar comportamentos para cada uma das deficiências. Participaram 72 mães, cujos filhos apresentavam DA (n = 27), DL (n = 19) ou compunha uma população não clínica (n = 26). O instrumento utilizado foi o Roteiro de Entrevista de Habilidades Sociais Educativas Parentais, que avalia a ocorrência de habilidades sociais aplicáveis às práticas educativas. Os resultados demonstraram a associação entre práticas positivas e habilidades sociais, bem como entre práticas negativas e problemas de comportamento. O grupo de DL não apresentou mais problemas que as crianças não clínicas, sugerindo a participação de intervenções de caráter preventivo, facilitando a inclusão social. Por outro lado as crianças com DA apresentaram menos habilidades sociais, bem como suas mães, menos habilidades sociais educativas.

Um estudo realizado por Bolsoni-Silva e Loureiro (2011) teve como objetivo comparar práticas educativas parentais e comportamentos de crianças de um grupo de crianças considerado clínico/com problema de comportamento (n = 27), com um grupo de crianças não clínico/sem problema de comportamento (n = 26). Os resultados apontaram que os comportamentos que diferenciam os grupos clínico e não clínico são, sobretudo, os relacionados às práticas educativas positivas e às habilidades sociais infantis.

Minetto, Crepaldi, Brigas e Moreira (2012) pesquisaram o nível de estresse parental e as práticas educativas utilizadas por pais de crianças entre zero e seis anos de idade,



com desenvolvimento típico e com desenvolvimento atípico (deficiência intelectual e síndrome de Down). Participaram da pesquisa 61 pais divididos em três grupos (pais de filhos com deficiência intelectual, pais de filhos com síndrome de Down e pais de filhos com desenvolvimento típico). Os resultados evidenciam que há diferença na escolha de práticas educativas entre os três grupos de pais estudados. Pais de filhos com desenvolvimento típico mostraram menor índice geral de estresse, apresentaram características de práticas educativas com perfil parental mais autoritativo, com destaque às estratégias que envolvem liberdade, expressão de afeto e incentivo à autonomia. Apresentaram diferenças significativas no fator externalização do afeto se comparados com os pais das crianças com deficiência intelectual. Os pais de filhos com deficiência intelectual apresentaram práticas educativas que mais se diferenciam dos outros grupos de pais, com característica mais autoritária, com tendência a pouca supervisão das ações do filho, imposição de limites sem reflexão e pouca expressão de afeto. Pais de filhos com a síndrome de Down mostraram práticas educativas com alguma semelhança àquelas dos pais de filhos com desenvolvimento típico, evidenciando maior controle do comportamento da criança (supervisão) e menos investimento na autonomia. As autoras ressaltam a importância do investimento em ações de orientação e apoio aos pais na tarefa de educar seus filhos, tanto para pais de filhos com desenvolvimento típico, quanto para pais de filhos com desenvolvimento atípico. Enfatizam que tais programas podem colaborar para minimizar o nível de estresse parental, favorecendo a elaboração de estratégias de enfrentamento de situações adversas.

Com o objetivo de comparar as práticas educativas indutivas, coercitivas e de não interferência maternas e paternas aos 24 e aos 72 meses de vida da criança, Marin, Piccinini e Tudge (2011) realizaram um estudo. Participaram 24 mães e pais filhos únicos, que responderam uma entrevista para avaliação dessas práticas. Os resultados revelaram que as mães foram significativamente mais indutivas que os pais aos 24 meses, mas aos 72 meses

não houve diferenças. Os autores enfatizam que as mães tendem a conversar mais com seus filhos/as, expressar sentimentos, opiniões, estabelecer limites e elogiar comportamentos adequados. As mães também apresentaram médias mais elevadas no total de práticas relatadas, o que pode ser explicado pelo papel predominante que ainda exercem na socialização infantil, embora os pais venham participando mais da educação dos filhos/as.

Uma revisão da literatura brasileira sobre práticas parentais foi realizada por Macarini, Martins, Minetto e Vieira (2010) a partir da análise de 64 estudos nacionais e constataram a existência de uma lacuna de estudos que focalizem as práticas parentais durante o primeiro ano de vida da criança, bem como de instrumentos fidedignos que possam ser utilizados para esta investigação. Entre os estudos que focalizaram a primeira infância, pode-se afirmar que, em geral, investigavam as práticas com crianças próximas aos três anos de idade e não com bebês.

Os principais instrumentos brasileiros padronizados de avaliação de práticas parentais são voltados para escolares e adolescentes, assim como foi verificado um predomínio de estudos sobre práticas parentais com adolescentes (MACARINI *et al.*, 2010). Os autores destacaram, ainda, que pesquisadores estrangeiros têm investido em fases iniciais do desenvolvimento por dois principais motivos. O primeiro é teórico, já que o estudo da interação do bebê com seus cuidadores possibilita a compreensão da interação entre a biologia e a cultura. O segundo motivo é prático, pois o estudo voltado para pais e bebês pode embasar intervenções precoces, visando à promoção do desenvolvimento da criança e da família como um todo. Eles ressaltaram que trabalhar com as relações iniciais cuidador-criança é uma forma de atuar na prevenção e promoção da saúde e do desenvolvimento, uma vez que os padrões de relação ainda estão sendo estabelecidos. De acordo com Goodnow (2006) a pesquisa sobre habilidades parentais é um caminho para compreender o desenvolvimento e uma base potencial para ações clínicas, educacionais e sociais.

Pesquisas sobre práticas parentais eficazes podem ajudar os pais a encontrar o equilíbrio adequado entre a sensibilidade e o controle e, então, desenvolver um estilo parental adequado (BORNSTEIN; BORNSTEIN, 2007). Os autores apontam que pesquisas sobre interações pais-filhos devem ser ampliadas continuamente, para avaliar os resultados em uma maior diversidade de grupos étnicos, raciais, culturais e socioeconômicos, e também em meio a crianças de diferentes faixas etárias. Desse modo, os benefícios da pesquisa poderão favorecer famílias em todos os tipos de situação.

## **1.4 INFLUÊNCIA DAS VARIÁVEIS SEXO E IDADE DO BEBÊ E IDADE E ESCOLARIDADE MATERNA**

### **1.4.1 INFLUÊNCIA DO SEXO DA CRIANÇA**

Uma das variáveis apontada pelas pesquisas como um fator de influência na determinação das práticas parentais é o sexo da criança (GOMIDE; GUIMARÃES, 2003; GOMIDE, 2006; FIESE; SKILLMAN, 2000; RALEY; BIANCHI, 2006; WEBER; PRADO; VIEZZER; BRANDENBURG, 2004;). No entanto, não existe um consenso entre os pesquisadores. Algumas pesquisas demonstraram que essa não é uma variável forte na determinação do investimento parental (KELLER; ZACH, 2002). Por outro lado, uma pesquisa de revisão bibliográfica recente, concluiu que, de modo geral, existem diferenças no modo como pais e mães relacionam-se com seus filhos e filhas e que, portanto, meninos e meninas apresentam formas particulares de lidar com suas competências e dificuldades (SAMPAIO, 2007).

Raley e Bianchi (2006), em seu estudo de revisão, concluem que, a literatura como um todo sugere que o sexo das crianças tem implicações para a forma como os pais cuidam e educam, passam o tempo com, investem, e, finalmente, recebem cuidados de seus filhos mais tarde na vida. Exemplo, as filhas fazem mais tarefas domésticas do que os filhos. O suporte nas atividades educativas varia, sendo alguns comportamentos mais frequentes com meninos, e outros com meninas (RALEY; BIANCHI, 2006). Os autores relatam um estudo realizado por Fiese e Skillman (2000) que observou os pais contando histórias para os seus filhos de quatro anos de idade. Ao serem instruídos a contar uma história sobre sua infância, os pais de meninos enfatizaram mais temas de autonomia, do que os pais de meninas.

As práticas parentais de dois grupos, um de escolas públicas e outro de escolas particulares, com relação ao gênero, foram comparadas em um estudo realizado por Gomide e Guimarães (2003). Os resultados demonstraram que, em relação às práticas educativas maternas, verificou-se que as meninas da escola particular perceberam suas mães com maior índice de punição inconsistente (punidas ou não pelo mesmo comportamento) do que os meninos e, que, as meninas da escola pública perceberam suas mães mais negligentes do que os meninos.

Ao comparar as práticas parentais considerando o sexo dos filhos, Gomide (2006) encontrou diferenças significativas nas práticas maternas. As práticas comportamento moral e monitoria positiva aparecem mais no relato de mães de meninas. Por outro lado, as práticas abuso físico e disciplina relaxada são mais utilizadas com meninos. Nas outras práticas não foram encontradas diferenças significativas.

Sampaio e Vieira (2010) encontraram resultados semelhantes em relação à prática comportamento moral, em uma pesquisa com 322 adolescentes entre 13 e 17 anos. Na coleta de dados um dos instrumentos utilizados foi o Inventário de Estilos Parentais (GOMIDE, 2006). Ao comparar os Índices de Estilo Parental (*iep*) maternos utilizados com meninas e

meninos não foram encontradas diferenças significativas. Considerando cada prática educativa em separado segundo o gênero dos filhos, observou-se que os escores maternos diferenciaram-se estatisticamente na prática de comportamento moral, apenas. O grupo feminino avaliou as mães como mais atuantes nessa prática do que o masculino ( $U = 10295$ ;  $p < 0,05$ ).

A fim de explorar os estilos parentais entre famílias brasileiras, Weber, Prado, Viezzer e Brandenburg (2004) realizaram uma pesquisa com 239 crianças (de 9 a 12 anos, de duas escolas municipais de Curitiba) e seus respectivos pais. Os participantes responderam a duas escalas de responsividade e exigência parental. Ao comparar nas dimensões de exigência e responsividade isoladamente de acordo com o gênero da criança verificou-se uma diferença significativa entre meninos e meninas quanto à exigência, demonstrando que, mesmo sendo pequena a diferença entre as médias, os pais (pai e mãe) são um pouco mais exigentes com as filhas do que com os filhos. Já na dimensão de responsividade, não foi possível encontrar diferença significativa entre os gêneros, ou seja, os pais (pai e mãe) são tão responsivos com os filhos quanto com as filhas. De acordo com as autoras, as diferenças encontradas podem ter uma explicação cultural. Normalmente, no senso comum se imagina que as meninas precisam de mais cuidados por serem mais frágeis, e que por sua vez, os meninos são fortes, têm mais autonomia e acabam sendo mais negligenciados por seus pais. O fato de a diferença encontrada ter sido na dimensão de exigência mostra que os pais controlam mais a filha do que o filho (WEBER; PRADO; VIEZZER; BRANDENBURG, 2004).

Comparações entre práticas parentais das mães de meninas e meninos com alta e baixa plumbemia foram realizadas por Dascanio, Rodrigues e Valle (2010). Ao comparar mães de meninas com alta plumbemia com mães de meninas com baixa plumbemia as autoras constataram diferença significativa para a prática educativa Disciplina Relaxada ( $p = 0,04$ ), indicando que as mães de meninas com alta plumbemia utilizam mais essa prática. Quando

comparadas as práticas parentais das mães de meninos com baixa plumbemia com as de alta plumbemia não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas. No entanto, o estudo não relata a realização de análises comparativas entre mães de meninas com alta ou baixa plumbemia com mães de meninos com alta ou baixa plumbemia, não sendo possível, portanto verificar a existência de diferenças nas práticas parentais de acordo com o sexo da criança.

Em uma análise comparativa realizada com 76 mães adolescentes com bebês até 12 meses de idade, sendo 37 mães de bebês do sexo feminino e 39 mães de bebês do sexo masculino, em um estudo conduzido por Nogueira *et al.* (2009), foi constatada através do teste Mann-Whitney uma diferença significativa na prática monitoria positiva ( $p = 0.02$ ), demonstrando que as mães de meninas utilizam-se mais essa prática do que as mães de meninos. Nas demais práticas educativas não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas relacionadas ao sexo do bebê. Essa análise demonstra que é possível observar diferenças nas práticas parentais relacionadas ao sexo da criança desde as primeiras relações que as mães adolescentes estabelecem com seus bebês.

#### **1.4.2 INFLUÊNCIA DA IDADE DA CRIANÇA**

É importante verificar as práticas parentais das mães logo no início da infância, uma vez que estas possuem uma função primordial no desenvolvimento das crianças e uma estrita relação com os repertórios comportamentais pró-sociais destas. Bolsoni-Silva (2003) ressalta a importância de estudar os pais na primeira infância com o objetivo de evitar a continuidade dos problemas de comportamento que podem assumir dimensões maiores na adolescência.

Pesquisas têm demonstrado que os estilos e práticas parentais passam por mudanças significativas ao longo do desenvolvimento da criança, decorrentes de modificações no comportamento infantil (PICCININI *et al.*, 2007; RODRIGUES; ALTAFIM; SCHIAVO, 2011; MARIN; PICCININI; TUDGE, 2011). De acordo com Marin, Piccinini e Tudge (2011) a estabilidade, assim como mudanças nas práticas educativas parentais, tendem a estar presentes ao longo do desenvolvimento da criança. Se por um lado, as famílias parecem manter um padrão de relacionamento estável ao longo do tempo e apesar das eventuais mudanças nas práticas educativas, muitas delas tendem a preservar os valores parentais, por outro, o desenvolvimento da criança produz mudanças que requerem dos pais e da própria criança formas diferentes de interação. À medida que a criança cresce, antigas expectativas e regras parentais mudam para se adaptar as novas demandas e habilidades infantis (MARIN; PICCININI; TUDGE, 2011). Bornstein e Bornstein (2007) ressaltam que ainda que a qualidade das práticas parentais se modifique, melhore ou piore à medida que as crianças crescem e os pais encontram novos desafios, os estilos parentais tendem a permanecer relativamente estáveis durante longos períodos de tempo.

Em uma análise conduzida por Altafim (2007), foi realizada uma comparação dos estilos parentais das mães adolescentes após a participação em um programa de práticas parentais. Observou-se que as mães de bebês de quatro a cinco meses de idade apresentaram estilo parental ótimo (75%) e bom (25%). Já as mães de bebês com idade acima de sete meses apresentaram estilo parental ótimo (40%) e estilo parental regular (60%). Em outra análise conduzida pela autora foram comparadas as práticas parentais de 111 mães de bebês e foi verificada diferença significativa entre mães de bebês mais novos e mães de bebês mais velhos. As últimas estariam utilizando mais as práticas de disciplina relaxada e negligência (ALTAFIM, 2009). Esses resultados sugerem que pode haver uma relação entre a idade do bebê e as práticas parentais, mostrando que há uma tendência a utilizar mais práticas parentais

negativas com o aumento da idade dos bebês que se manifestam mais e passam a exigir mais atenção e disponibilidade das mães.

As práticas de mães de bebês adultos e adolescentes foram analisadas por Rodrigues, Altafim e Schiavo (2011). As participantes do estudo responderam ao Inventário de Estilos Parentais de Mães de Bebês (IEPMB). Comparando as idades dos bebês, mães de bebês de até quatro meses de idade com mães de bebês de cinco a oito meses de idade os resultados apontaram para diferença significativa na prática disciplina relaxada, mães de bebês mais velhos, que utilizam mais esta prática. Também foi verificada uma diferença significativa entre mães de bebês com até quatro meses de idade e mães de bebês com idade entre oito e 12 meses, na prática Negligência, verificou-se que mães de bebês mais velhos a utilizaram com maior frequência. Em relação às outras práticas não foram encontradas diferenças significativas. Os resultados sugerem que, à medida que o bebê cresce, as mães utilizam-se mais de algumas práticas negativas.

Piccinini *et al.* (2007) conduziu uma pesquisa com o objetivo de analisar as práticas educativas de pais e mães de crianças de 18 meses de idade. Os resultados revelaram que as práticas indutivas, que são aquelas que buscam atingir o objetivo disciplinar indicando para a criança as conseqüências do seu comportamento e chamando sua atenção para os aspectos lógicos da situação, são utilizadas em maior frequência tanto pelas mães quanto pelos pais. No entanto, há, também, a prevalência de práticas coercitivas (aplicação direta da força, incluindo punição física, privação de privilégios e afeto ou uso de ameaças), o que mostra que mesmo em se tratando de crianças pequenas, a coerção representa uma importante estratégia de regulação do comportamento infantil. Os autores ressaltaram a importância de compreender o momento inicial de socialização da criança na família, pois ao se investigar as práticas educativas no início da infância pode-se contribuir para a elaboração de estratégias de



intervenções precoces que podem prevenir futuros problemas no desenvolvimento infantil e familiar.

Um estudo realizado por Marin, Piccinini e Tudge (2011) teve como objetivo examinar a estabilidade e mudança nas práticas educativas maternas e paternas, em particular o uso de práticas indutivas, coercitivas e de não interferência aos 24, 36 e 72 meses de vida da criança com 24 mães e pais que tinham um único filho. Quando as crianças completaram 24 e 72 meses de vida eles responderam a uma entrevista para a avaliação das práticas educativas. Já aos 36 meses, as famílias foram observadas durante o almoço, quando as práticas educativas também foram investigadas. Os resultados indicaram diferenças quanto às práticas indutivas maternas entre os 24 e 36 meses, bem como entre as práticas de não interferência entre os 24 e 36 meses e, também, entre os 36 e 72 meses. Quanto aos pais, as diferenças foram encontradas entre as práticas indutivas aos 24 e 72 meses e entre as práticas de não interferência aos 24 e 36 meses e aos 36 e 72 meses. Os resultados sugerem que tanto estabilidade quanto mudanças estão presentes nas práticas educativas parentais ao longo do desenvolvimento da criança.

### **1.4.3 INFLUÊNCIA DA IDADE MATERNA**

A idade materna tem sido apontada como um importante fator de influência na relação entre a mãe e a criança (FRAGA *et al.*, 2008; FOX; PLATZ; BENTLEY, 1995). Apesar de alguns estudos salientarem implicações negativas da maternidade adolescente, outros, no entanto, não apontam diferenças na forma como as mães adultas e adolescentes cuidam e educam seus filhos (ALTAFIM, 2009; BICALHO; SILVA; BARROS-FILHO, 2007).

Fraga *et al.* (2008) em uma pesquisa realizada com 14 crianças aos 12 meses de idade e suas mães verificaram associações entre as características maternas e os indicadores desenvolvimentais. Os resultados mostraram que quanto mais jovem a mãe na gravidez e, conseqüentemente, mais jovens as cuidadoras, pior o desempenho em itens referentes à resolução de problemas, linguagem e ficar em pé. De acordo com as autoras essa associação pode estar relacionada tanto ao risco biológico da gravidez precoce para o desenvolvimento do bebê quanto à interação da mãe mais jovem com seu filho.

Comparando mães de bebês, 52 adolescentes e 59 adultas, Altafim (2009) não encontrou diferenças significativas entre as práticas parentais utilizadas por elas. Vieira, Bicalho, Silva e Barros-Filho (2007) correlacionaram o crescimento e o desenvolvimento de filhos de mães adolescente com os de mães adultas e também não encontraram diferenças entre os dois grupos, sugerindo que mães adolescentes e adultas cuidam com sucesso de seus filhos. No entanto, Fox, Platz e Bentley (1995) em uma investigação com 1.056 mães norte-americanas de crianças de um a quatro anos encontraram resultados indicando que o uso de práticas coercitivas era mais freqüente entre mães solteiras adolescentes do que entre mães solteiras adultas.

Apesar de vários estudos indicarem os riscos de ser filho de mãe adolescente e, ainda, que ela seja considerada freqüentemente incapaz de cuidar de uma criança, há controvérsias quanto ao resultado final do seu desempenho e as conseqüências para o seu filho (VIEIRA; BICALHO; SILVA; BARROS FILHO, 2007). Scappaticci, Iacoponi e Blay (2004) compararam a interação mãe/bebê, entre mães adultas e adolescentes e encontraram que as mães adolescentes oferecem mais o seio para amamentação e estimulam mais os seus bebês. Por outro lado, Falcão e Salomão (2005) apontam que, em muitos casos, as avós maternas acabam fazendo o papel de mãe substituta do filho de sua filha adolescente, pois nem sempre a jovem vive com o pai do bebê e, sim, com sua família de origem, ficando, na

maior parte dos casos, os avós maternos exercendo o papel dos jovens pais. A maternidade precoce estabelece a seguinte condição: ainda que não totalmente preparados, adolescentes se vêm às voltas com a necessidade de cuidar e educar seus filhos. Educá-los passa pela utilização de práticas parentais.

#### **1.4.4 INFLUÊNCIA DA ESCOLARIDADE MATERNA**

Estudos têm demonstrado que a escolaridade materna é um fator de influência na relação entre as mães e os seus filhos (MOURA *et al.*, 2004; ANDRADE *et al.*, 2005; RIBAS; SEIDL-DE-MOURA; GOMES; SOARES; BORNSTEIN, 2003; FRAGA *et al.*, 2008; KOBARG; VIEIRA, 2008). Fato corroborado pela revisão de literatura realizada por Silva *et al.* (2011), a respeito das influências da escolaridade materna no desenvolvimento infantil que constatou, a partir dos estudos revisados, a influência da escolaridade materna no desenvolvimento sensório-motor, cognitivo e emocional de crianças de zero a três anos. De acordo com a maioria dos estudos analisados nessa revisão o baixo nível escolar da mãe é um fator de risco para o desenvolvimento infantil.

Moura *et al.* (2004) conduziram uma pesquisa com 405 mães primíparas, com filhos de zero a um ano de idade, distribuída por seis cidades em diferentes regiões do Brasil, que pretendeu analisar a relação entre conhecimento sobre desenvolvimento infantil e variáveis da mãe e do bebê. Para a coleta de dados utilizou-se o Inventário do Conhecimento do Desenvolvimento Infantil (KIDI). Os resultados confirmaram a importância da escolaridade materna que se mostrou positivamente correlacionada às cognições parentais e aos conhecimentos sobre desenvolvimento infantil. Desse modo, quanto maior é a

escolaridade das mães, mais adequadas tendem a ser as influências desta sobre o desenvolvimento de seu bebê.

Um estudo brasileiro conduzido por Ribas *et al.* (2003) também utilizou para a coleta de dados o Inventário do Conhecimento do Desenvolvimento Infantil (KIDI). Participaram da pesquisa 64 mães adultas de bebês de cinco meses de idade. Observou-se, nos resultados, que tanto a escolaridade materna, como o nível socioeconômico familiar, relacionaram-se positivamente a um maior conhecimento sobre desenvolvimento infantil e práticas educativas.

Kassar *et al.* (2006) realizaram uma pesquisa com o objetivo de identificar os fatores sócio-econômicos, incluindo a escolaridade, entre mães adolescentes e adultas jovens na cidade de Maceió. Os resultados revelaram, dentre outras análises, que as mães adolescentes apresentaram baixa escolaridade em relação às adultas jovens. Vale mencionar que a escolaridade das mães adultas jovens também foi baixa, porém considerada melhor quando comparada à escolaridade das mães adolescentes. Assim, o estudo demonstrou que a gravidez na adolescência está associada a piores condições socioeconômicas do que as adultas jovens, o que pode expor a mãe e o filho a um maior risco pós-natal.

A associação do nível de escolaridade com o desenvolvimento infantil foi identificado por Fraga *et al.* (2008) cujos resultados indicaram que quanto maior o nível de escolaridade materno melhores os indicadores do desenvolvimento da linguagem da criança. Essa associação parece indicar que mães mais escolarizadas tendem a estimular seus filhos de forma mais variada, influenciando positivamente o desenvolvimento da linguagem.

Com o objetivo de investigar a correlação entre as crenças e práticas de cuidado materno em diferentes contextos no município de Itajaí, Kobarg e Vieira (2008) realizaram uma pesquisa com 77 mães com filhos com idade entre zero a três anos que responderam a um questionário. A análise dos dados mostrou que: mães da zona urbana, com escolaridade

superior, valorizaram mais o fator Estimulação, enquanto mães da zona urbana, com baixa escolaridade, se destacaram em relação ao fator Disciplina. O tempo que as mães passavam com os filhos na zona rural foi significativamente maior em comparação com mães dos outros grupos e, mães da zona urbana, com baixa escolaridade, relataram que seus filhos brincavam significativamente mais com outras crianças. Concluiu-se que crenças e práticas de cuidado materno apresentam configurações diferentes em função do contexto em que as mães residem. Nota-se que uma das variáveis que teve efeito significativo foi a escolaridade materna. Uma das hipóteses dos autores é que mães com grau de instrução mais elevado, além de se preocuparem com os cuidados básicos de seus filhos, também consideram importante oferecer a eles outros tipos de oportunidades que propiciem outras formas de interação com o contexto em que a criança vive, como por exemplo, a exploração do ambiente e a brincadeira. Por outro lado, mães da zona urbana com baixa escolaridade deram mais ênfase ao fator Disciplina. Uma possível explicação para esse resultado pode ser dada pelo modo de vida dessas mães, que talvez valorizem mais as regras e as normas impostas pela família como forma de controle da criança (KOBARG; VIEIRA, 2008).

Em um estudo realizado por Andrade *et al.* (2005) verificou-se, com 350 crianças entre 17 e 42 meses, que o nível da escolaridade materna, apresentou associação positiva com a qualidade da estimulação ambiental recebida pela criança. A escolaridade materna se associou positivamente à melhor organização do ambiente físico e temporal, a maior oportunidade de variação na estimulação diária, com disponibilidade de materiais e jogos apropriados para a criança e maior envolvimento emocional e verbal da mãe com a criança. Este estudo evidenciou o impacto da escolaridade materna na qualidade do estímulo ambiental presente no microsistema familiar e o decorrente impacto no desempenho cognitivo de crianças.

As crenças parentais de 100 mães primíparas, foram investigadas por Silva e Magalhães (2011) em dois contextos diferentes, urbano e não-urbano. As participantes responderam ao Questionário de Crenças sobre práticas maternas. Os resultados demonstraram correlações positivas entre a dimensão “estimulação” e a idade materna ( $r = 0,39, p < 0,01$ ) e a escolaridade materna ( $r = 0,36, p < 0,01$ ), sugerindo que quanto maior a idade e a escolaridade das mães mais elas tendem a valorizar práticas relacionadas com a estimulação da criança.

Gomide (2009) buscou avaliar a percepção dos filhos sobre suas mães, mulheres com profissões que exigem nível superior, como educadoras. Foi aplicado o Inventário de Estilos Parentais em 160 jovens, de 12 a 24 anos, 88 do sexo feminino e 72 do masculino, filhos de 40 engenheiras, 40 médicas, 40 advogadas e 40 psicólogas. Os resultados mostraram que as mães, independentemente da profissão, utilizam pobremente as práticas educativas positivas (monitoria positiva e comportamento moral) e recorrem, com muita frequência, às práticas negativas (abuso físico e supervisão estressante) para tentar obter controle sobre seus filhos. Apresentam, em média, altos índices de negligência, pois seus filhos não sentem que estão sendo cuidados. Aparentemente, essas mulheres não estão sendo capazes de conciliar adequadamente suas funções profissionais com as maternas.

## **2. OBJETIVOS**

O presente estudo tem como objetivos:

- 1) Descrever as práticas parentais de mães de bebês;
- 2) Comparar as práticas parentais de mães de bebês considerando o sexo dos mesmos;
- 3) Comparar e correlacionar as práticas parentais de mães de bebês com a idade do bebê.
- 4) Comparar as práticas parentais de mães de bebês considerando duas variáveis combinadas (sexo do bebê e idade do bebê).
- 5) Comparar e correlacionar as práticas parentais de mães de bebês com a idade materna.
- 6) Correlacionar as práticas parentais com a escolaridade materna

### **3. MÉTODO**

O método do presente estudo encontra-se estruturado em sete tópicos: 1) Aspectos éticos da pesquisa; 2) Participantes; 3) Percurso Amostral; 4) Material; 5) Local; 6) Procedimento de coleta de dados e, 7) Procedimento para análise dos dados.

#### **3.1 ASPECTOS ÉTICOS DA PESQUISA**

O presente projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética da Faculdade de Ciências, da UNESP, Bauru, SP (Processo nº. 451/46/01/09, Anexo 1). Todas as providências cabíveis foram tomadas por ocasião do convite para a participação neste projeto, de acordo com a resolução do CONEP, de 1996. As participantes foram informadas sobre o objetivo do projeto, as atividades pertinentes a ele, a ausência de qualquer ônus para a participação no mesmo, o sigilo das informações por elas fornecidas quando da apresentação dos dados dessa pesquisa em eventos e publicações da área, assim como da manutenção dos demais serviços por elas usufruídos no Centro de Psicologia Aplicada, em caso de desistência, o que poderia ocorrer em qualquer fase desse projeto. A partir do aceite e redimidas todas as dúvidas, as participantes ou seus responsáveis assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Modelo no Anexo 2).



### **3.2 PARTICIPANTES**

Participaram do projeto 250 mães de bebês de até 12 meses de idade que freqüentam o projeto de extensão “Acompanhamento do desenvolvimento de bebês: avaliação e orientação aos pais”, que funciona no Centro de Psicologia Aplicada (CPA), da UNESP, campus de Bauru. Dessas participantes 124 eram mães de bebês do sexo feminino e 126 mães de bebês do sexo masculino. Com relação à idade dos bebês, 159 mães tinham bebês de um a seis meses de idade (Idade média= 3,28; DP=1,51); e 91 de sete a 12 meses de idade (Idade média= 9,35; DP=1,69). Considerando a idade materna tem-se que 114 estão na faixa de 14 a 19 anos de idade (Idade média=17,09; DP=1,42), 136 estão na faixa de 20 a 46 anos (Idade média=27,85; DP=6,11). Quanto à escolaridade materna 41 participantes possuíam ensino fundamental incompleto, 86 o ensino fundamental completo, 101 o ensino médio completo e 22 ensino superior, sendo cinco com pós-graduação.

### **3.3 PERCURSO AMOSTRAL**

Para compor a amostra do presente estudo, 250 mães, que participavam do projeto de extensão “Acompanhamento do desenvolvimento de bebês: avaliação e orientação aos pais”, que funciona no CPA, da UNESP, foram convidadas a participar da presente pesquisa. As mães que freqüentam esse projeto são moradoras da cidade de Bauru e de algumas cidades próximas. Uma vez por mês, do primeiro mês de vida do bebê ao 12º mês, as mães vão até o CPA para a avaliação do desenvolvimento do bebê. Essa avaliação é realizada por meio do Inventário Portage Operacionalizado. A proposta do projeto de extensão é oferecer aos pais, além de ao bebê, atendimentos que implementem uma carreira de interações efetivas entre

eles e, em alguns casos a identificação precoce de bebês com atraso no desenvolvimento para posterior encaminhamento aos estágios clínicos (RODRIGUES, 2009). Durante as avaliações mensais, em qualquer de um dos 12 meses, as mães eram convidadas a participar da presente pesquisa.

### **3.4 MATERIAL**

Para a identificação das práticas parentais com mães de bebês foi utilizado o instrumento “Inventário de Estilos Parentais para Mães de Bebês” (IEPMB), (adaptado de GOMIDE, 2006) (Anexo 3) que tem sido utilizado em pesquisas com esta população (ALTAFIM, 2007; ALTAFIM, 2008; ALTAFIM; RODRIGUES; SCHIAVO, 2008; ALTAFIM, 2009; RODRIGUES; ALTAFIM; SCHIAVO; VALLE, 2011; RODRIGUES; ALTAFIM; SCHIAVO, 2011).

O IEPMB é preenchido a partir do relato verbal das mães, o que, embora com limitações (pois, nem sempre há correspondência entre o dizer e o fazer), apresenta vantagens na avaliação de práticas parentais. Deve-se considerar que práticas parentais são, sobretudo, práticas culturais, cultura esta que é compartilhada e transmitida por um grupo de geração a geração através do comportamento verbal (BAUM, 1999). Isso mostra a relevância do uso do relato verbal como fonte de informações para favorecer a descrição de características de determinada prática cultural, o que pode servir de base para interpretações acerca da função de determinados comportamentos (LEME; BOLSONI-SILVA; CARRARA, 2009).

Gomide (2006) elaborou o Inventário de Estilos Parentais para a aplicação em pais de crianças a partir de cinco anos de idade, analisando sete práticas educativas, sendo duas relacionadas ao desenvolvimento dos comportamentos pró-sociais e cinco dos

comportamentos anti-sociais. Considerando a faixa etária dos filhos das mães participantes, bebês até 12 meses, houve a necessidade de uma adaptação do instrumento original. Duas das práticas, uma positiva (comportamento moral) e uma negativa (monitoria negativa) foram eliminadas por não se enquadrarem nas idades das crianças. Ainda com respeito às demais práticas, alguns itens foram eliminados e outros foram reescritos adaptando-os a realidade dessa população. Desta forma o atual, denomina-se “Inventário de Estilos Parentais para Mães de Bebês” (IEPMB), que consta de 25 itens, sendo cinco de cada um dos conjuntos de práticas acima identificados. As questões foram elaboradas e agrupadas em cada um dos cinco conjuntos de práticas parentais a partir de seu conteúdo. No instrumento, as questões foram alocadas de forma a misturá-las, evitando que dois itens da mesma área fiquem próximos. No protocolo do IEPMB consta, também, espaço para a anotação dos dados referentes à mãe como idade e escolaridade e do bebê (sexo e idade). O Quadro 1 mostra a distribuição das práticas no IEPMB.

Quadro 1. Distribuição das práticas parentais no IEPMB.

<b>Práticas</b>	<b>Questões</b>				
Monitoria positiva	5	11	16	18	23
Punição inconsistente	1	7	12	17	19
Negligência	2	8	13	20	24
Disciplina relaxada	3	6	9	14	21
Abuso físico	4	10	15	22	25

A tabulação dos dados obtidos por meio do protocolo foi feita utilizando a folha de resposta que contém as cinco práticas parentais avaliadas. Cada resposta NUNCA recebe a pontuação zero; ÀS VEZES, pontuação 1 e SEMPRE pontuação 2. Portanto, cada prática

educativa pode ter a pontuação máxima de 10 pontos. Quando alguma questão não é respondida recebe a pontuação zero.

### **3.5 LOCAL**

A aplicação do instrumento foi realizada em uma sala de atendimento individual do Centro de Psicologia Aplicada (CPA), da UNESP campus Bauru, de forma a garantir privacidade e condições favoráveis para a tarefa.

O CPA é responsável pela formação acadêmica e profissional dos alunos do curso de Formação de Psicólogos da UNESP - Bauru. O Centro privilegia a experiência prática por meio de estágios, pesquisas e projetos de extensão de serviços à comunidade. Tais atividades abrangem as diversas áreas do conhecimento em Psicologia, de modo a criar condições para que professores supervisores e alunos possam responder às demandas da sociedade. Tem área construída de 615 m<sup>2</sup>, com 20 salas.

### **3.6 PROCEDIMENTO DE COLETA DE DADOS**

Todas as mães participantes do projeto de extensão “Acompanhamento do desenvolvimento de bebês: avaliação e orientação aos pais”, do CPA foram convidadas a participar do presente projeto. Em caso de interesse, receberam as informações pertinentes ao mesmo de acordo com procedimentos éticos anteriormente definidos. Dirimidas todas as dúvidas, um horário para a aplicação do instrumento foi, então, agendado.

A aplicação foi individual. O pesquisador fez a leitura das instruções para o preenchimento do protocolo junto com a participante, garantindo sua compreensão. Todavia, permaneceu na sala, disponível para resolver dificuldades de leitura e preenchimento.

### **3.7 PROCEDIMENTO PARA ANÁLISE DOS DADOS**

Os dados foram analisados pela seguinte metodologia:

a) descrição das práticas parentais e das questões investigadas; condução de análises comparativas entre as práticas parentais e entre as questões referentes a cada prática parental por meio do Teste t-pareado ( $p < 0.05$ ).

b) condução de análises comparativas e de correlação entre as práticas parentais e a idade dos bebês. A correlação entre idade do bebê e cada prática parental foi verificada por meio do teste de correlação de Pearson ( $p < 0.05$ ). Também foi realizada a comparação mães de bebês de um a seis meses de idade e mães de bebês de sete a 12 meses de idade, por meio do Teste-t de Student para amostras independentes ( $p < 0,05$ ).

c) condução de análises comparativas entre as práticas parentais e o sexo dos bebês, por meio do Teste-t de Student para amostras independentes ( $p < 0,05$ ).

d) condução de análises comparativas entre as práticas parentais e duas variáveis combinadas (sexo do bebê e idade do bebê). As participantes foram divididas em quatro grupos (G1- mães de meninas de um a seis meses; G2 – mães de meninas de sete a 12 meses; G3 – mães de meninos de um a seis meses; G4 – mães de meninos de sete a 12 meses) e foram realizadas comparações por meio do Teste-t de Student ( $p < 0,05$ ), entre os grupos G1-G2, G1-G3, G2-G4, G3-G4.

e) condução de análises comparativas e de correlação entre as práticas parentais e a idade materna. A correlação entre idade materna e cada prática parental foi verificada por meio do teste de correlação de Pearson ( $p < 0.05$ ). Também foi realizada a comparação mães adolescentes e de mães adultas, por meio do Teste-t de Student para amostras independentes ( $p < 0,05$ ).

f) condução de análises comparativas e de correlação entre as práticas parentais e a escolaridade materna. A correlação entre idade materna e cada prática parental foi verificada por meio do teste de correlação de Pearson ( $p < 0.05$ ).

## **4. RESULTADOS**

Os resultados do presente estudo encontram-se estruturado em sete tópicos: 1) Descrição das Práticas Parentais; 2) Comparação das Práticas Parentais com o Sexo do Bebê; 3) Correlação e Comparação das Práticas Parentais com a Idade do Bebê; 4) Comparação das Práticas Parentais considerando duas variáveis combinadas, sexo do bebê e idade do bebê; 5) Correlação e Comparação das Práticas Parentais com a Idade Materna, 6) Correlação das Práticas Parentais com a Escolaridade Materna

### **4.1 DESCRIÇÃO DAS PRÁTICAS PARENTAIS**

A partir da análise das respostas das mães em cada um dos conjuntos de práticas parentais (cada conjunto de práticas refere-se a cinco itens, podendo ter pontuação máxima de 10 pontos) ao IEPMB identificou-se que a prática parental Monitoria Positiva é a prática utilizada com maior frequência pelas participantes, como pode ser observado na Tabela 1. Em relação às práticas parentais negativas a que apareceu no relato das mães com maior frequência foi a Disciplina Relaxada. Em seguida aparecem as práticas Punição Inconsistente e Negligência. A prática negativa utilizada com menor frequência foi de Abuso Físico. Considerando a somatória das quatro práticas negativas tem-se a pontuação média de 7,66, que é menor do que a prática parental positiva Monitoria Positiva (Tabela 1).

Comparando as respostas de cada prática parental através do teste t-pareado (Tabela 2) foi possível observar diferenças significativas intragrupo ( $p < 0,01$ ), para todas as práticas parentais, ou seja, as mães respondem diferentemente para cada prática parental. As participantes utilizam-se mais da prática Monitoria Positiva ( $M=8,54$ ) do que das práticas

Disciplina Relaxada (M=4,2), Punição Inconsistente (M=1,7), Negligência (M=1,37), e Abuso Físico (M=0,38). A prática Disciplina Relaxada é mais utilizada do que as práticas Negligência, Punição Inconsistente e Abuso Físico. A prática Punição Inconsistente é mais utilizada do que a prática Negligência e Abuso Físico. E a prática Negligência é mais utilizada do que a prática Abuso Físico. Verificou-se também diferença significativa entre a somatória das práticas negativas e a prática positiva Monitoria Positiva, demonstrando que as mães utilizam-se mais da prática parental positiva.

Tabela 1 – Média, desvios padrão, valores mínimos e máximos de cada prática parental.

	<b>Monitoria Positiva</b>	<b>Negligência</b>	<b>Abuso Físico</b>	<b>Disciplina Relaxada</b>	<b>Punição Inconsistente</b>	<b>Somatória das Práticas Negativas</b>
Média	8,54	1,37	0,38	4,2	1,7	7,66
Desvio Padrão	1,54	1,35	0,77	2,4	1,59	4,2
MIN	3	0	0	0	0	0
MAX	10	7	4	10	6	21

Tabela 2 – Resultados Teste t-pareado para as práticas parentais.

<b>Práticas Comparadas</b>	<b>P</b>	<b>T</b>
Negligência – Disciplina Relaxada	0,00	-18,147
Negligência – Monitoria Positiva	0,00	-55,010
Negligência – Punição Inconsistente	0,00	-3,018
Negligência – Abuso Físico	0,00	10,546
Disciplina Relaxada - Monitoria Positiva	0,00	-22,318
Disciplina Relaxada - Punição Inconsistente	0,00	16,898
Disciplina Relaxada - Abuso Físico	0,00	24,108
Monitoria Positiva - Punição Inconsistente	0,00	47,296
Monitoria Positiva - Abuso Físico	0,00	74,456
Punição Inconsistente - Abuso Físico	0,00	13,554
Monitoria Positiva – Somatória das Práticas Negativas	0,003	2,977



A seguir serão analisadas as questões referentes a cada prática separadamente.

### Monitoria Positiva

Com relação ao conjunto de práticas educativas da Monitoria Positiva, observa-se na Tabela 3 que as participantes tiveram um relato parecido para as questões **5** (*Procuro saber como meu filho ficou durante a minha ausência*), **11** (*Quando meu filho (a) está chorando procuro descobrir o que o incomoda.*) e **18** (*Após ficar distante do meu filho quero saber como ele ficou - se chorou, se ficou bem, etc.*), sendo que a maioria delas relatou que, com frequência, se utilizam dessas práticas. As questões que apareceram no relato de um número menor de participantes foram as **16** (*Mesmo quando estou ocupado (a) ou viajando, telefono para saber como meu filho (a) está*) e **23** (*Estabeleço uma rotina com meu filho e procuro cumpri-la*). A Tabela 3 apresenta os dados referentes ao conjunto de questões referentes à prática parental Monitoria Positiva (cada item pode ter pontuação máxima de dois pontos).

Tabela 3. Número de participantes que relatam utilizar a prática Monitoria Positiva, médias e desvios padrão de cada questão.

	N	Média	DP
<b>Monitoria Positiva</b>			
5- Procuro saber como meu filho ficou durante a minha ausência	237	1,83	0,49
11- Quando meu filho(a) está chorando procuro descobrir o que o incomoda.	241	1,89	0,41
16- Mesmo quando estou ocupado(a) ou viajando, telefono para saber como meu filho(a) está.	209	1,60	0,75
18- Após ficar distante do meu filho quero saber como ele ficou (se chorou, se ficou bem etc.)	236	1,85	0,48
23- Estabeleço uma rotina com meu filho e procuro cumpri-la.	218	1,44	1,37

N= número de participantes que relataram utilizar-se da prática sempre ou às vezes

DP- desvio padrão das respostas das participantes

Comparando as respostas de cada questão referente a prática Monitoria Positiva (Tabela 4) através do teste t-pareado foi possível observar diferenças significativas intragrupo ( $p < 0,01$ ) entre os grupos de questões: 5 - 16; 5 - 23; 11 - 16; 11 - 23; 16 - 18; 16 - 23; e 18 -

23. As questões **5** (M = 1,83), **11** (M= 1,89) e **18** (M=1,85) são estatisticamente mais utilizadas do que as questões **16** (M=1,60) e **23** (M= 1,36). Não foram encontradas diferenças significativas entre as questões **5, 11 e 18**, ou seja, as mães respondem de maneira parecida para essas questões. Em relação à questão **23** foi encontrada diferença significativa com todas as outras questões (**5, 11, 16 e 18**), através das médias observa-se que as mães a utilizam menos do que as outras questões. Ainda que menos utilizadas do que as questões 5, 11 e 18 a questão **16** é mais utilizada do que a questão **23**.

Tabela 4 – Médias e resultados do Teste t- pareado para as questões da prática Monitoria Positiva.

Questões Comparadas		Média	P
Par 1	P5	1,83	0,15
	P11	1,89	
Par 2	P5	1,83	<0,01
	P16	1,60	
Par 3	P5	1,83	0,63
	P18	1,85	
Par 4	P5	1,83	<0,01
	P23	1,36	
Par 5	P11	1,89	<0,01
	P16	1,60	
Par 6	P11	1,89	0,362
	P18	1,85	
Par 7	P11	1,89	<0,01
	P23	1,36	
Par 8	P16	1,60	<0,01
	P18	1,85	
Par 9	P16	1,60	<0,01
	P23	1,36	
Par 10	P18	1,85	<0,01
	P23	1,36	

### **Punição Inconsistente**

Em relação às questões referentes à prática Punição Inconsistente as questões **1** (*Quando meu filho(a) faz algo que me desagradar, o modo como respondo a ele depende do meu humor*) e **7** (*Quando estou alegre não me importo com comportamentos do meu filho*)

que me desagradam) são as questões mais freqüentes no relato de um número das mães. A questão **12** (*Trato mal meu filho(a) quando estou nervosa, e assim que passa a raiva me arrependo*) aparece no relato de 53 participantes. As questões **19** (*Sou mau-humorado(a) com meu filho(a)*) e **17** (*Quando estou nervoso, acabo descontando em meu filho(a)*) são as que aparecem no relato de um número menor de participantes (Tabela 5).

Tabela 5. Número de participantes que relatam utilizar a prática Punição Inconsistente, médias e desvios padrão de cada questão.

	<b>N</b>	<b>Média</b>	<b>DP</b>
<b>Punição Inconsistente</b>			
1- Quando meu filho(a) faz algo que me desagrada, o modo como respondo a ele depende do meu humor.	122	0,54	0,6
7- Quando estou alegre não me importo com comportamentos do meu filho que me desagradam.	104	0,6	0,77
12- Trato mal meu filho(a) quando estou nervosa(o),e assim que passa a raiva me arrependo.	53	0,25	0,5
17- Quando estou nervoso, acabo descontando em meu filho(a).	39	0,16	0,39
19- Sou mau-humorado(a) com meu filho(a).	36	0,15	0,38

N= número de participantes que relataram utilizar-se da prática sempre ou às vezes

DP- desvio padrão das respostas das participantes

Comparando as respostas de cada questão referente à prática Punição Inconsistente (Tabela 6) através do teste t-pareado foi possível observar diferenças significativas intragrupo ( $p < 0,01$ ) entre os grupos de questões: 1 - 12; 1 - 17; 1 - 19; 7 - 12; 7 - 17; 7 - 19; 12 - 17; 12 - 19. As questões **1** ( $M=0,54$ ) e **7** ( $M=0,6$ ) são estatisticamente mais utilizadas do que as questões do que as questões **12** ( $M=0,25$ ), **17** ( $M=0,16$ ) e **19** ( $M=0,15$ ). A questão **12** é estatisticamente mais utilizada do que as questões **17** e **19**.

Não foram encontradas diferenças significativas entre as questões **1** e **7**, ou seja, as mães respondem de maneira parecida para essas questões, comparadas com as outras questões elas são mais utilizadas. Entre as questões **17** e **19** também não foram encontradas diferenças significativas, e comparadas com as outras questões são menos relatadas pelas participantes.

Tabela 6 – Médias e resultados do Teste t- pareado para as questões da prática Punição Inconsistente.

Questões Comparadas		Média	P
Par 1	P1	0,54	0,32
	P7	0,60	
Par 2	P1	0,54	<0,01
	P12	0,25	
Par 3	P1	0,54	<0,01
	P17	0,16	
Par 4	P1	0,54	<0,01
	P19	0,15	
Par 5	P7	0,60	<0,01
	P12	0,25	
Par 6	P7	0,60	<0,01
	P17	0,16	
Par 7	P7	0,60	<0,01
	P19	0,15	
Par 8	P12	0,25	0,01
	P17	0,16	
Par 9	P12	0,25	<0,01
	P19	0,15	
Par 10	P17	0,16	0,64
	P19	0,15	

## Negligência

Com relação à prática Negligência observou-se que esta não tem sido utilizada com muita frequência pelas mães de bebês (Tabela 7). Dentre as cinco questões, a **2** (*O meu trabalho atrapalha na atenção que dou ao meu filho(a)*), a **13** (*Meu filho(a) fica com outras pessoas a maior parte do tempo*) e a **20** (*Não sei dizer do que meu filho(a) gosta*), são as que apareceram no relato de um maior número de participantes. As questões **8** (*Meu filho, quando chora, procura qualquer outra pessoa, pois estou sempre ocupada*) e **24** (*Deixo os problemas do meu filho para os outros resolverem*) são as menos relatadas pelas participantes.

Tabela 7. Número de participantes que relatam utilizar a prática, médias e desvios padrão de cada questão.

	N	Média	DP
<b>Negligência</b>			
2- O meu trabalho atrapalha na atenção que dou ao meu filho(a).	70	0,34	0,6
8- Meu filho, quando chora, procura qualquer outra pessoa, pois estou sempre ocupada.	24	0,11	0,34
13- Meu filho(a) fica com outras pessoas a maior parte do tempo.	73	0,34	0,55
20- Não sei dizer do que meu filho(a) gosta.	92	0,5	0,71
24- Deixo os problemas do meu filho para os outros resolverem	10	0,05	0,24

N= número de participantes que relataram utilizar-se da prática sempre ou às vezes

M= médias das respostas das participantes

DV- desvio padrão das respostas das participantes

Comparando as respostas de cada questão referente a prática Negligência (Tabela 8) através do teste t-pareado foi possível observar diferenças significativas intragrupo ( $p < 0,01$ ) entre os grupos de questões: 2 - 8; 2 - 20; 2 - 24; 8 - 13; 8 - 20; 8 - 24; 13 - 20; 13 - 24; 20 - 24.

As questões **2** e **13** são estatisticamente mais utilizadas do que as questões **8** e **24**. Ainda que em baixa frequência a questão **8** é estatisticamente mais utilizada do que a **24**. Não foram encontradas diferenças significativas entre as questões **2** e **13**, ou seja, as mães respondem de maneira parecida para essas questões. Em relação à questão **24** foi encontrada diferença significativa com todas as outras questões (**2, 8, 13 e 20**), ou seja, as mães a utilizam menos do que as outras questões.

Tabela 8 – Média e resultados do Teste t- pareado para as questões da prática Negligência

Questões Comparadas		Média	P
Par 1	P2	0,34	<0,01
	P8	0,11	
Par 2	P2	0,34	0,86
	P13	0,34	
Par 3	P2	0,34	0,01
	P20	0,50	
Par 4	P2	0,34	<0,01
	P24	0,05	
Par 5	P8	0,11	<0,01
	P13	0,34	
Par 6	P8	0,11	<0,01
	P20	0,50	
Par 7	P8	0,11	0,01
	P24	0,05	
Par 8	P13	0,34	0,01
	P20	0,50	
Par 9	P13	0,34	<0,01
	P24	0,05	
Par 10	P20	0,50	<0,01
	P24	0,05	

### Disciplina Relaxada

As questões referentes a prática Disciplina Relaxada são relatadas com alta frequência pelas mães de bebês (Tabela 9). A questão **3** (*Ameaço que vou bater ou ficar muito brava com meu filho(a), mas depois não faço nada*) é a que aparece em um menor número de participantes. As questões, **6** (*Estabeleço uma rotina mas nunca consigo segui-la*), **9** (*Se meu filho chora, digo que não vou pegá-lo, mas se ele insiste em chorar, acabo pegando*), **14** (*Não faço horários para meu filho, as coisas acontecem naturalmente*) e **21** (*Aviso que não vou pegar meu filho no colo quando ele faz birra, mas na hora “H” fico com pena e o pego*), são relatadas por um número expressivo de participantes.

Comparando as respostas de cada questão referente a prática Disciplina Relaxada (Tabela 10) através do teste t-pareado foi possível observar diferenças significativas

intragrupo ( $p < 0,05$ ) entre os grupos de questões: 3 – 6; 3 – 9; 3 – 14; 3 – 21; 6 – 9; 6 – 21; 9 – 14; 9 – 21.

Tabela 9. Número de participantes que relatam utilizar a prática Disciplina Relaxada, médias e desvios padrão de cada questão.

	N	Média	DP
<b>Disciplina Relaxada</b>			
3- Ameaço que vou bater ou ficar muito brava com meu filho(a), mas depois não faço nada	105	0,52	0,59
6- Estabeleço uma rotina mas nunca consigo segui-la	159	0,82	0,72
9- Se meu filho chora, digo que não vou pega-lo, mas se ele insiste em chorar, acabo pegando	172	1,05	0,82
14- Não faço horários para meu filho, as coisas acontecem naturalmente	148	0,86	0,81
21- Aviso que não vou pegar meu filho no colo quando ele faz birra, mas na hora “H” fico com pena e o pego	162	0,94	0,8

N= número de participantes que relataram utilizar-se da prática sempre ou às vezes  
 DP- desvio padrão das respostas das participantes

A questão **9** ( $M=1,05$ ) é estatisticamente mais utilizada do que as questões **3** ( $M=0,52$ ), **6** ( $M=0,82$ ), **14** ( $M=0,86$ ), e **21** ( $M=0,94$ ). A questão **21**, é estatisticamente mais utilizada do que as questões **3** e **6**. Não foram encontradas diferenças significativas entre as questões **14** e **21**, e também entre as questões **6** e **14**, ou seja, as mães respondem de maneira parecida para essas questões. As questões **6** e **14** são mais utilizadas que a questão 3. Em relação à questão **3** foi entrada diferença significativa com todas as outras questões (**6, 9, 14 e 21**), demonstrando que as mães a utilizam menos do que as outras questões.

Tabela 10 - Médias e resultados do Teste t- pareado para as questões da prática Disciplina Relaxada.

Questões Comparadas		Média	p
Par 1	P3	0,52	<0,01
	P6	0,82	
Par 2	P3	0,52	<0,01
	P9	1,05	
Par 3	P3	0,52	<0,01
	P14	0,86	
Par 4	P3	0,52	<0,01
	P21	0,94	
Par 5	P6	0,82	<0,01
	P9	1,05	
Par 6	P6	0,82	0,55
	P14	0,86	
Par 7	P6	0,82	0,05
	P21	0,94	
Par 8	P9	1,05	<0,01
	P14	0,86	
Par 9	P9	1,05	0,04
	P21	0,94	
Par 10	P14	0,86	0,182
	P21	0,94	

### Abuso Físico

A prática Abuso Físico aparece no relato de poucas participantes, conforme mostra a Tabela 11. A questão **4** (*Bato com a mão ou com outros objetos no meu filho(a)*) e a questão **10** (*Meu filho(a) tem muito medo de mim*) são as mais relatadas. E as questões **15** (*Meu filho(a) fica fisicamente machucado quando bato nele*), **22** (*Sou agressivo com meu filho(a).*) e **25** (*Sou violento(a) com meu filho(a)*) aparecem no relato de poucas participantes.

Comparando as respostas de cada questão referente à prática Abuso Físico (Tabela 12) através do teste t-pareado foi possível observar diferenças significativas intragrupo ( $p < 0,05$ ) entre os grupos de questões: 4 – 15; 4 – 22; 4 – 25; 10 – 15; 10 – 22; 10 – 25; 15 – 22.



Tabela 11. Número de participantes que relatam utilizar a prática Abuso Físico, médias e desvios padrão de cada questão.

	N	Média	DP
<b>Abuso Físico</b>			
4- Bato com a mão ou com outros objetos no meu filho(a).	26	0,15	0,47
10- Meu filho(a) tem muito medo de mim.	33	0,16	0,43
15- Meu filho(a) fica fisicamente machucado quando bato nele.	2	0,01	0,08
22- Sou agressivo com meu filho(a).	8	0,04	0,23
25- Sou violento(a) com meu filho(a).	4	0,02	0,19

N= número de participantes que relataram utilizar-se da prática sempre ou às vezes

DP- desvio padrão das respostas das participantes

Comparando as respostas de cada questão referente à prática Abuso Físico (Tabela 12) através do teste t-pareado foi possível observar diferenças significativas intragrupo ( $p < 0,05$ ) entre os grupos de questões: 4 – 15; 4 – 22; 4 – 25; 10 – 15; 10 – 22; 10 – 25; 15 – 22.

Tabela 12 – Médias e resultados do Teste t- pareado para as questões da prática Abuso Físico

Questões Comparadas	Média	p
Par 1 P4	0,15	0,837
P10	0,16	
Par 2 P4	0,15	<0,01
P15	0,01	
Par 3 P4	0,15	<0,01
P22	0,04	
Par 4 P4	0,15	<0,01
P25	0,02	
Par 5 P10	0,16	<0,01
P15	0,01	
Par 6 P10	0,16	<0,01
P22	0,04	
Par 7 P10	0,16	<0,01
P25	0,02	
Par 8 P15	0,01	0,03
P22	0,04	
Par 9 P15	0,01	0,25
P25	0,02	
Par 10 P22	0,04	0,35
P25	0,02	

As questões **4** (M=0,15) e **10** (M=0,16) foram as mais frequentes entre as que avaliam abuso físico. Não foram encontradas diferenças significativas entre as questões **4** e **10**, ou seja, as mães respondem de maneira parecida para essas questões. Todavia, ainda que

com baixa frequência, a questão **22** é mais utilizada do que a questão **15**. Não foram encontradas diferenças significativas entre as questões **15** e **25** e entre a **22** e **25**.

#### **4.2 COMPARAÇÃO DAS PRÁTICAS PARENTAIS COM O SEXO DO BEBÊ**

A Tabela 13 apresenta as médias das respostas das mães de bebês do sexo feminino (M-F) e do sexo masculino (M-M) em cada um dos conjuntos de práticas parentais do IEPMB. Os resultados demonstram que as mães de meninas e de meninos relataram utilizar-se da prática parental Monitoria Positiva com alta frequência apresentando, respectivamente, M-F= 8,73 e M-M= 8,34, para uma pontuação máxima (MAX) de 10 para ambos os grupos e pontuação mínima (MIN) de três para as mães de meninas e quatro para as mães de meninos. Comparando-se os grupos (mães de bebês do sexo feminino e masculino) através do teste T foi verificada diferença significativa para uma das cinco práticas parentais investigadas, a prática monitoria positiva ( $p= 0,04$ ), demonstrando que as mães de meninas utilizam-se mais dessa prática do que as mães de meninos.

Em relação às práticas parentais negativas a que apresentou a maior média para as mães, independente do sexo do bebê foi a Disciplina Relaxada (M-F= 4,17; M-M=4,24), essa prática é a única que atinge pontuação máxima de 10 para ambos os sexos. Ambos os grupos apresentaram pontuação mínima igual a zero para todas as práticas negativas. A segunda média mais alta das práticas negativas, para ambos os grupos, é Punição Inconsistente, (M-F= 1,74; M-M = 1,67). A pontuação máxima, para ambos os grupos, é igual a seis. Seguida da prática Negligencia (M-F 1,42; M-M = 1,32), com pontuação máxima de sete para mães de meninas e cinco para mães de meninos. A prática menos utilizada por ambos os grupos foi a prática de Abuso Físico (M-F=0,4; M-M= 0,37), e pontuação máxima de quatro para mães de

meninas e cinco para mães de meninos. Considerando a somatória das quatro práticas negativas tem-se a pontuação média para mães de bebês do sexo feminino de 7,73, pontuação mínima de zero e máxima de 21 e para mães de bebês do sexo masculino pontuação média de 7,59, mínima de zero e máxima de 19. Nas práticas negativas e na somatória delas não foram encontradas diferenças significativas.

Tabela 13. Médias, desvios padrão, valores mínimos e máximos e resultados do Teste T (2-tailed) na comparação de cada prática parental entre Grupo de Mães de Bebês do Sexo Feminino e Grupo de Mães de Bebês do Sexo Masculino.

	Monitoria Positiva		Negligência		Disciplina Relaxada		Punição Inconsistente		Abuso Físico		Somatória Práticas Negativas	
	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M
Média	8,73	8,34	1,42	1,32	4,17	4,24	1,74	1,67	0,4	0,37	7,73	7,59
Desv. Padrão	1,49	1,57	1,45	1,26	2,51	2,31	1,63	1,55	0,8	0,76	4,42	4
Min	3	4	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Max	10	10	7	5	10	10	6	6	4	3	21	19
P		0,04		0,55		0,82		0,71		0,7		0,78

Também foi realizada a comparação de cada questão (Tabela 14), os resultados apontaram diferença significativa para duas das 25 questões investigadas, as questões **16** (*Mesmo quando estou ocupado(a) ou viajando, telefono para saber como meu filho(a) está.*) e **17** (*Quando estou nervoso, acabo descontando em meu filho(a).*), demonstrando que as mães de meninas utilizam-se mais dessas práticas do que as mães de meninos. Nas demais questões não foram encontradas diferenças significativas. Nota-se que essas questões referem-se às práticas parentais Monitoria Positiva (questão 16) e Punição Inconsistente (questão 17).

Tabela 14 - Médias, desvios padrão e resultados do Teste T (2-tailed) na comparação de cada questão entre Grupo de Mães de Bebês do Sexo Feminino Grupo de Mães de bebês do Sexo Masculino.

Questão	Sexo	Média	Desvio Padrão	P
1	Feminino	0,56	0,62	0,59
	Masculino	0,52	0,59	
2	Feminino	0,39	0,61	0,25
	Masculino	0,30	0,58	
3	Feminino	0,52	0,69	0,99
	Masculino	0,52	0,67	
4	Feminino	0,18	0,51	0,4
	Masculino	0,13	0,44	
5	Feminino	1,88	0,43	0,14
	Masculino	1,79	0,55	
6	Feminino	0,88	0,76	0,23
	Masculino	0,77	0,68	
7	Feminino	0,54	0,75	0,26
	Masculino	0,65	0,80	
8	Feminino	0,11	0,37	0,82
	Masculino	0,10	0,33	
9	Feminino	1,03	0,84	0,70
	Masculino	1,07	0,81	
10	Feminino	0,17	0,46	0,74
	Masculino	0,15	0,42	
11	Feminino	1,90	0,36	0,78
	Masculino	1,88	0,47	
12	Feminino	0,27	0,48	0,58
	Masculino	0,23	0,54	
13	Feminino	0,36	0,60	0,45
	Masculino	0,31	0,51	
14	Feminino	0,85	0,82	0,92
	Masculino	0,87	0,80	
15	Feminino	0,01	0,09	0,99
	Masculino	0,01	0,09	
16*	Feminino	1,71	0,66	<b>0,02</b>
	Masculino	1,49	0,83	
17*	Feminino	0,22	0,43	<b>0,03</b>
	Masculino	0,11	0,34	
18	Feminino	1,85	0,49	0,93
	Masculino	1,85	0,49	
19	Feminino	0,15	0,36	0,96
	Masculino	0,15	0,40	
20	Feminino	0,49	0,68	0,93
	Masculino	0,50	0,75	
21	Feminino	0,88	0,83	0,20
	Masculino	1,01	0,78	
22	Feminino	0,04	0,24	0,98
	Masculino	0,04	0,23	
23	Feminino	1,54	1,81	0,23
	Masculino	1,33	0,68	
24	Feminino	0,06	0,28	0,29
	Masculino	0,03	0,22	
25	Feminino	0,01	0,09	0,21
	Masculino	0,04	0,27	

### 4.3 CORRELAÇÃO E COMPARAÇÃO DAS PRÁTICAS PARENTAIS COM A IDADE DO BEBÊ;

Para análise da influência da idade do bebê sobre as práticas parentais educativas utilizadas utilizou-se da correlação de Pearson (Tabela 15). Os resultados apontaram para correlação positiva entre a idade do bebê e a prática parental monitoria positiva ( $r= 0,13$ ;  $p=0,04$ ) o que significa que quanto maior a idade do bebê maior o índice da prática. Para a prática Punição Inconsistente ( $r=0,14$ ;  $p=0,03$ ) e para a somatória das práticas parentais negativas ( $r=0,14$ ;  $p=0,03$ ) também foi observada correlação positiva, demonstrando que quanto mais velhos os bebês mais as mães utilizam-se dessas práticas. Nas outras práticas parentais não foram verificadas correlações significativas.

Tabela 15 – Correlação entre práticas educativas e idade do bebê.

	Monitoria Positiva	Negligência	Abuso Físico	Disciplina Relaxada	Punição Inconsistente	Somatória das Práticas Negativas
Correlação Pearson	0,13*	0,1	<-0,01	0,09	0,14*	0,14*
Sig.(1-tailed)	<b>0,04</b>	0,13	0,96	0,15	<b>0,03</b>	<b>0,03</b>

Com relação a cada questão (Tabela 16) foi verificada correlação significativa positiva, ainda que fraca, para as questões **1** (*Quando meu filho(a) faz algo que me desagrada, o modo como respondo a ele depende do meu humor*) ( $r=0,21$ , ;  $p<0,01$ ), **5** (*Procuro saber como meu filho ficou durante a minha ausência*) ( $r=0,14$ ;  $p=0,02$ ) e **24** (*Deixo os problemas do meu filho para os outros resolverem*) ( $r=0,12$ ;  $p=0,05$ ).

Tabela 16 - Correlação entre a idade do bebê e as questões do IEPMB.

Questão	Correlação Pearson	Sig.(1-tailed)
1*	0,21**	<0,01
2	-0,02	0,70
3	0,11	0,09
4	-0,03	0,64
5*	0,14*	<b>0,02</b>
6	0,11	0,09
7	0,04	0,55
8	-0,04	0,54
9	0,09	0,14
10	0,10	0,10
11	0,03	0,62
12	0,02	0,72
13	0,09	0,16
14	-0,06	0,35
15	-0,09	0,14
16	0,09	0,17
17	0,09	0,17
18	0,02	0,78
19	0,07	0,28
20	0,09	0,15
21	0,05	0,44
22	-0,02	0,75
23	0,06	0,32
24*	0,12	<b>0,05</b>
25	-0,10	0,10

Para a comparação entre dois grupos de bebês, um com idade de um a seis meses e o outro com idade de sete a 12 meses utilizou-se o Teste T. A Tabela 17 apresenta as médias, desvios padrão, valores mínimos e máximos e resultados da comparação de cada prática parental entre Grupo de Mães de Bebês de um a seis meses e Grupo de Mães de Bebês de sete a 12 meses. As médias das práticas Negligência, Disciplina Relaxada e Punição Inconsistente foram mais altas para as mães de bebês mais velhos, de sete a 12 meses. No entanto, a média da prática Monitoria Positiva também foi mais alta para essas mães. Com relação à prática Abuso Físico parece não haver diferença entre os dois grupos, já que a média é baixa para ambos os grupos.

Comparando-se os grupos (mães de bebês com até seis meses e mães de bebês de sete a 12 meses) através do teste T foi encontrada diferença significativa para uma das cinco

práticas parentais investigadas, a prática Punição Inconsistente ( $p=0,01$ ), que é mais utilizada pelas mães de bebês com de sete a 12 meses ( $M=2,04$ ) do que pelas mães com bebês de um a seis meses ( $M=1,51$ ). Na somatória das quatro práticas parentais negativas ( $p=0,02$ ) também foi encontrada diferença significativa demonstrando que as mães de bebês de sete a 12 meses ( $M=8,45$ ) utilizam-se mais das práticas negativas do que as mães de bebês de um a seis meses ( $M=7,21$ ).

Tabela 17 - Médias, desvios padrão, valores mínimos e máximos e resultados do Teste T (2-tailed) na comparação de cada prática parental entre Grupo de Mães de Bebês de 1 a 6 meses e Grupo de Mães de Bebês de 7 a 12 meses.

	Monitoria Positiva		Negligência		Disciplina Relaxada		Punição Inconsistente		Abuso Físico		Somatória das Práticas Negativas	
	1-6	7-12	1-6	7-12	1-6	7-12	1-6	7-12	1-6	7-12	1-6	7-12
<b>Média</b>	8,41	8,76	1,3	1,48	3,99	4,57	1,51	2,04	0,4	0,35	7,21	8,45
<b>Desv. Padrão</b>	1,6	1,4	1,3	1,44	2,39	2,4	1,56	1,59	0,83	0,67	4,17	4,17
<b>Min</b>	3	5	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
<b>Max</b>	10	10	6	7	10	10	6	6	4	3	21	21
<b>p</b>	0,08		0,31		0,06		0,01		0,62		0,02	

Também foi realizada a comparação de cada questão (Tabela 18).

Tabela 18 . Médias, desvios padrão e resultados do Teste T (2-tailed) na comparação de cada questão entre Grupo de Mães de Bebês de 1 a 6 meses e Grupo de Mães de Bebês de 7 a 12 meses.

Questão	Grupo Idade	Média	Desvio Padrão	P
<b>1*</b>	1 a 6 meses	0,45	0,59	<b>&lt;0,01</b>
	7 a 12 meses	0,71	0,58	
<b>2</b>	1 a 6 meses	0,35	0,61	0,77
	7 a 12 meses	0,33	0,58	
<b>3</b>	1 a 6 meses	0,48	0,67	0,22
	7 a 12 meses	0,59	0,68	
<b>4</b>	1 a 6 meses	0,18	0,54	0,13
	7 a 12 meses	0,10	0,34	
<b>5*</b>	1 a 6 meses	1,77	0,57	<b>&lt;0,01</b>
	7 a 12 meses	1,93	0,29	
<b>6</b>	1 a 6 meses	0,76	0,72	0,07
	7 a 12 meses	0,93	0,73	
<b>7</b>	1 a 6 meses	0,57	0,78	0,52
	7 a 12 meses	0,64	0,76	
<b>8</b>	1 a 6 meses	0,11	0,35	0,75
	7 a 12 meses	0,10	0,34	
<b>9*</b>	1 a 6 meses	0,96	0,83	<b>0,02</b>
	7 a 12 meses	1,21	0,80	
<b>10</b>	1 a 6 meses	0,13	0,39	0,13
	7 a 12 meses	0,22	0,51	
<b>11</b>	1 a 6 meses	1,87	0,45	0,49
	7 a 12 meses	1,91	0,35	
<b>12</b>	1 a 6 meses	0,22	0,5	0,25
	7 a 12 meses	0,30	0,53	
<b>13</b>	1 a 6 meses	0,33	0,56	0,92
	7 a 12 meses	0,34	0,56	
<b>14</b>	1 a 6 meses	0,91	0,82	0,18
	7 a 12 meses	0,77	0,79	
<b>15</b>	1 a 6 meses	0,01	0,11	0,16
	7 a 12 meses	0	0	
<b>16</b>	1 a 6 meses	1,57	0,78	0,35
	7 a 12 meses	1,66	0,70	
<b>17</b>	1 a 6 meses	0,13	0,37	0,09
	7 a 12 meses	0,22	0,42	
<b>18</b>	1 a 6 meses	1,86	0,49	0,89
	7 a 12 meses	1,85	0,49	
<b>19</b>	1 a 6 meses	0,14	0,36	0,46
	7 a 12 meses	0,18	0,41	
<b>20</b>	1 a 6 meses	0,45	0,69	0,21
	7 a 12 meses	0,57	0,75	
<b>21</b>	1 a 6 meses	0,87	0,81	0,07
	7 a 12 meses	1,07	0,79	
<b>22</b>	1 a 6 meses	0,04	0,23	0,72
	7 a 12 meses	0,03	0,23	
<b>23</b>	1 a 6 meses	1,34	0,73	0,14
	7 a 12 meses	1,60	2,05	
<b>24</b>	1 a 6 meses	0,03	0,17	0,16
	7 a 12 meses	0,08	0,34	
<b>25</b>	1 a 6 meses	0,04	0,25	0,06
	7 a 12 meses	0,00	0	



Os dados apontam para diferença significativa para três das 25 questões investigadas, as questões **1** (*Quando meu filho(a) faz algo que me desagrada, o modo como respondo a ele depende do meu humor.*), **5** (*Procuro saber como meu filho ficou durante a minha ausência*) e **9** (*Se meu filho chora, digo que não vou pega-lo, mas se ele insiste em chorar, acabo pegando*) que são mais utilizados pelas mães de bebês de sete a 12 meses. Nota-se que as diferenças se referem a questões referente às práticas Punição Inconsistente (questão **1**), Monitoria Positiva (questão **5**) e Disciplina Relaxada (questão **9**).

#### **4.4 COMPARAÇÃO DAS PRÁTICAS PARENTAIS CONSIDERANDO DUAS VARIÁVEIS COMBINADAS, SEXO DO BEBÊ E IDADE DO BEBÊ;**

##### **4.4.1 Comparação entre mães de bebês do sexo feminino de um a seis meses com mães de bebês do sexo feminino de sete a 12 meses**

Comparando-se os grupos mães de bebês do sexo feminino de um a seis meses com mães de bebês do sexo feminino de sete a 12 meses (Tabela 19) através do teste T foi encontrada diferença significativa para uma das cinco práticas investigadas, a prática Punição Inconsistente (0,04), que é mais utilizada pelas mães de bebês do sexo feminino de sete a 12 meses. Nas outras práticas e na somatória das práticas negativas não foram encontradas diferenças significativas.

Tabela 19 - Médias, desvios padrão, valores mínimos e máximos e resultados do Teste T (2-tailed) na comparação de cada prática parental entre Grupo de Mães de Bebês do Sexo Feminino de um a seis meses e Grupo de Mães de Bebês do Sexo Feminino de sete a 12 meses.

	Monitoria Positiva		Negligência		Disciplina Relaxada		Punição Inconsistente		Abuso Físico		Somatória Práticas Negativas	
	1-6	7-12	1-6	7-12	1-6	7-12	1-6	7-12	1-6	7-12	1-6	7-12
Média	8,68	8,81	1,38	1,47	3,9	4,53	1,48	2,09	0,41	0,40	7,17	8,49
Desv. Padrão	1,5	1,48	1,46	1,44	2,46	2,56	1,51	1,74	0,88	0,66	4,32	4,47
Min	3	5	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Max	10	10	6	7	9	10	5	6	4	2	21	21
P	0,62		0,73		0,17		0,04		0,93		0,1	

Também foi realizada a comparação de cada questão (Tabela 20). Foi encontrada diferença significativa para três das 25 questões investigadas, as questões **1** (*Quando meu filho(a) faz algo que me desagrada, o modo como respondo a ele depende do meu humor.*), **5** (*Procuro saber como meu filho ficou durante a minha ausência*) e **9** (*Se meu filho chora, digo que não vou pega-lo, mas se ele insiste em chorar, acabo pegando*) que são mais utilizadas pelas mães de bebês do sexo feminino com idade entre sete a 12 meses. Nota-se que as diferenças se referem a questões referente às práticas Punição Inconsistente (questão **1**), Monitoria Positiva (questão **5**) e Disciplina Relaxada (questão **9**).

Tabela 20 - Médias, desvios padrão e resultados do Teste T (2-tailed) na comparação de cada questão entre Grupo de Mães de Bebês do Sexo Feminino de um a seis meses e Grupo de Mães de Bebês do Sexo Feminino de sete a 12 meses.

Questão	Grupo Idade	Média	Desvio Padrão	P
<b>1*</b>	Feminino1a6	0,45	0,60	<b>0,02</b>
	Feminino7a12	0,72	0,60	
<b>2</b>	Feminino1a6	0,42	0,65	0,45
	Feminino7a12	0,34	0,55	
<b>3</b>	Feminino1a6	0,46	0,67	0,27
	Feminino7a12	0,60	0,72	
<b>4</b>	Feminino1a6	0,23	0,59	0,23
	Feminino7a12	0,11	0,38	
<b>5*</b>	Feminino1a6	1,82	0,54	<b>0,04</b>
	Feminino7a12	1,96	0,19	
<b>6</b>	Feminino1a6	0,79	0,75	0,13
	Feminino7a12	1,00	0,76	
<b>7</b>	Feminino1a6	0,48	0,73	0,29
	Feminino7a12	0,62	0,77	
<b>8</b>	Feminino1a6	0,10	0,35	0,62
	Feminino7a12	0,13	0,39	
<b>9*</b>	Feminino1a6	0,89	0,84	<b>0,02</b>
	Feminino7a12	1,23	0,80	
<b>10</b>	Feminino1a6	0,11	0,36	0,13
	Feminino7a12	0,25	0,55	
<b>11</b>	Feminino1a6	1,93	0,26	0,25
	Feminino7a12	1,85	0,46	
<b>12</b>	Feminino1a6	0,21	0,45	0,15
	Feminino7a12	0,34	0,52	
<b>13</b>	Feminino1a6	0,37	0,64	0,94
	Feminino7a12	0,36	0,56	
<b>14</b>	Feminino1a6	0,96	0,82	0,11
	Feminino7a12	0,72	0,82	
<b>15</b>	Feminino1a6	0,01	0,12	0,39
	Feminino7a12	0,00	0,00	
<b>16</b>	Feminino1a6	1,68	0,69	0,51
	Feminino7a12	1,75	0,62	
<b>17</b>	Feminino1a6	0,18	0,43	0,30
	Feminino7a12	0,26	0,45	
<b>18</b>	Feminino1a6	1,90	0,42	0,24
	Feminino7a12	1,79	0,57	
<b>19</b>	Feminino1a6	0,15	0,36	0,95
	Feminino7a12	0,15	0,36	
<b>20</b>	Feminino1a6	0,45	0,67	0,44
	Feminino7a 12	0,55	0,70	
<b>21</b>	Feminino1a 6	0,80	0,86	0,24
	Feminino7a12	0,98	0,80	
<b>22</b>	Feminino1a6	0,04	0,20	0,92
	Feminino7a12	0,04	0,28	
<b>23</b>	Feminino1a6	1,35	0,74	0,44
	Feminino7a12	1,45	0,70	
<b>24</b>	Feminino1a6	0,04	0,20	0,34
	Feminino7a12	0,09	0,35	
<b>25</b>	Feminino1a6	0,01	0,12	0,39
	Feminino7a12	0,00	0,00	

#### 4.4.2 - Comparação mães de bebês do sexo masculino de um a seis meses com mães de bebês do sexo masculino de sete a 12 meses

Comparando-se os grupos mães de bebês do sexo masculino de um a seis meses com mães de bebês do sexo masculino de sete a 12 meses (Tabela 21) utilizando o teste T não foram encontradas diferenças significativas nas práticas parentais e na somatória das práticas negativas.

Tabela 21 - Médias, desvios padrão, valores mínimos e máximos e resultados do Teste T (2-tailed) na comparação de cada prática parental entre Grupo de Mães de Bebês do Sexo Masculino de um a seis meses e Grupo de Mães de Bebês do Sexo masculino de sete a 12 meses.

	Monitoria Positiva		Negligência		Disciplina Relaxada		Punição Inconsistente		Abuso Físico		Somatória Práticas Negativas	
	1-6	7-12	1-6	7-12	1-6	7-12	1-6	7-12	1-6	7-12	1-6	7-12
Média	8,19	8,68	1,24	1,50	4,07	4,63	1,53	1,97	0,4	0,29	7,24	8,39
Desv. Padrão	1,66	1,3	1,16	1,47	2,35	2,19	1,61	1,38	0,8	0,69	4,06	3,79
Min	4	6	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1
Max	10	10	4	5	10	9	6	5	3	3	19	16
P	0,1		0,29		0,21		0,15		0,47		0,14	

Também foi realizada a comparação de cada questão, como mostra a Tabela 22. Foi encontrada diferença significativa para duas das 25 questões investigadas, as questões **1** (*Quando meu filho(a) faz algo que me desagrada, o modo como respondo a ele depende do meu humor.*) e a **11** (*Quando meu filho(a) está chorando procuro descobrir o que o incomoda.*) que aparecem mais no relato das mães de bebês do sexo masculino com idade entre sete a 12 meses. Nota-se que as diferenças se referem a questões referente às práticas Punição Inconsistente (questão **1**) e Monitoria Positiva (questão **11**).

Tabela 22 -. Médias, desvios padrão e resultados do Teste T (2-tailed) na comparação de cada questão entre Grupo de Mães de Bebês do Sexo Masculino de 1 a 6 meses e Grupo de Mães de Bebês do Sexo Masculino de 7 a 12 meses

Questão	Grupo Idade	Média	Desvio Padrão	p
<b>1*</b>	Masculino1a6	0,44	0,58	<b>0,02</b>
	Masculino7a12	0,71	0,57	
<b>2</b>	Masculino1a6	0,30	0,57	0,86
	Masculino7a12	0,32	0,62	
<b>3</b>	Masculino1a6	0,50	0,68	0,54
	Masculino7a12	0,58	0,64	
<b>4</b>	Masculino1a6	0,15	0,49	0,42
	Masculino7a12	0,08	0,27	
<b>5</b>	Masculino1a6	1,74	0,60	0,08
	Masculino7a12	1,89	0,39	
<b>6</b>	Masculino1a6	0,74	0,69	0,44
	Masculino7a12	0,84	0,68	
<b>7</b>	Masculino1a6	0,65	0,82	0,95
	Masculino7a12	0,66	0,78	
<b>8</b>	Masculino1a6	0,13	0,37	0,18
	Masculino7a12	0,05	0,23	
<b>9</b>	Masculino1a6	1,02	0,82	0,31
	Masculino7a12	1,18	0,80	
<b>10</b>	Masculino1a6	0,14	0,41	0,56
	Masculino7a12	0,18	0,46	
<b>11*</b>	Masculino1a6	1,83	0,55	<b>0,01</b>
	Masculino7a12	2,00	0,00	
<b>12</b>	Masculino1a6	0,23	0,54	0,93
	Masculino7a12	0,24	0,54	
<b>13</b>	Masculino1a6	0,31	0,49	0,93
	Masculino7a12	0,32	0,57	
<b>14</b>	Masculino1a6	0,88	0,83	0,83
	Masculino7a12	0,84	0,75	
<b>15</b>	Masculino1a6	0,01	0,11	0,51
	Masculino7a12	0	0	
<b>16</b>	Masculino1a6	1,48	0,84	0,76
	Masculino7a12	1,53	0,80	
<b>17</b>	Masculino1a6	0,09	0,33	0,31
	Masculino7a12	0,16	0,37	
<b>18</b>	Masculino1a6	1,82	0,54	0,21
	Masculino7a12	1,92	0,36	
<b>19</b>	Masculino1a6	0,13	0,37	0,33
	Masculino7a12	0,21	0,47	
<b>20</b>	Masculino1a6	0,45	0,71	0,30
	Masculino7a12	0,61	0,82	
<b>21</b>	Masculino1a6	0,93	0,77	0,09
	Masculino7a12	1,18	0,77	
<b>22</b>	Masculino1a6	0,05	0,26	0,67
	Masculino7a12	0,03	0,16	
<b>23</b>	Masculino1a6	1,33	0,72	0,92
	Masculino7a12	1,34	0,58	
<b>24</b>	Masculino1a6	0,02	0,15	0,48
	Masculino7a12	0,05	0,32	
<b>25</b>	Masculino1a6	0,06	0,32	0,10
	Masculino7a12	0	0	

#### 4.4.3- Comparação Mães de Bebês do Sexo Feminino um a seis meses com Mães de Bebês do Sexo Masculino de um a seis meses

Comparando-se os grupos mães de bebês do sexo feminino de um a seis meses com mães de bebês do sexo masculino de um a seis meses (Tabela 23) através do teste T não foram encontradas diferenças significativas nas práticas parentais e na somatória das práticas negativas.

Tabela 23 - Médias, desvios padrão, valores mínimos e máximos e resultados do Teste T (2-tailed) na comparação de cada prática parental entre Grupo de Mães de Bebês do Sexo Feminino de um a seis meses e Grupo de Mães de Bebês do Sexo Masculino de um a seis meses.

	Monitoria Positiva		Negligência		Disciplina Relaxada		Punição Inconsistente		Abuso Físico		Somatória Práticas Negativas	
	F1 a 6	M1a6	F1 a 6	M1a6	F1 a 6	M1a6	F1 a 6	M1a6	F1 a 6	M1a6	F1 a 6	M1a6
Média	8,68	8,19	1,38	1,24	3,9	4,07	1,48	1,53	0,41	0,4	7,17	7,24
Desv. Padrão	1,5	1,66	1,46	1,16	2,46	2,35	1,51	1,61	0,88	0,8	4,32	4,06
Min	3	4	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Max	10	10	6	4	9	10	5	6	4	3	21	19
P	0,06		0,5		0,66		0,82		0,94		0,92	

Também foi realizada a comparação de cada questão (Tabela 24) e não foram encontradas diferenças significativas entre os grupos Mães de Bebês do Sexo Feminino de um a seis meses e de Mães de Bebês do Sexo Masculino de um a seis meses.

Tabela 24 -. Médias, desvios padrão e resultados do Teste T (2-tailed) na comparação de cada questão entre Grupo de Mães de Bebês do Sexo Feminino de 1 a 6 meses e Grupo de Mães de Bebês do Sexo Masculino de 1 a 6 meses.

<b>Questão</b>	<b>Grupo Idade</b>	<b>Média</b>	<b>Desvio Padrão</b>	<b>p</b>
<b>1</b>	Feminino1a6	0,45	0,60	0,94
	Masculino1a6	0,44	0,58	
<b>2</b>	Feminino1a6	0,42	0,65	0,20
	Masculino1a6	0,30	0,57	
<b>3</b>	Feminino1a6	0,46	0,67	0,74
	Masculino1a6	0,50	0,68	
<b>4</b>	Feminino1a6	0,23	0,59	0,37
	Masculino1a6	0,15	0,49	
<b>5</b>	Feminino1a6	1,82	0,54	0,39
	Masculino1a6	1,74	0,60	
<b>6</b>	Feminino1a6	0,79	0,75	0,66
	Masculino1a6	0,74	0,69	
<b>7</b>	Feminino1a6	0,48	0,73	0,18
	Masculino1a6	0,65	0,82	
<b>8</b>	Feminino1a6	0,10	0,35	0,64
	Masculino1a6	0,13	0,37	
<b>9</b>	Feminino1a6	0,89	0,84	0,31
	Masculino1a6	1,02	0,82	
<b>10</b>	Feminino1a6	0,11	0,36	0,70
	Masculino1a6	0,14	0,41	
<b>11</b>	Feminino1a6	1,93	0,26	0,13
	Masculino1a6	1,83	0,55	
<b>12</b>	Feminino1a6	0,21	0,45	0,84
	Masculino1a6	0,23	0,54	
<b>13</b>	Feminino1a6	0,37	0,64	0,52
	Masculino1a6	0,31	0,49	
<b>14</b>	Feminino1a6	0,96	0,82	0,53
	Masculino1a6	0,88	0,83	
<b>15</b>	Feminino1a6	0,01	0,12	0,88
	Masculino1a6	0,01	0,11	
<b>16</b>	Feminino1a6	1,68	0,69	0,11
	Masculino1a6	1,48	0,84	
<b>17</b>	Feminino1a6	0,18	0,43	0,12
	Masculino1a6	0,09	0,33	
<b>18</b>	Feminino1a6	1,90	0,42	0,27
	Masculino1a6	1,82	0,54	
<b>19</b>	Feminino1a6	0,15	0,36	0,61
	Masculino1a6	0,13	0,37	
<b>20</b>	Feminino1a6	0,45	0,67	0,97
	Masculino1a6	0,45	0,71	
<b>21</b>	Feminino1a6	0,80	0,86	0,33
	Masculino1a6	0,93	0,77	
<b>22</b>	Feminino1a6	0,04	0,20	0,93
	Masculino1a6	0,05	0,26	
<b>23</b>	Feminino1a6	1,35	0,74	0,85
	Masculino1a6	1,33	0,72	
<b>24</b>	Feminino1a6	0,04	0,20	0,49
	Masculino1a6	0,02	0,15	
<b>25</b>	Feminino1a6	0,01	0,12	0,25
	Masculino1a6	0,06	0,32	

#### 4.4.4- Comparação entre mães de bebês do sexo feminino de sete a 12 meses com mães de bebês do sexo masculino de sete a 12 meses

Comparando-se os grupos mães de bebês do sexo feminino de sete a 12 meses com mães de bebês do sexo masculino de sete a 12 meses (Tabela 25) através do teste T não foram encontradas diferenças significativas nas práticas parentais e na somatória das práticas negativas.

Tabela 25 - Médias, desvios padrão, valores mínimos e máximos e resultados do Teste T (2-tailed) na comparação de cada prática parental entre Grupo de Mães de Bebês do Sexo Feminino de 7 a 12 meses e Grupo de Mães de Bebês do Sexo Masculino de 7 a 12 meses.

	Monitoria Positiva		Negligência		Disciplina Relaxada		Punição Inconsistente		Abuso Físico		Somatória Práticas Negativas	
	F7-12	M7-12	F7-12	M7-12	F7-12	M7-12	F7-12	M7-12	F7-12	M7-12	F7-12	M7-12
Média	8,81	8,68	1,47	1,50	4,53	4,63	2,09	1,97	0,40	0,29	8,49	8,39
Desv. Padrão	1,48	1,3	1,44	1,47	2,56	2,19	1,74	1,38	0,66	0,69	4,47	3,79
Min	5	6	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1
Max	10	10	7	5	10	9	6	5	2	3	21	16
P	0,67		0,93		0,84		0,72		0,46		0,91	

Também foi realizada a comparação de cada questão (Tabela 26), e foi encontrada diferença significativa para a questão **11** (*Quando meu filho(a) está chorando procuro descobrir o que o incomoda.*) que é mais utilizada pelas mães de bebês do sexo masculino de 7 a 12 meses. Nas outras questões não foram encontradas diferenças significativas entre os grupos.



Tabela 26 - Médias, desvios padrão e resultados do Teste T (2-tailed) na comparação de cada questão entre Grupo de Mães de Bebês do Sexo Feminino de sete a 12 meses e Grupo de Mães de Bebês do Sexo Masculino de sete a 12 meses.

Questão	Grupo Idade	Média	Desvio Padrão	p
1	Feminino7a12	0,72	0,60	0,96
	Masculino7a12	0,71	0,57	
2	Feminino7a12	0,34	0,55	0,85
	Masculino7a12	0,32	0,62	
3	Feminino7a12	0,60	0,72	0,86
	Masculino7a12	0,58	0,64	
4	Feminino7a12	0,11	0,38	0,63
	Masculino7a12	0,08	0,27	
5	Feminino7a12	1,96	0,19	0,33
	Masculino7a12	1,89	0,39	
6	Feminino7a12	1,00	0,76	0,31
	Masculino7a12	0,84	0,68	
7	Feminino7a12	0,62	0,77	0,83
	Masculino7a12	0,66	0,78	
8	Feminino7a12	0,13	0,39	0,23
	Masculino7a12	0,05	0,23	
9	Feminino7a12	1,23	0,80	0,80
	Masculino7a12	1,18	0,80	
10	Feminino7a12	0,25	0,55	0,58
	Masculino7a12	0,18	0,46	
11*	Feminino7a12	1,85	0,46	<b>0,02</b>
	Masculino7a12	2,00	0,00	
12	Feminino7a12	0,34	0,52	0,36
	Masculino7a12	0,24	0,54	
13	Feminino7a12	0,36	0,56	0,72
	Masculino7a12	0,32	0,57	
14	Feminino7a12	0,72	0,82	0,46
	Masculino7a12	0,84	0,75	
15	Feminino7a12	0		
	Masculino7a12	0		
16	Feminino7a12	1,75	0,62	0,14
	Masculino7a12	1,53	0,80	
17	Feminino7a12	0,26	0,45	0,22
	Masculino7a12	0,16	0,37	
18	Feminino7a12	1,79	0,57	0,19
	Masculino7a12	1,92	0,36	
19	Feminino7a12	0,15	0,36	0,5
	Masculino7a12	0,21	0,47	
20	Feminino7a12	0,55	0,70	0,72
	Masculino7a12	0,61	0,82	
21	Feminino7a12	0,98	0,80	0,23
	Masculino7a12	1,18	0,77	
22	Feminino7a12	0,04	0,28	0,82
	Masculino7a12	0,03	0,16	
23	Feminino7a12	1,45	0,70	0,43
	Masculino7a12	1,34	0,58	
24	Feminino7a12	0,09	0,35	0,57
	Masculino7a12	0,05	0,32	
25	Feminino7a12	0		
	Masculino7a12	0		

#### **4.5 CORRELAÇÃO E COMPARAÇÃO DAS PRÁTICAS PARENTAIS COM A IDADE MATERNA**

Para análise de correlação foi utilizado o teste de Pearson. Não foi verificada correlação significativa entre a idade materna e as práticas parentais. Também foi realizada a comparação da idade materna através da divisão em dois grupos, mães adolescentes e mães adultas, utilizando o Teste T. A Tabela 19 apresenta médias, desvios padrão, valores mínimos e máximos e resultados da comparação de cada prática parental entre Grupo das mães adolescentes e Grupo das mães adultas em cada um dos conjuntos de práticas parentais do IEPMB.

Comparando-se os grupos (mães adolescente e mães adultas) através do teste T foi verificada diferença significativa para uma das cinco práticas investigadas, a prática Monitoria Positiva ( $p < 0,01$ ), demonstrando que as mães adultas utilizam-se mais dessa prática do que as mães adolescentes. Nas outras práticas e na somatória das práticas negativas não foram encontradas diferenças significativas.

Tabela 19 - Médias, desvios padrão, valores mínimos e máximos e resultados do Teste T (2-tailed) na comparação de cada prática entre Grupo de Mães Adolescentes e Grupo de Mães Adultas.

	Monitoria Positiva		Negligência		Disciplina Relaxada		Punição Inconsistente		Abuso Físico		Somatória das Práticas Negativas	
	<=19 anos	>=20 anos	<=19 anos	>=20 anos	<=19 anos	>=20 anos	<=19 anos	>=20 anos	<=19 anos	>=20 anos	<=19 anos	>=20 anos
<b>Média</b>	8,21	8,81	1,39	1,35	4,33	4,10	1,74	1,68	0,42	0,35	7,89	7,47
<b>Desv. Padrão</b>	1,61	1,42	1,32	1,39	2,45	2,37	1,63	1,56	0,89	0,67	4,44	4
<b>Min</b>	4	3	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
<b>Max</b>	10	10	6	7	10	10	6	6	4	3	21	21
<b>P</b>	<b>&lt;0,01</b>		0,77		0,43		0,76		0,49		0,43	

Também foi realizada a comparação de cada questão (Tabela 20), foi encontrada diferença significativa para duas das 25 questões investigadas, questões **8** (*Meu filho, quando chora, procura qualquer outra pessoa, pois estou sempre ocupada*) ( $p=0,04$ ) que aparece mais no relato das mães adolescentes ( $M=0,16$ ) do que das mães adultas ( $M=0,07$ ) e **16** (*Mesmo quando estou ocupado(a) ou viajando, telefono para saber como meu filho(a) está.*) ( $p<0,01$ ) que aparece mais no relato das mães adultas ( $M=1,76$ ), do que nas mães adolescentes ( $M=1,4$ ). Nota-se que a questão **8** refere-se a prática Negligência e a questão **16** a prática Monitoria Positiva.

Tabela 20 -. Estatística Comparativa de cada questão de acordo com a idade materna.

Questão	Grupo	Média	Desvio Padrão	P
1	Adolescente	0,53	0,61	0,67
	Adulta	0,56	0,59	
2	Adolescente	0,32	0,59	0,63
	Adulta	0,36	0,60	
3	Adolescente	0,54	0,68	0,81
	Adulta	0,51	0,68	
4	Adolescente	0,18	0,52	0,48
	Adulta	0,13	0,44	
5	Adolescente	1,82	0,47	0,83
	Adulta	1,84	0,52	
6	Adolescente	0,78	0,67	0,39
	Adulta	0,86	0,76	
7	Adolescente	0,68	0,82	0,1
	Adulta	0,52	0,73	
8*	Adolescente	0,16	0,41	<b>0,04</b>
	Adulta	0,07	0,28	
9	Adolescente	1,08	0,84	0,63
	Adulta	1,03	0,81	
10	Adolescente	0,17	0,46	0,83
	Adulta	0,15	0,42	
11	Adolescente	1,88	0,42	0,7
	Adulta	1,90	0,41	
12	Adolescente	0,25	0,51	0,86
	Adulta	0,24	0,51	
13	Adolescente	0,31	0,53	0,45
	Adulta	0,36	0,58	
14	Adolescente	0,95	0,83	0,12
	Adulta	0,79	0,79	
15	Adolescente	0,02	0,13	0,12
	Adulta	0,00	0,00	
16*	Adolescente	1,40	0,87	<b>&lt;0,01</b>
	Adulta	1,76	0,60	
17	Adolescente	0,13	0,39	0,23
	Adulta	0,19	0,39	
18	Adolescente	1,81	0,55	0,18
	Adulta	1,89	0,43	
19	Adolescente	0,14	0,35	0,65
	Adulta	0,16	0,41	
20	Adolescente	0,54	0,71	0,33
	Adulta	0,46	0,72	
21	Adolescente	0,99	0,80	0,4
	Adulta	0,90	0,81	
22	Adolescente	0,04	0,24	0,81
	Adulta	0,04	0,22	
23	Adolescente	1,30	0,69	0,15
	Adulta	1,55	1,74	
24	Adolescente	0,04	0,18	0,45
	Adulta	0,06	0,29	
25	Adolescente	0,02	0,13	0,63
	Adulta	0,03	0,24	

\* diferenças significativas

#### 4.6 - CORRELAÇÃO DAS PRÁTICAS PARENTAIS COM A ESCOLARIDADE MATERNA

Nas práticas parentais foi verificada correlação significativa entre a escolaridade materna e três das cinco práticas parentais investigadas, utilizando o teste de correlação de Pearson (Tabela 21). A prática Monitoria Positiva apresentou correlação positiva ( $r=0,26$ ,  $p<0,01$ ), demonstrando que quanto maior a escolaridade materna mais as mães utilizam-se dessa prática. Com relação às práticas parentais negativas foi verificada correlação significativa entre a escolaridade materna e as práticas Disciplina Relaxada ( $r= -0,27$ ,  $p<0,01$ ), Punição Inconsistente ( $r= -0,15$ ,  $p<0,01$ ) e para a somatória das práticas parentais negativas ( $r=-0,24$ ,  $p<0,01$ ), demonstrando que quanto menor a escolaridade materna, mais as mães utilizam-se dessas práticas.

Tabela 21 – Correlação entre práticas educativas e escolaridade materna.

	Monitoria Positiva	Negligência	Abuso Físico	Disciplina Relaxada	Punição Inconsistente	Somatória das Práticas Negativas
Correlação Pearson	0,258**	-,036	-,056	-0,277**	-0,153**	-0,239**
Sig.(1-tailed)	<b>&lt;0,01</b>	0,286	0,190	<b>&lt;0,01</b>	<b>&lt;0,01</b>	<0,01

Também foi verificada a existência de correlação entre a escolaridade materna e cada questão. Foi verificada correlação significativa para 11 das 25 questões investigadas. Essas questões são referentes as práticas: monitoria positiva, punição inconsistente e disciplina relaxada (Tabela 22). Três das cinco questões referentes a prática Monitoria Positiva apresentaram correlação positiva com a escolaridade: **16** (*Mesmo quando estou*

*ocupado(a) ou viajando, telefone para saber como meu filho(a) está*), **18** (*Após ficar distante do meu filho quero saber como ele ficou - se chorou, se ficou bem, etc*), e **23** (*Estabeleço uma rotina com meu filho e procuro cumpri-la*). Isto é, quanto maior a escolaridade mais freqüente o uso destas práticas. Três das cinco questões referentes a prática Punição Inconsistente apresentaram correlação significativa: **7** (*Quando estou alegre não me importo com comportamentos do meu filho que me desagradam*), **12** (*Trato mal meu filho(a) quando estou nervosa, e assim que passa a raiva me arrependo*) e **19** (*Sou mau-humorado(a) com meu filho(a)*). Todas as questões referentes a prática Disciplina Relaxada apresentaram correlação significativa com a escolaridade: **3** (*Ameaço que vou bater ou ficar muito brava com meu filho(a), mas depois não faço nada*), **6** (*Estabeleço uma rotina mas nunca consigo segui-la*), **9** (*Se meu filho chora, digo que não vou pegá-lo, mas se ele insiste em chorar, acabo pegando*), **14** (*Não faço horários para meu filho, as coisas acontecem naturalmente*) e **21** (*Aviso que não vou pegar meu filho no colo quando ele faz birra, mas na hora “H” fico com pena e o pego*). Neste caso, quanto menor a escolaridade mais freqüente o uso da prática.

Tabela 22 - Correlação entre a escolaridade materna e as questões do IEPMB.

Questão	Correlação Pearson	Sig.(1-tailed)
1	-0,10	0,06
2	-0,09	0,08
3*	-0,18**	<b>&lt;0,01</b>
4	-0,07	0,14
5	0,07	0,15
6*	-0,15**	<b>&lt;0,01</b>
7*	-0,12*	<b>0,02</b>
8	-0,05	0,21
9*	-0,21**	<b>&lt;0,01</b>
10	-0,04	0,26
11	0,06	0,16
12*	-0,12*	<b>0,03</b>
13	0,08	0,11
14*	-0,13*	<b>0,02</b>
15	-0,04	0,24
16*	0,21**	<b>&lt;0,01</b>
17	0,03	0,33
18*	0,10*	0,05
19*	-0,11*	<b>0,04</b>
20	-0,07	0,14
21*	-0,20**	<b>&lt;0,01</b>
22	0,04	0,26
23*	0,12*	<b>0,03</b>
24	0,03	0,3
25	0,01	0,45

## **5. DISCUSSÕES**

As discussões do presente estudo encontram-se estruturada em seis tópicos: 1) Descrição das Práticas Parentais; 2) Comparação das Práticas Parentais com o Sexo do Bebê; 3) Correlação e Comparação das Práticas Parentais com a Idade do Bebê; 4) Comparação das variáveis combinadas, sexo e idade do bebê; 5) Correlação e Comparação das Práticas Parentais com a Idade Materna e, 6) Correlação das Práticas Parentais com a Escolaridade Materna.

### **5.1 DESCRIÇÃO DAS PRÁTICAS PARENTAIS**

Os resultados revelaram que as mães utilizam-se com frequência da prática parental Monitoria Positiva, ou seja, é uma prática presente no repertório das mães. Este dado já havia sido apontado por outros estudos (ALTAFIM; SCHIAVO; RODRIGUES, 2008; RODRIGUES; ALTAFIM; SCHIAVO, 2011).

A prática Monitoria Positiva com bebês envolve: a atenção para a localização dos filhos, ou seja, mesmo quando a mãe está ausente ela se preocupa em saber como o seu filho se comportou; e a preocupação com as suas atividades, o que estaria relacionado ao estabelecimento de uma rotina e reconhecimento dos comportamentos do bebê, por exemplo, o choro. Essa prática parental permite que a mãe se mostre presente e atenda adequadamente as necessidades do bebê.

Quando a mãe pergunta como seu filho(a) ficou na sua ausência está obtendo dados para entender o comportamento do bebê, assim caso surja alguma dificuldade, essas



informações podem ser importantes para uma descrição mais precisa, uma interpretação adequada e uma resposta contingente ao comportamento da criança. Este comportamento também permite que a mãe tenha conhecimento sobre a qualidade das interações entre os cuidadores e o bebê. Todos esses aspectos são fundamentais para o estabelecimento de um vínculo afetivo saudável que proporcione a criança segurança e a sua independência posterior. Como demonstrado por Belsky (2005) existe uma relação entre práticas parentais positivas e a manifestação de emoções positivas por parte da criança.

A maioria das participantes relatou que procuram descobrir o que está incomodando o bebê quando ele chora. Essas mães estão agindo responsivamente, já que por meio do reconhecimento do choro do bebê buscam distinguir quais são as reais necessidades de seu filho para oferecer uma resposta contingente e apropriada aos sinais da criança. Como ressalta ZEIFMAN (2005) o choro é o meio básico de comunicação disponível para crianças pequenas durante uma fase do desenvolvimento em que elas são quase completamente dependentes de terceiros para suprir suas necessidades. Além disso, há uma tremenda variabilidade na qualidade e na quantidade de choro do bebê e na natureza da resposta parental ao choro (ZEIFMAN, 2005). Assim, o reconhecimento do choro do bebê é uma tarefa difícil e importante para que a mãe consiga responder adequadamente as necessidades de seu filho.

Apesar das participantes relatarem a utilização de prática parentais positivas, as práticas parentais negativas também foram mencionadas, ainda que com menor frequência. Dentre as negativas a que aparece no relato de um maior número de participantes é a prática Disciplina Relaxada, quatro das cinco questões investigadas aparecem no relato de mais da metade das participantes, o que mostra que esses comportamentos fazem parte do repertório da maioria das participantes. Mesmo em se tratando de crianças pequenas, essa prática

representa uma importante estratégia, utilizada pelas mães, para regulação do comportamento infantil.

A Disciplina Relaxada apareceu principalmente nas questões **9** e **21**, relacionadas aos comportamentos de dizer que não vai pegá-lo quando chora ou faz birra e, depois de algum tempo o faz. Esses são comportamentos que resultam em reforçamento intermitente da mãe que, ora pega, ora não pega, ora demora mais e outras vezes menos. O resultado para essa condição é que reforça na criança comportamentos de birra e choro para obter uma atenção que ela nunca sabe quando vem. De acordo com Bolsoni-Silva, Paiva e Barbosa (2009) o comportamento de birra dos filhos pode estar funcionalmente relacionado à inconsistência dos pais/cuidadores, pois, frequentemente, quando os pedidos das crianças são negados por eles, estes apresentam comportamentos de choro, grito, insistindo nas suas necessidades; momentos em que os cuidadores acabam por ceder e atendem o que outrora fora negado, caracterizando, assim, a inconsistência do seu comportamento e oferecendo, aos filhos, reforçador intermitente, bastante poderoso na manutenção de respostas.

Outras duas questões que apareceram no relato de um número expressivo de participantes foram a **14** e a **6**. Essas questões são relacionadas a rotina. Na prática Monitoria Positiva um número expressivo de participantes relatou que estabelecem uma rotina e procuram segui-la, no entanto um número expressivo de participantes também relata que estabelece uma rotina e não consegue segui-la, ou não fazem horário para os filhos deixando as coisas acontecerem naturalmente. Esses dados demonstram que as mães estão um pouco confusas em relação a real importância da rotina, ou estão encontrando dificuldades para segui-la.

O estabelecimento de rotina permite que tanto o bebê, quanto a mãe consigam fazer previsões sobre o comportamento e o ambiente, o que pode trazer diversos benefícios para ambos, como a regulação do sono e da alimentação do bebê. A previsibilidade permite a

organização do repertório comportamental materno e da criança. As mães conseguem observar e descrever qual horário seu filho fica com sono, cansado, com fome ou querendo brincar, ou seja, a rotina permite uma interpretação mais acurada dos sinais emitidos pelo bebê, e conseqüentemente uma resposta contingente ao comportamento da criança. Além disso, quando existe uma rotina eventuais imprevistos podem ser resolvidos com uma maior facilidade sem que a atenção e os cuidados com o bebê sejam prejudicados (SPRADLIN, 1999). A rotina trás segurança tanto para o bebê quanto para os pais e permite uma maior organização familiar.

Observa-se que as mães até estabelecem regras, mas parece que não atentaram para a importância de segui-las. Se as mães, com frequência, estabelecem regras e não as fazem cumprir, a criança desenvolverá basicamente três tipos de atitudes: a primeira é a aprendizagem de que regras não são para serem cumpridas; a segunda é a possibilidade de se desrespeitar a autoridade e a terceira é aprender a manipular emocionalmente a situação para não cumprir as regras estabelecidas (GOMIDE, 2003).

A prática Punição Inconsistente é a segunda prática negativa mais utilizada pelas participantes. Observou-se que a questão que aparece no relato de um maior número de participantes refere-se ao tratamento dispensado ao filho em função do estado de humor da mãe. Quando os pais agem ora punindo, ora ignorando, ora até aplaudindo um comportamento de acordo com o seu humor e não em função do comportamento da criança acabam confundindo a criança, que aprende a discriminar o humor da mãe, e não se o seu comportamento foi adequado ou inadequado (GOMIDE, 2006). Assim, os filhos tendem a ter maior dificuldade em discriminar o certo e o errado (CARVALHO; GOMIDE, 2005). Pais e mães precisam ser consistentes em suas próprias ações.

Quando uma mãe passa por dificuldades durante o dia e ao chegar em casa nervosa grita com o seu bebê ou não lhe oferece atenção, independente do que o filho(a) está

fazendo, dificulta o estabelecimento de um vínculo afetivo estável. Além disso, a utilização da prática Punição Inconsistente pode agir como estressor para a criança, que dependerá sempre do estado diário do humor dos pais para receber ou não reforço ou punição (GOMIDE, 2003). Outra consequência da utilização dessa prática seria a criança aprender a lidar com situações difíceis ou estressantes da mesma maneira que os pais, já que esses são modelos para elas (GOMIDE; SALVO; PINHEIRO; SABBAG, 2005).

Na prática Negligência as questões mais relatadas referem-se ao fato do filho ficar muito tempo com outras pessoas e o fato de não saber do que o filho gosta. Com relação ao fato de ficar com outras pessoas, das mães em questão, algumas ainda estudam e/ou trabalham, justificando este dado, além disso este é um dado que influencia no conhecimento das mães sobre o que seu filho(a) gosta ou não. A segunda pode se referir à pouca idade do bebê. Conhecer o que o bebê gosta ou não, depende do reconhecimento das diferentes expressões, vocalizações e expressões faciais do bebê, ou seja os sinais que ele emite. Esses sinais são importantes para que a mãe responda de maneira contingente e apropriada ao bebê, por exemplo, tranquilizando-o e oferecendo conforto quando ele demonstra medo. Ressalta-se, portanto a necessidade de investigar sobre o conhecimento dessas mães sobre a comunicação dos bebês. Observa-se que a questão **20** está com o sentido invertido, e uma das hipóteses seria que as mães podem ter confundido o seu significado, uma sugestão seria modificar a questão (*Não sei dizer do que meu filho(a) gosta*), para (*Sei dizer do que meu filho gosta*), e inclui-la no conjunto de questões referentes a prática Monitoria Positiva.

Quanto a prática Abuso Físico ainda que numa frequência muito baixa apareceu no relato de algumas mães, principalmente para questão que refere-se ao fato de bater com mão ou com objetos no filho. Tendo em vista que, Weber, Viezzer e Brandenburg (2004), observaram que a maioria absoluta das famílias das crianças e dos adolescentes pesquisados relata que já utilizou ou ainda utiliza punições corporais, especialmente tapas e palmadas, o

primeiro ano de vida seria um ótimo momento para a orientação das mães, para que essa prática não apareça futuramente à medida que as crianças crescem, já que nessa fase pouquíssimas mães relatam utilizarem-se desse comportamento.

A maioria das práticas negativas ainda não são freqüentes no repertório comportamental das mães. Esta fase seria portanto, um ótimo momento para a realização de intervenções preventivas, tanto para fortalecer e o instalar a utilização de práticas positivas como para minimizar e/ou eliminar a utilização de práticas negativas, uma vez que as práticas parentais e os padrões de relação ainda estão sendo estabelecidos, e os estilos e práticas parentais podem piorar na medida que o bebê cresce, como demonstraram Rodrigues, Altafim e Schiavo (2011). Como as mães relataram utilizar-se com frequência da prática Monitoria Positiva, tais comportamentos adequados poderiam ser utilizados como ponto de partida para intervenções com mães de bebês.

A informação e a educação sobre práticas parentais adequadas assim como o estabelecimento precoce de práticas eficazes são importantes para a adaptação social e o sucesso da criança (BORNSTEIN; BORNSTEIN, 2007). As intervenções com pais podem ser tanto de natureza remediativa como preventiva, em que pais e mães possam ter recursos para aprender outras estratégias educativas (BOLSONI-SILVA, 2003). De acordo com Leme, Bolsoni-Silva e Carrara (2009) quando os pais e os filhos aprendem outras formas de obter reforçadores através de comportamentos socialmente habilidosos, os comportamentos problema e as práticas educativas negativas podem perder sua funcionalidade, o que faria com que fosse reduzida sua ocorrência. O conhecimento dos pais sobre práticas parentais têm um papel fundamental, tendo em vista que quando eles conhecem as normas e as etapas do desenvolvimento e sabem como cuidar dos filhos, possuem uma compreensão que lhes permite adaptar-se ou antecipar-se as mudanças no desenvolvimento infantil (SANDERS; MORAWSKA, 2005).

Estudos demonstram que mães que conhecem melhor o desenvolvimento do bebê e da criança têm melhores práticas parentais. Por outro lado, quando os pais têm convicções erradas ou superestimam o desempenho do seu filho, podem, na verdade, prejudicar esse desempenho, provavelmente porque as expectativas dos pais podem ter efeito sobre seus comportamentos (SANDERS; MORAWSKA, 2005). Orientações sistematizadas dirigidas aos pais de bebês, com caráter preventivo, podem promover mudanças na interação entre pais e filhos, permitem evitar a ocorrência de problemas de comportamento ao longo do desenvolvimento e, conseqüentemente, protegem a saúde mental das crianças (KLEIN; GASPARDO; LINHARES, 2011).

Trivette e Dunst (2009) relatam a existência de diversos programas de intervenções para os pais que têm como objetivo apoiar e reforçar as capacidades parentais e promover o desenvolvimento de novas competências. De acordo com os autores as formas de intervenção podem variar, mas o objetivo permanece o mesmo: melhorar a qualidade de vida das crianças e de seus pais. A estratégia também é comum a todas elas: ter impacto sobre as crianças através de mudanças de atitudes, conhecimentos e comportamentos dos pais. Esses programas visam oferecer aos pais os conhecimentos e as habilidades de que necessitam para cumprir de maneira eficaz suas responsabilidades na criação de seus filhos e para lhes proporcionar experiências e oportunidades que favoreçam a aprendizagem e o desenvolvimento (TRIVETTE; DUNST, 2009).

Os pais devem participar de grupos de intervenção com o objetivo de refletir sobre suas práticas educativas (BOLSONI-SILVA; SALINA; VERSUTI; ROSIN-PINOLA, 2008). Os estudos de Sartori, Van Der Sand (2004) e Valle *et al.* (2009) reforçam essa importância a partir dos estudos feitos com grupos de mães gestantes e de bebês que apontaram resultados efetivos de intervenções realizadas. Bolsoni-Silva, Paiva e Barbosa (2009) ressaltam que para uma efetiva intervenção torna-se importante caracterizar as pessoas

que procuram pelo atendimento, seja através da caracterização dos comportamentos dos pais, seja através da caracterização dos comportamentos das crianças, a fim de permitir a elaboração de estratégias mais condizentes com a população atendida.

## **5.2 - COMPARAÇÃO DAS PRÁTICAS PARENTAIS COM O SEXO DO BEBÊ**

Foram observadas diferenças e semelhanças na forma como mães de bebês de meninas e de meninos cuidam de seus filhos. Os resultados apontaram que as mães de bebês do sexo feminino utilizam-se mais da prática Monitoria Positiva, do que as mães de bebês do sexo masculino. Esse resultado vai ao encontro dos achados de Gomide (2006) que ao realizar a comparação das práticas parentais de mães de meninas e meninos adolescentes encontrou diferença significativa na prática Monitoria Positiva, que apareceu mais no relato de mães de meninas.

Nas práticas negativas não foram encontradas diferenças significativas, diferentemente dos achados de Gomide (2006), que encontrou diferença significativa para as práticas Abuso Físico e Disciplina Relaxada, que são mais utilizadas com meninos. Uma possível explicação para esse resultado seria que as diferenças entre mães de meninas e meninos, na utilização de práticas parentais negativas, apareceriam quando as crianças atingem uma maior faixa etária, tendo em vista que mães de bebês utilizam-se pouco das práticas negativas.

Com relação a cada questão, foram encontradas diferenças nas questões, **16** (Mesmo quando estou ocupado(a) ou viajando, telefono para saber como meu filho(a) está.) e **17** (Quando estou nervoso, acabo descontando em meu filho(a).), mesmo sendo pequena a

diferença entre as médias, demonstrando que as mães de meninas utilizam-se mais desses comportamentos do que as mães de meninos.

A questão **16** refere-se ao comportamento de monitorar o filho mesmo não estando presente. Saber como a criança está se comportando ou se comportou durante a ausência materna, permite a mãe um maior conhecimento sobre o seu bebê, e gera uma maior segurança tanto para a mãe quanto para quem está cuidando. Já a questão **17** demonstra que as mães de meninas estão tendo dificuldades para manejar seu humor sem interferir na educação de suas filhas.

As principais diferenças encontradas referem-se ao fato das mães monitorarem mais as meninas do que os meninos. Uma hipótese para esse resultado seria de que como ressaltaram Weber *et al.* (2004) normalmente, no senso comum as meninas são consideradas mais frágeis, necessitam de mais cuidado, nesse caso de uma maior monitoria, diferente dos meninos que são considerados mais fortes e com uma maior autonomia e então as mães os monitoram menos. Como demonstrado por Fiese e Skillman (2000) os pais tendem a estimular mais a autonomia nos meninos do que nas meninas.

O presente estudo encontrou algumas diferenças nas práticas parentais relacionadas ao sexo da criança, desde as primeiras relações que as mães estabelecem com seus bebês. Tais conclusões vão ao encontro dos estudos de Gomide e Guimarães (2003), Gomide (2006), Sampaio e Vieira (2010), Nogueira *et al.* (2009), que observaram relações entre o sexo da criança e as práticas educativas utilizadas pelos pais.



### **5.3 - CORRELAÇÃO E COMPARAÇÃO DAS PRÁTICAS PARENTAIS COM A IDADE DO BEBÊ**

Os resultados apontaram correlação positiva entre a prática parental Monitoria Positiva e a idade do bebê. Na comparação dos grupos de mães de bebês de quatro a seis meses com as mães de bebês de sete a 12 meses foi verificada uma tendência ( $p= 0,08$ ) das mães de bebês mais velhos a utilizar mais a prática Monitoria Positiva. Este dado demonstra que a medida que o bebê cresce e passa a interagir mais com o ambiente, necessita de uma maior atenção e monitoria dos comportamentos, tanto na presença quanto na ausência materna. Também foi verificada correlação positiva entre a idade do bebê e a questão 5 (Monitoria Positiva), e diferença significativa entre os grupos pesquisados. Essa questão refere-se ao comportamento de procurar saber como o filho ficou durante a sua ausência, o que pode estar relacionado ao fato de que a medida que o bebê cresce as mães passam a deixá-lo mais tempo com outras pessoas.

Com relação as práticas negativas e a idade do bebê foi verificada correlação positiva e diferença significativa entre os grupos (mães de bebês de um a seis meses e mães de bebês de sete a 12 meses) na somatória das práticas parentais negativas e na prática Punição Inconsistente. Os resultados referentes a prática Punição Inconsistente podem estar relacionados ao fato de que os bebês mais velhos interagem mais com o ambiente, exigindo uma maior interação da mãe no sentido de reforçar os comportamentos adequados e corrigir e/ou punir os comportamentos inadequados. No entanto, as mães estão educando o comportamento de seus filhos de acordo com o seu humor e não em função do comportamento da criança. Nas questões referentes a prática Punição Inconsistente foi observada correlação positiva e diferença significativa entre os grupos para a questão 1, que refere-se ao tratamento dispensado ao filho em função do estado de humor da mãe.

Na prática Negligência foi encontrada correlação positiva para a questão referente a deixar os problemas do filho para os outros resolverem. Uma possível explicação seria o fato de que quando os bebês crescem, novas demandas e dificuldades surgem e algumas mães não sabendo como agir, acabam atribuindo essa responsabilidade para outras pessoas.

Na prática Disciplina Relaxada foi encontrada diferença significativa entre os grupos de mães de bebê mais novos e mais velhos para a questão referente ao comportamento de dizer que não vai pegar o bebê no colo quando ele chora e depois de algum tempo se ele insiste em chorar acaba pegando. De acordo com Rodrigues (2009), a partir dos quatro meses o comportamento de chorar diferencialmente em função de diferentes situações de desconforto se estabiliza, ou seja, aparece para a maioria dos bebês que participaram da sua pesquisa. Assim, uma possível explicação seria de que no grupo de bebês mais velhos as mães já conseguiriam diferenciar o choro do bebê, e assim se sentiriam mais confortáveis para dizer que não vão pega-lo no colo, quando percebem que o choro não está relacionado a dor ou necessidades do bebê (como por exemplo, fome, e necessidade de ser trocado), mas sim ao fato do bebê não conseguir satisfazer seu desejo (exemplo, pegar um objeto, continuar no banho, entre outros). No entanto, as mães, depois de algum tempo, acabam pegando o bebê.

É possível que o comportamento de manha ou birra surja nessa fase, já que o comportamento relatado acima, resulta em reforçamento intermitente da mãe que, ora pega, ora não pega, ora demora mais e outras vezes menos. Uma hipótese que poderia estar relacionada ao fato das mães utilizarem-se com frequência desse comportamento, principalmente as mães de bebês mais velhos, seria a de que muitas vezes o comportamento de choro é descrito de maneira equivocada como, por exemplo, “Um bebê chorando porque gosta de fazer manha”. Essa descrição seria incompleta e com atribuições causais mentalistas: diz-se que o bebê chora porque gosta de fazer manha e que faz manha quando está chorando; neste círculo vicioso, perdem-se de vista as variáveis ambientais (Del Prette, 2011). Quando

as mães utilizam-se dessa explicação, não relacionam que o comportamento de pegar ou não o bebê no colo influencia no aumento ou diminuição da frequência dos comportamentos de birra ou choro. Assim, observa-se uma dificuldade das mães para perceberem a relação que existe entre o seu comportamento e o comportamento da criança.

Os resultados demonstram que existe uma relação entre as práticas parentais e a idade do bebê. Quando os bebês são mais velhos as mães utilizam-se mais das práticas parentais positivas, e por outro lado passam a utilizar mais algumas práticas parentais negativas. Rodrigues, Altafim e Schiavo (2011) encontraram resultados parecidos ao analisar os estilos e práticas parentais de 111 mães de bebês adultos e adolescentes que sugerem que, à medida que o bebê cresce, as mães utilizam-se mais de práticas negativas. As novas demandas, comportamentos e habilidades das crianças exigem que os pais se adaptem e utilizem estratégias adequadas a idade da criança, no entanto os pais estão utilizando-se de práticas parentais negativas.

Esses resultados confirmam a importância da realização de intervenções, para que os pais aprendam novos repertórios comportamentais e não necessitem utilizar as práticas parentais negativas. Como ressaltam Bornstein e Bornstein (2007), informações sobre práticas parentais adequadas podem ajudar os pais a encontrar o equilíbrio adequado entre a sensibilidade e o controle. Além disso, as intervenções devem ensinar os pais a observarem o comportamento da criança, não o considerando como um evento isolado, mas sim como resultado de eventos anteriores, e identificando a relação existente entre os comportamentos dos pais e o comportamento da criança. Pinheiro *et al.* (2006) relatam sobre um programa de treinamento de pais em que lhes é proposto o desafio de modificarem antes o seu próprio comportamento com o intuito de modificar o comportamento de sua criança.

Os resultados do presente estudo vão ao encontro da literatura da área, que têm demonstrado que os estilos e práticas parentais passam por mudanças significativas ao longo

do desenvolvimento da criança, decorrentes de modificações no comportamento infantil (PICCININI *et al.*, 2007; RODRIGUES; ALTAFIM; SCHIAVO, 2011; MARIN; PICCININI; TUDGE, 2011).

#### **5.4 - COMPARAÇÃO DAS VARIÁVEIS SEXO E IDADE DO BEBÊ**

Quando observadas as duas variáveis juntas, sexo e idade do bebê em relação as práticas parentais, foram encontradas diferenças significativas para a prática Punição Inconsistente entre as mães de meninas de um a seis meses e mães de meninas de sete a 12 meses. Não foram encontradas diferenças significativas nas práticas parentais entre mães de meninos com idades diferentes e entre mães de meninas e meninos com a mesma idade.

Todavia, foram encontradas diferenças significativas quando comparações mais refinadas ocorreram. Quando comparadas as mães de meninas de um a seis meses de idade com mães de meninas de 7 a 12 meses, verificou-se diferença nas questões **1**, **5** e **9** que são mais utilizadas pelas mães de bebês mais velhas. Quando as mães de bebês do sexo masculino de 1 a 6 meses foram comparadas com mães de bebês do sexo masculino 7 a 12 meses, foi encontrada diferença significativa nas questões **1** e **11** que apareceram mais no relato das mães de bebês mais velhos. Quando comparadas mães de bebês do sexo feminino de 7 a 12 meses com mães do sexo masculino de 7 a 12 meses foi encontrada diferença significativa para a questão **11** (Quando meu filho(a) está chorando procuro descobrir o que o incomoda.) que é mais utilizada pelas mães de meninos.

Em relação à questão **1**, foi verificada diferença significativa quando comparados os grupos divididos pelas idades (mães de bebês de 1 a 6 meses com mães de bebês de 7 a 12 meses) e nos grupos quando foram separados por idade e sexo (mães de meninas de 1 a 6 meses com mães de meninas de 7 a 12 meses / mães de meninos de 1 a 6 meses com mães de

meninos de 7 a 12 meses). Em todas as comparações o grupo de mães com bebês mais velhos relatam utilizar mais dessa prática. Nessa questão a variável que parece estar exercendo maior influência é a idade do bebê.

Nas questões **5** e **9** foi verificada diferença significativa quando comparados os grupos divididos pelas idades (mães de bebês de 1 a 6 meses com mães de bebês de 7 a 12 meses) e na comparação do grupo mães de meninas de 1 a 6 meses com mães de meninas de 7 a 12 meses. Esse resultado indica que as mães de bebês do sexo feminino de 7 a 12 meses utilizam mais essa prática, ou seja, as variáveis sexo e idade do bebê combinadas estão exercendo influência.

A questão **11** é mais utilizada pelas mães de bebês do sexo masculino de 7 a 12 meses, do que pelas mães do sexo masculino de um a seis meses. Essa questão também é mais utilizada pelas mães de bebês do sexo masculino de sete a 12 do que mães de bebês do sexo feminino com idade de sete a 12. Esse resultado indica que a idade e o sexo estão exercendo influência na utilização dessa prática, ou seja, essa prática é mais utilizada pelas mães de bebês mais velhos do sexo masculino.

Algumas diferenças são observadas quando observamos apenas uma variável (exemplo, questão 1), no entanto, outras são percebidas apenas quando duas variáveis combinadas são observadas, isto porque ocorre um refinamento da estatística com a divisão dos grupos (exemplo, questão **5** e **9**). Uma diferença que poderia estar oculta quando comparada apenas uma variável, torna-se aparente quando duas ou mais variáveis são analisada em conjunto (exemplo, questão **11**).

Nota-se que as questões **9** e **11** são relacionadas ao choro do bebê. O comportamento referente a questão **9** (Se meu filho chora, digo que não vou pegá-lo, mas se ele insiste em chorar, acabo pegando) aparece mais para as mães de bebês do sexo feminino de 7 a 12 meses. Já o comportamento relacionado a questão **11** (Quando meu filho(a) está chorando

procuro descobrir o que o incomoda.) aparece mais para as mães de bebês do sexo masculino de 7 a 12 meses. Uma hipótese para esse resultado seria que com aumento da idade os bebês passam a se manifestar mais, assim o choro ficaria mais frequente, além de ter um papel de controle. As mães de bebês do sexo feminino quando percebem que suas filhas estão chorando dizem que não vão pegá-las mas se insiste acabam pegando o bebê no colo, já as mães de meninos procuram descobrir rapidamente se o choro se refere a algo que o incomoda. A mãe associa o choro da menina (de 6 a 12 meses) primeiramente a birra ou manha antes de analisar a causa, já o do menino ( de 6 a 12 meses) é associado a necessidade. Este fato poderia ser explicado, pelas práticas culturais, os homens são dependentes dos cuidados de outros, exigindo da mãe uma postura de verificar o que está acontecendo. Já com as meninas as mães aprendem a identificar rapidamente o significado dos seus choros. Identificam a “manha” mas acabam cedendo a ela pegando seus bebês no colo, provavelmente, reforçando intermitentemente tal comportamento. Dessa maneira as mães acabam agindo de maneira mais responsiva com os meninos.

A questão 5 (Procuro saber como meu filho ficou durante a minha ausência) também aparece mais para as mães de meninas mais velhas. Quando os bebês crescem as mães passam a deixá-los mais com outras pessoas, e as mães de meninas as monitoram mais.

## **5.5 - CORRELAÇÃO E COMPARAÇÃO DAS PRÁTICAS PARENTAIS COM A IDADE MATERNA**

Quando as mães foram separadas em dois grupos, mães adultas e adolescentes, foi encontrada diferença significativa para uma das cinco práticas parentais investigadas (Monitoria Positiva), demonstrando que as mães adultas utilizam-se mais dessa prática, e duas das 25 questões pesquisadas. A questão 8, referente a prática Negligência, é mais

utilizada pelas mães adolescente e a questão **16**, referente a prática Monitoria Positiva, é mais utilizada pelas mães adultas.

A questão **8** refere-se ao fato da criança quando chora procurar qualquer outra pessoa, pois a mãe encontra-se ocupada, este dado pode ser justificado pelo fato de muitas mães adolescentes estarem estudando ou trabalhando. Em muitos casos, as avós acabam fazendo o papel de mãe substituta, ficando mais tempo com os netos do que a própria mãe (FALCÃO; SALOMÃO, 2005). Além disso, as mães adolescentes podem se sentir inexperientes quando comparadas com suas mães, e apresentar dificuldades para aceitar suas responsabilidades parentais. Quando as mães delegam aos outros os cuidados do seu filho, estando presentes ou quando estão ausentes, agem como espectadores e não como participantes do desenvolvimento de seu filho.

A questão **16** refere-se ao comportamento de monitorar o filho mesmo não estando presente. Este comportamento poderia minimizar o efeito da criança ficar mais tempo com outras pessoas, no entanto também não é tão freqüente nas mães adolescentes quanto nas mães adultas. Esse resultado demonstra a necessidade de orientação dessas mães para uma participação efetiva nos cuidados e educação de seus filhos, mesmo quando estão ausentes.

Estas situações possivelmente estão relacionadas com as dificuldades das mães adolescentes em ter clareza sobre como devem agir com seus filhos, atribuindo essa responsabilidade para suas mães, ou outras pessoas, pois se sentem inseguras. Como demonstraram Valle *et al.* (2009), as mães adolescentes participantes de uma intervenção, vivenciavam a gravidez na adolescência como uma ruptura nos estágios do ciclo vital, por não se considerarem preparadas para enfrentá-la e apresentavam conflitos em seguir os modelos parentais, como dúvidas entre repetir o que consideram erros e acertos na educação que receberam de seus pais ou tentar novas maneiras de agir e educar os filhos. Os resultados do

presente estudo apontam para uma necessidade de intervenções e orientações das mães adolescentes, para que elas sintam-se seguras e assumam de fato a educação e cuidado de seus filhos.

## **5.5 - CORRELAÇÃO DAS PRÁTICAS PARENTAIS COM A ESCOLARIDADE MATERNA**

A prática parental Monitoria Positiva foi correlacionada positivamente com a escolaridade materna, ou seja, quanto maior a escolaridade materna, mais as mães utilizam-se dessa prática. Foi verificada correlação positiva para três das cinco questões dessa prática, referentes ao estabelecimento de uma rotina, e ao monitoramento do filho(a) na ausência materna. Quanto maior a escolaridade materna, mais as mães estabelecem uma rotina e monitoram seus filhos na sua ausência.

As práticas parentais Disciplina Relaxada, Punição Inconsistente e a Somatória das Práticas Negativas, foram correlacionadas negativamente com a escolaridade materna. Quanto maior a escolaridade das mães, menor é a utilização das práticas parentais negativas. Esses resultados indicam que a escolaridade materna exerce uma significativa influência, sobre as práticas parentais maternas.

Com relação as questões, também foram verificadas correlações significativas negativa para todas as questões da prática Disciplina Relaxada, quanto maior a escolaridade materna, menos as mães utilizam-se dessa prática. As mães com maior escolaridade, cumprem regras pré-estabelecidas e estabelecem rotina com as crianças, as mães com menor escolaridade por sua vez, apresentam uma maior dificuldade em cumprir regras pré-estabelecidas e seguir uma rotina com as crianças.



Na prática Punição Inconsistente, foi verificada correlação significativa negativa em três das cinco questões. Essas questões eram referentes ao humor materno. Quando a mãe está alegre, não se importa com os comportamentos inadequados do bebê, trata mal seu filho quando está nervosa e depois se arrepende, e é mal humorada com ele. Esses resultados indicam que as mães com menor escolaridade, estão encontrando dificuldades para punir ou reforçar o comportamento de seus filhos, de acordo com o comportamento do mesmo. Quando as mães agem ora punindo, ora ignorando, ora até aplaudindo um comportamento de acordo com o seu humor podem confundir a criança e desencadear um sentimento de rejeição, pois ela associa esses comportamentos a falta de afeto e amor (GOMIDE, 2006).

As mães com menor escolaridade utilizam-se menos da prática educativa parental Monitoria Positiva e mais das práticas Disciplina Relaxada e Punição Inconsistente. Como ressaltado por diversos autores a exposição da criança a práticas negativas e inadequadas constituem fatores de risco para o desenvolvimento da criança (PACHECO *et al.*, 2005; CIA; PAMPLIN; DEL PRETTE, 2006). Dessa forma, quando as mães com menor escolaridade utilizam com pouca frequência as práticas parentais positivas e utilizam práticas parentais negativas com seus filhos, acabam mesmo que sem intenção, prejudicando o desenvolvimento da criança. Ressalta-se que a baixa escolaridade materna, pode atuar como um fator de risco para o desenvolvimento infantil, já que essas mães tendem a utilizar mais práticas parentais negativas.

Uma possível explicação para esse resultado, seria que mães com um maior nível educacional, teriam um maior conhecimento sobre práticas parentais e etapas do desenvolvimento. De acordo com Sanders e Morawska (2005), esses aspectos exercem um papel fundamental na forma como os pais cuidam e educam seus filhos, já que este conhecimento permite que os pais compreendam melhor os comportamentos dos mesmos. Mães com uma maior escolaridade, provavelmente, buscam com maior frequência

informações sobre desenvolvimento infantil e práticas parentais adequadas em livros, revistas, sites e orientações de profissionais da saúde. Essas informações refletem no comportamento materno, ou seja, na utilização de práticas parentais adequadas.

Os resultados vão ao encontro da literatura da área que têm demonstrado que quanto maior a escolaridade materna, mais as mães tendem a valorizar práticas relacionadas com a estimulação da criança (SILVA; MAGALHÃES, 2011; ANDRADE *et al.*, 2005; KOBARG; VIEIRA, 2008) e maior é o conhecimento sobre desenvolvimento infantil e práticas educativas (RIBAS *et al.*, 2003; MOURA *et al.*, 2004; SILVA *et al.*, 2011).

## **6. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

### **6.1 CONTRIBUIÇÕES DA DISSERTAÇÃO**

O presente estudo pode contribuir para um maior entendimento das práticas parentais de mães de bebês, sugerindo que, após a identificação das mesmas é possível implementar ações que aumentem as práticas educativas positivas e diminuam as práticas negativas, promovendo o desenvolvimento de comportamentos socialmente adequados dos seus filhos.

### **6.2 CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS**

Uma das contribuições refere-se a elaboração do instrumento de coleta de dados, o Inventário de Estilos e Práticas Parentais de Mães de Bebês, pois na literatura brasileira ainda há uma carência de instrumentos para avaliar os estilos e práticas parentais na primeira infância, e existe a necessidade de avaliação precoce dos estilos e práticas parentais maternos, tendo em vista que esses podem ser fatores de risco para o desenvolvimento. De acordo com Maria-Mengel e Linhares (2007) no âmbito da prevenção, são necessários instrumentos para o rastreamento de riscos no desenvolvimento infantil eficazes que possam ser aplicados em larga escala e por diferentes profissionais para detecção precoce de possíveis problemas.

O IEPMB tem se mostrado um instrumento eficiente e de fácil aplicação, para a identificação precoce de práticas parentais que podem subsidiar a implementação de

programas de intervenção em populações identificadas como de risco (RODRIGUES; ALTAFIM; SCHIAVO; VALLE, 2011). Todavia, ainda não foi validado para o Brasil, providência que garantiria sua confiabilidade.

A família vem passando por modificações na sua constituição durante a história. Atualmente caracteriza-se por diferentes configurações familiares que implicam em redefinições de papéis e uma nova hierarquia. Uma limitação deste estudo é que foi realizado apenas com mães, não incluindo outros cuidadores, como pais e avós. Sugere-se que novos estudos abordem o tema das práticas educativas, considerando, também, as práticas educativas de outros membros da família, como pais, as avós ou outros adultos significativos que façam parte da rede de apoio social presente.

Uma outra limitação foi a obtenção dos dados somente a partir do relato verbal de mães e não necessariamente correspondem a como elas realmente agem nas práticas educativas com os filhos, sabendo-se que um dos motivos seria a dificuldade para se auto-observarem e, por fatores relacionados a deseabilidade social que pode ser considerada uma variável estranha, possivelmente interferindo nos resultados obtidos, portanto, pesquisas que acrescentem metodologia observacional poderiam suprir essas dificuldades (BOLSONI-SILVA; MARTURANO, 2008).

Leme, Bolsoni-Silva e Carrara (2009), ressaltam que o uso do relato verbal pode não descrever com exatidão as interações sociais, mas contribui com a descrição do contexto, possibilitando hipotetizar algumas relações entre o indivíduo e o ambiente, mediadas pelo comportamento, tornando possível sugerir algumas explicações para as frequências dos comportamentos que compõem o repertório de habilidades sociais e de problemas de comportamento das crianças, além das práticas educativas dos pais (BOLSONI-SILVA; LOUREIRO, 2011). Portanto, de acordo com Leme, Bolsoni-Silva e Carrara (2009) os relatos

verbais contribuem para ampliar a compreensão das variáveis que envolvem as práticas educativas parentais, quando cuidadosamente e criteriosamente coletados.

### **6.3 DESDOBRAMENTOS PARA A PRÁTICA**

O estudo aponta para a importância de sensibilizar as mães desde a primeira infância sobre seu papel na interação com seu filho e a utilização de práticas parentais adequadas. Rocha e Inberman (2003) salientam que o estudo das práticas parentais vem sendo reconhecido como importante estratégia para o desenvolvimento de programas preventivos.

### **6.4 DESDOBRAMENTOS PARA A PESQUISA – QUESTÕES FUTURAS**

Espera-se que o presente estudo desperte nos profissionais e pesquisadores, o interesse em pesquisar a área de estilos e práticas parentais dos cuidadores de bebês. Ressalta-se a necessidade de novos estudos que acrescentem informações sobre os estilos e práticas parentais no início da infância.

## REFERÊNCIAS

ALTAFIM, E.R.P. **Mães adolescentes e estilo parental**. Relatório final de Bolsista PIBIC/CNPq, não publicado, 2007.

ALTAFIM, E.R.P. **Mães adolescentes e estilo parental**. Relatório final de Bolsista PIBIC/CNPq, não publicado, 2008.

ALTAFIM, E.R.P. **Mães adolescentes e estilo parental**. Relatório final de Bolsista PIBIC/CNPq, não publicado, 2009.

ALTAFIM, E.R.P.; SCHIAVO, R.A.; RODRIGUES, O.M.P.R. Práticas parentais de mães adolescentes: um estudo exploratório. **Temas sobre Desenvolvimento**, São Paulo, v. 16, p. 104-110, 2008.

ALVARENGA, P; PICCININI, C.A. Preditores do desenvolvimento social na infância: Potencial e limitações de um modelo conceitual. **Interação em Psicologia**, v. 11, n.1, p. 103-112, 2007.

ALVARENGA, P.; PICCININI, C.A. O impacto do temperamento infantil, da responsividade e das práticas educativas maternas nos problemas de externalização e na competência social da criança. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, Porto Alegre, v.20, n.2, p. 314-323, 2007.

ANDRADE, S. A. *et al.* Ambiente familiar e desenvolvimento cognitivo infantil: uma abordagem epidemiológica. **Revista de Saúde Pública**, v. 39, n.4, p. 606-611, 2005.

BAUM. W.M. **Compreender o behaviorismo: ciência, comportamento e cultura**. Porto Alegre: Editora Artmed, 1999.

BAUMRIND, D. Child care practices anteceding three patterns of preschool behavior. **Genetic Psychology Monographs**, v. 75, p. 143-88, 1967.

BAUMRIND, D. New directions in socialization research. **American Psychologist**, Washington, v. 35, p. 639-652, 1980.

BELSKY J. Social-contextual determinants of parenting. In: Tremblay RE, Barr RG, Peters RDeV, eds. **Encyclopedia on Early Childhood Development** [online]. Montreal, Quebec: Centre of Excellence for Early Childhood Development; 2005:1-6. Disponível em: <<http://www.child-encyclopedia.com/documents/BelskyANGxp-Parenting.pdf>> Acesso em 03. Mai. 2012.

BOLSONI-SILVA, A. T. **Habilidades sociais educativas, variáveis contextuais e problemas de comportamento: Comparando pais e mães de pré-escolares**. Tese de Doutorado. Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo (USP), 2003.

BOLSONI-SILVA, A. T. (2008). Roteiro de Entrevista de Habilidades Sociais Educativas Parentais (REHSE- P): Categorias e testagem preliminares. Em L. D. Weber (Org.) **Família e Desenvolvimento - Visões Interdisciplinares**, Curitiba: Juruá, p. 145-158, 2008.

BOLSONI-SILVA, A. T.; DEL PRETTE, A. O que os pais falam sobre suas habilidades sociais e de seus filhos? **Revista Argumento**, v. 7, p. 71-86, 2002.

BOLSONI-SILVA, A. T.; DEL PRETTE, A. Problemas de comportamento: um panorama da área. **Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva**, São Paulo, v. 5, n. 2, p. 91-103, 2003.

BOLSONI-SILVA, A. T.; MARTURANO, E. M. Práticas educativas e problemas de comportamento: uma análise à luz das habilidades sociais. **Estudos de Psicologia**, Natal, v. 7, n. 2, p. 227-235, 2002.

BOLSONI-SILVA, A. T.; MARTURANO, E. M. A qualidade da interação positiva e da consistência parental na sua relação com problemas de comportamentos de pré-escolares. **Interamerican Journal of Psychology**, v. 41, p. 349-358, 2007.

BOLSONI-SILVA, A. T.; MARTURANO, E. M. Habilidades sociais educativas parentais e problemas de comportamento: Comparando pais e mães de pré-escolares. **Aletheia**, v. 27, n1, p. 126-138, 2008.

BOLSONI-SILVA, A. T.; SALINA, A.; VERSUTI, F. M.; ROSIN-PINOLA, A. R. Avaliação de um programa de intervenção de habilidades sociais educativas parentais. **Psicologia Ciência e Profissão**, v. 28, n. 1, p. 18 - 33, 2008.

BOLSONI-SILVA, A. T. *et al.* Práticas educativas parentais de crianças com deficiência auditiva e de linguagem. **Revista Brasileira de Educação Especial**, Marília, v. 16, n. 2, p.265-282, 2010.

BOLSONI-SILVA, A. T.; LOUREIRO, S. R. Validação do roteiro de entrevista de habilidades sociais educativas parentais (RE-HSE-P). **Avaliação Psicológica**, Porto Alegre, v. 9, n. 1, p. 63-75, 2010.

BOLSONI-SILVA, A. T.; LOUREIRO, S. R. Práticas educativas parentais e repertório comportamental infantil: comparando crianças diferenciadas pelo comportamento. **Paidéia**, Ribeirão Preto, v. 21, n. 48, p. 61-71, 2011.

BOLSONI-SILVA, A.T.; PAIVA, M. M.; BARBOSA, C. G. Problemas de comportamento de crianças/adolescentes e dificuldades de pais/cuidadores: um estudo de caracterização. **Psicologia Clínica**, v.21, n.1, p. 169-184, 2009.

BORNSTEIN, L.; BORNSTEIN, M.H. Parenting styles and child social development. In: Tremblay RE, Barr RG, Peters RDeV, eds. **Encyclopedia on Early Childhood Development** [online]. Montreal, Quebec: Centre of Excellence for Early Childhood Development; 2007:1-4. Disponível em: <<http://www.child-encyclopedia.com/documents/BornsteinANGxp.pdf>> Acesso em 03. Mar. 2012.

CIA, F.; PAMPLIN, R.C.O.; DEL PRETTE, Z. A. P. Comunicação e participação pais-filhos: correlação com habilidades sociais e problemas de comportamento dos filhos. **Paidéia**, Ribeirão Preto, v. 16, n. 35, p. 395-406, 2006.

CARVALHO, M.C.N; GOMIDE, P.I.C. Práticas educativas parentais em famílias de adolescentes em conflito com a lei. **Estudos de Psicologia**, Campinas, v. 22, n. 3, p. 263-275, 2005.

DASCANIO, D.; RODRIGUES, O.M.P.R.; VALLE, T.G.M.. Relação entre os estilos parentais e o desempenho intelectual de crianças com plumbemia. **Avaliação Psicológica**, Porto Alegre, v. 9, n. 3, p 461-470, 2010.

DEL PRETTE, G. Treino didático de análise de contingências e previsão de intervenções sobre as consequências do responde. **Revista Perspectivas em Análise do Comportamento**, v. 2, p. 53-71, 2011.

DEL PRETTE, Z. A. P.; DEL PRETTE, A. **Psicologia das habilidades sociais: Terapia e educação**. Petrópolis: Vozes, 1999.

DEL PRETTE, A.; DEL PRETTE, Z.A.P. **Psicologia das relações interpessoais: Vivências para o trabalho em grupo**. Petrópolis: Vozes, 2001.

DESSEN, M. A; SZELBRACIKOWSKI, A. C. As crianças pré-escolares com problemas de comportamento exteriorizado e dinâmica familiar. **Interação em Psicologia**, v. 8, p. 171-180, 2004.

DE WOLFF, M.S; IJZENDOORN, M.H.V. Sensitivity and attachment: A meta-analysis on parental antecedents of infant attachment. **Child Development**, v. 68, n. 4, p. 571-591, 1997.

DISHION, T.; MCMAHON, R. Parental monitoring and the prevention of child and adolescent problem behavior: A conceptual and empirical formulation. **Clinical Child and Family Psychology Review**, v.1, p. 61-75, 1998.

FALCAO, D. V. S.; SALOMAO, N. M. R. O papel dos avós na maternidade adolescente. **Estudos de Psicologia**, Campinas, v.22, n.2, p. 205-212, 2005

FIGEISE, B.H; SKILLMAN, G. Gender differences in family stories: moderating influence of parent gender role and child gender. **Sex Roles**, v. 43, n.5/6, p. 267-83, 2000.

FOX, R. A.; PLATZ, D. L.; BENTLEY, K .S. Maternal factors related to parenting practices, developmental expectations, and perceptions of child behavior problems. **Journal of Genetic Psychology**, v. 156, p. 431-441, 1995.

FRAGA, D.A. *et al.* Desenvolvimento de bebês prematuros relacionado a variáveis neonatais e maternas. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 13, n. 2, p. 335-344, 2008.

GOMIDE, P.I.C. **Pais presentes, pais ausentes: regras e limites**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.



GOMIDE, P. I. C; SALVO, C. G; PINHEIRO, D P N; SABBAG G. M. Correlação entre práticas educativas, depressão, estresse e habilidades sociais. **PsicoUSF**, v.10, n.2, p.169-178, 2005.

GOMIDE, P.I.C. **Inventários de Estilos Parentais (IEP):** modelo teórico, manual de aplicação, apuração e interpretação. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2006.

GOMIDE, P.I.C. Estilos parentais e comportamento anti-social. In: A. DEL PRETTE; Z. DEL PRETTE (Orgs.) **Habilidades sociais, desenvolvimento e aprendizagem:** questões conceituais, avaliação e intervenção. Campinas: Alínea, 2003. 21-60.

GOMIDE P.I.C., GUIMARÃES, A.M. **Efeitos das práticas educativas sobre o comportamento anti-social em crianças e adolescentes.** Relatório de pesquisa PIBIC/CNPq (não publicado), Universidade Federal do Paraná, Curitiba, Paraná, Brasil, 2003.

GOMIDE, P.I.C. A influência da profissão no estilo parental materno percebido pelos filhos. **Estudos de Psicologia**, Campinas, v. 26, n. 1, p. 25-34, 2009.

GOODNOW JJ. Sources, effects and possible changes in parenting skills: Comments on Belsky, Grusec, and Sanders and Morawska. In: Tremblay RE, Barr RG, Peters RDeV, eds. **Encyclopedia on Early Childhood Development** [online]. Montreal, Quebec: Centre of Excellence for Early Childhood Development; 2006:1-5. Disponível em: < <http://www.child-encyclopedia.com/documents/GoodnowANGxp.pdf>.> Acesso em 03. Mai. 2012.

GRUSEC, J. E.; LYTTON, H. **Social development: History, theory and research.** New York: Springer-verlag, 1988.

KASSAR, S.B. *et al.* Comparações das condições socioeconômicas e reprodutivas entre mães adolescentes e adultas jovens em três maternidades públicas de Maceió, Brasil. **Revista Brasileira de Saúde Materno Infantil**, Recife, v. 6, n. 4, p. 397-403, 2006.

KELLER, H.; ZACH, U. Gender and birth order as determinants of parental behaviour. **International Journal of Behavioral Development**, v. 20, n. 2, p. 177-84, 2002.

KLEIN, V. C.; GASPARDO, C. M.; LINHARES, M. B. M. Dor, autorregulação e temperamento em recém-nascidos pré-termo de alto risco. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v.24, n.3, p. 504-512, 2011.

KOBARG, A. P. R.; VIEIRA, M. L. Crenças e práticas de mães sobre o desenvolvimento infantil nos contextos rural e urbano. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, Porto Alegre, v. 21, n.3, p. 401-408, 2008.

LANDRY, S.H.; SMITH, K.E.; SWANK, P.R. Responsive parenting: Establishing early foundations for social, communication, and independent problem solving. **Developmental Psychology**, v.42, n.4, p. 627-642, 2006

LEME, V. B. R.; BOLSONI-SILVA, A. T.; CARRARA, K. Uma análise comportamentalista de relatos verbais e práticas educativas parentais: Alcance e limites. **Paidéia**, Ribeirão Preto, v. 19, p. 239-247, 2009.

LÖHR, S. S. Estilos parentais e desenvolvimento de habilidades sociais. In: H.J. Guilhardi, *et al.* **Sobre Comportamento e Cognição**. Santo André, SP: ESETec Editores Associados, 2003, p. 476-482.

LINHARES, M.B.M.; CARVALHO, A.E.V.; BORDIN, M.B.M.; JORGE, S.M. Suporte psicológico ao desenvolvimento de bebês pré-termo com peso de nascimento <1500grs, na UTI e no seguimento longitudinal. **Temas em Psicologia**, Ribeirão Preto, v.7, n.3, p.245-262, 1999.

MACARINI, S. M.; MARTINS, G. D.F.; MINETTO, M. F. J.; VIEIRA, M. L. Práticas parentais: uma revisão da literatura brasileira. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, v. 62, n. 1, p. 119-134, 2010.

MACCOBY, E.E. **Social development: psychological growth and the parent-child relationship**. New York: Harcourt Brace Jovanovich, 1980.

MARIA-MENDEL, M. R. S.; LINHARES, M. B. M. Fatores de risco para problemas de desenvolvimento infantil. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, v. 15, p. 837-842, 2007.

MARIN, A. H.; PICCININI, C. A. Comportamentos e práticas educativas maternas em famílias de mães solteiras e famílias nucleares. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 12, n. 1, p. 13-22, 2007.

MARIN, A. H.; PICCININI, C. A.; TUDGE, J. R. H.. Estabilidade e mudança nas práticas educativas maternas e paternas ao longo dos anos pré-escolares da criança. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, Porto Alegre, v. 24, n. 1, p. 66-73, 2011.

MARIN, A. H.; PICCININI, C. A.; TUDGE, J. R. H.. Práticas educativas maternas e paternas aos 24 e aos 72 meses de vida da criança. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v.27, n. 4, p. 419-427, 2011.

MCMAHON RJ. Parent training interventions for preschool-age children. In: Tremblay RE, Barr RG, Peters RDeV, eds. **Encyclopedia on Early Childhood Development** [online]. Montreal, Quebec: Centre of Excellence for Early Childhood Development; 2006:1-9. Disponível em: <<http://www.child-encyclopedia.com/documents/McMahonRJANGxp.pdf>> Acesso em 06. Mar.2012.

MELCHIORI, L. E.; DESSEN, M. A. A teoria do apego: Contribuições para a compreensão do desenvolvimento humano. In: CAPELLINI, V.L.M. F; MANZONI, R. M (Orgs.). **Políticas públicas, práticas pedagógicas e ensino-aprendizagem: Diferentes olhares sobre o processo educacional**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2008.

MINETTO, M.F.; CREPALDI, M.A.; BIGRAS, M.; MOREIRA, L.C. Práticas educativas e estresse parental de pais de crianças pequenas com desenvolvimento típico e atípico. **Educar em Revista**, Curitiba, n. 43, p. 117-132, 2012.

MOURA, M. L. S. et al. Conhecimento sobre desenvolvimento infantil em mães primíparas de diferentes centros urbanos do Brasil. **Estudos de Psicologia**, Natal, v. 9, n. 3, p. 421-429, 2004.

MUSSEN, P. H.; CONGER, J. J.; KAGAN, J.; HUSTON, A. C. **Child development & personality**. New York: Harper & Row, 1990.

NOGUEIRA, S. C.; ULIANA, M. C.; ALTAFIM, E. R. P.; SCHIAVO, R. A.; RODRIGUES, O. M. P. R. Práticas parentais de mães adolescentes e seus bebês. In: **XVIII Encontro Brasileiro de Psicoterapia e Medicina Comportamental**, Campinas, 2009.

NOGUEIRA, S. C. **Estilos Parentais: Mães adolescentes e Mães Adultas**. Relatório final de Bolsista FAPESP, não publicado, 2009.

PACHECO, J. *et al.* Estabilidade do comportamento anti-social na transição da infância para a adolescência: uma perspectiva desenvolvimentista. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, Porto Alegre, v. 18, n. 1, p.55-61, 2005.

PATTERSON, G.; REID, J.; DISHION, T. **Antisocial boys: comportamento anti-social**. Santo André: Esetec, 2002.

PATTERSON, G. R.; DEGARMO, D. S.; KNUTSON, N. Hyperactive and antisocial behaviors: Comorbid or two points in the same process? **Development and Psychopathology**, v. 12, p. 91-106, 2000.

PICCININI, C. A.; FRIZZO, G. B.; ALVARENGA, P.; TUDGE, J. Práticas educativas de pais e mães de crianças aos 18 meses de idade. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 23, p. 369-378, 2007.

PINHEIRO, M. I. S. *et al.* Treinamento de habilidades sociais educativas para pais de crianças com problemas de comportamento. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, Porto Alegre, v. 19, n. 3, p. 407-414, 2006.

PRUST, L.W.; GOMIDE, P.I.C. Relação entre comportamento moral dos pais e dos filhos adolescentes. **Estudos de Psicologia**, Campinas, v. 24, n. 1, p. 53-60, 2007.

RALEY, S.; BIANCHI, S. Sons, daughters, and family processes: Does gender of children matter? **Annual Review of Sociology**, v.32, p. 401-421, 2006

RIBAS Jr., R. C.; SEIDL-de-MOURA, M. L.; GOMES, A. A. N.; SOARES, I. D.; BORNSTEIN, M. H. Socioeconomic status in Brazilian psychological research. Part 1: validity, measurement, and application. **Estudos de Psicologia**, v. 8, p. 375-383, 2003.

ROCHA, G.V.M.; INGBERMAN, I.K. Estilos parentais e desenvolvimento de habilidades sociais. In: H.J. Guilhardi. *et al.* **Sobre Comportamento e Cognição**. Santo André, SP: ESETec Editores Associados, 2003, p. 526-535.

RODRIGUES, O. M. P. R. **O Inventário Portage Operacionalizado e o desenvolvimento de bebês**. Tese de Livre-docência. Universidade Estadual Paulista (UNESP), 2009.

RODRIGUES, M. F. A.; MIRANDA, S. M. **A estimulação da criança especial em casa**. São Paulo: Editora Atheneu, 2001.

RODRIGUES, O. M. P. R.; ALTAFIM, E. R. P.; SCHIAVO, R. A.; VALLE, T. G. M. Estilos e práticas parentais de mães adolescentes: Um programa de intervenção. **Pediatria Moderna**, v. 47, p. 58-62, 2011.

RODRIGUES, O. M. P. R.; ALTAFIM, E. R. P.; SCHIAVO, R. A. Práticas parentais de mães adultas e adolescentes com bebês de um a doze meses. **Aletheia (ULBRA)**, v. 34, p.96-108, 2011.

SAMPAIO, I. T. A. Práticas educativas parentais, gênero e ordem de nascimento dos filhos: atualização. **Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano**, ago. v.17, n.2, p.144-152, 2007.

SAMPAIO, I. T. A.; VIEIRA, M. L. A influência do gênero e ordem de nascimento sobre as práticas educativas parentais. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, Porto Alegre, v. 23, n. 2, p. 198-207, 2010.

SANDERS, M.R; MORAWSKA, A. Can changing parental knowledge, dysfunctional expectations and attributions, and emotion regulation improve outcomes for children? In: Tremblay RE, Barr RG, Peters RDeV, eds. **Encyclopedia on Early Childhood Development** [online]. Montreal, Quebec: Centre of Excellence for Early Childhood Development; 2005:1-12. Disponível em: <<http://www.child-encyclopedia.com/documents/Sanders-MorawskaANGxp.pdf>> Acesso em 04.Mar.2012.

SARTORI, G. S.; VAN DER SAND, I. C. P. Grupo de gestantes: espaço de conhecimentos, de trocas e de vínculos entre os participantes. **Revista Eletrônica de Enfermagem**, v. 06, n. 02, 2004. Disponível em: <[http://www.fen.ufg.br/revista/revista6\\_2/gestantes.html](http://www.fen.ufg.br/revista/revista6_2/gestantes.html)> Acesso em 29 Jul 2011.

SCAPPATICCI, A . L. S. S.; IACOPONI, E.; BLAY, S. L. Estudo de fidedignidade inter-avaliadores de uma escala para avaliação da interação mãe-bebê. **Revista de Psiquiatria**, v. 26, n. 1, p. 39-46, 2004.

SEIDL-DE-MOURA, M. L. *et al.* Interações mãe-bebê de um e cinco meses: aspectos afetivos, complexidade e sistemas parentais predominantes. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, Porto Alegre, v. 21, n. 1, p. 66-73, 2008.

SILVA, R.A.M.; MAGALHÃES, C.M.C. Crenças sobre práticas: um estudo sobre mães primíparas de contexto urbano e não-urbano. **Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano** v. 21 n. 1, p 39-50. 2011.

SILVA, J.L.G.; SOARES, E. A.; CAETANO, E. A.; LOYOLA, Y. S.; GARCIA, J. A. D.; MESQUITA, G. O impacto da escolaridade materna e a renda per capita no desenvolvimento de crianças de zero a três Anos. **Revista Ciências em Saúde**, v. 1, p. 1-6, 2011.

SILVARES, E.F.M.S. Avaliação diagnóstica do abuso físico na infância: implicações clínicas e de pesquisa. In M.Z.S. Brandão (Org.). **Sobre comportamento e cognição**, Santo André: ESETec Editores Associados, v. 14, p. 19-37, 2004.

SKINNER, B.F. **Ciência e Comportamento Humano**. São Paulo: Martins Fontes, 1953/1998.

SPRADLIN, J.E. Rotinas: Implicações para a vida e para o ensino. **Temas em Psicologia**; v. 7, n. 3, p. 223-234, 1999.

STEINBERG L. We know some things: Parent-adolescent relationships in retrospect and prospect. **Journal of Research on Adolescence**, v.11, n.1, p.1-19, 2001.

TAMIS-LEMONDA, C.S.; RODRIGUEZ, E.T. Parents' role in fostering young children's learning and language development. Rev ed. In: Tremblay RE, Barr RG, Peters RDeV, Boivin M, eds. **Encyclopedia on Early Childhood Development** [online]. Montreal, Quebec: Centre of Excellence for Early Childhood Development; 2008:1-10. Disponível em: < [http://www.child-encyclopedia.com/documents/Tamis-LeMonda-RodriguezANGxp\\_rev-Language.pdf](http://www.child-encyclopedia.com/documents/Tamis-LeMonda-RodriguezANGxp_rev-Language.pdf). > Acesso em 03. Mar. 2012.

TRIVETTE, C.M.; DUNST, C.J. Community-based parent support programs. Rev ed. In: Tremblay RE, Barr RG, Peters RDeV, eds. **Encyclopedia on Early Childhood Development** [online]. Montreal, Quebec: Centre of Excellence for Early Childhood Development; 2009:1-7 Disponível em: [http://www.child-encyclopedia.com/documents/Trivette-Dunstangxp\\_rev.pdf](http://www.child-encyclopedia.com/documents/Trivette-Dunstangxp_rev.pdf).> Acesso em 03. Mar. 2012.

VALLE, T. G. M. *et al.* Intervenção psicoeducativa em grupo de mães adolescentes: um relato de experiência. **Revista Ciência em Extensão**, v.5, n.1, p.113-118, 2009.

VIEIRA, M.L.F.; BICALHO, G. G.; SILVA, J.L.C.P.; BARROS FILHO, A. A. Crescimento e desenvolvimento de filhos de mães adolescentes no primeiro ano de vida. **Revista Paulista de Pediatria**, v. 25, p. 343-348, 2007.

VIEIRA, M. E. B.; LINHARES, M. B. Martins. Desenvolvimento e qualidade de vida em crianças nascidas pré-termo em idades pré-escolar e escolar. **Jornal de Pediatria (Rio J.)**, Porto Alegre, v. 87, n. 4, p. 281-291, 2011.

WEBER, L.N.D.; BRANDENURG, O. J.; VIEZZER, A.P.; A relação entre o estilo parental e o otimismo da criança. **Psico-USF**, v. 8, n. 1, p. 71-79, 2003.

WEBER, L. N. D.; VIEZZER, A. P.; BRANDENBURG, O. J. O uso de palmadas e surras como prática educativa. **Estudos de Psicologia**, v. 9, p. 227-237, 2004.

WEBER, L. N. D. A evolução das relações parentais: uma abordagem etológica. **Psicologia Argumento**. v. 22, n. 38, p. 19-25, 2004.

WEBER, L. N. D.; PRADO, P.M.; VIEZZER, A.P.; BRANDENBURG, O. J. Identificação de estilos parentais: o ponto de vista dos pais e dos filhos. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, Porto Alegre, v. 17, n. 3, p. 323-331, 2004.

ZEIFMAN, D.M.; Crying behaviour and its impact on psychosocial child development: Comment on Stifter, and Zeskind. In: Tremblay RE, Barr RG, Peters RDeV, eds. **Encyclopedia on Early Childhood Development** [online]. Montreal, Quebec: Centre of Excellence for Early Childhood Development; 2005:1-4. Disponível em: < <http://www.child-encyclopedia.com/documents/ZeifmanANGxp.pdf>.> Acesso em 03. Mai. 2012.

## ANEXOS

### ANEXO 1: COMITÊ DE ÉTICA



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA  
"JULIO DE MESQUITA FILHO"  
Campus de Bauru



O Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Ciências da Universidade Estadual Paulista – UNESP, em sua 56ª Reunião Ordinária realizada no dia 03 de maio de 2010, no Prédio do STJ da Faculdade de Ciências da UNESP, Campus de Bauru, às 09h00, após análise do parecer emitido pelo relator **APROVA** o projeto "Estilos e práticas parentais de mães e bebês", Processo nº 451/46/01/09, sob responsabilidade da Professora Doutora Olga Maria Plazentin Rolim Rodrigues.

Bauru (SP), 03 de maio de 2010

**PROF. DR. ARI FERNANDO MAIA**  
Coordenador do Comitê de Ética em Pesquisa

## ANEXO 2: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (MODELO)

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, \_\_\_\_\_, RG nº: \_\_\_\_\_, mãe (pai) do menor \_\_\_\_\_ autorizo a utilização dos dados obtidos no projeto: “Estilos e Práticas Parentais de Mães de Bebês”, para eventual comunicação, publicação e/ou reprodução dos mesmos em trabalho científico, ressaltando o sigilo e a ética no que se refere a qualquer informação que permita a identidade do meu filho. Estou ciente de que não terei nenhum ônus com referente a participação na mesma e que poderei deixar de participar a qualquer tempo sem prejuízo de outras atividades que participo no Centro de Psicologia Aplicada. Fui informado que em caso de dúvida deverei procurar a responsável pelo projeto, a Profa. Dra. Olga Maria Piazzentin Rolim Rodrigues, que deverá ser contatada pelo telefone (14) 3103 6090.

Bauru, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_  
(Nome do responsável)

Aplicador: \_\_\_\_\_



## ANEXO 3: IEPMB

### INVENTÁRIO DE ESTILOS PARENTAIS PARA PAIS E MÃES DE BEBÊS

(Adaptado de Gomide, 2006)

O objetivo deste instrumento é estudar a maneira utilizada pelos pais na educação de seus filhos. Não existem respostas certas ou erradas. Responda cada questão com sinceridade e tranquilidade. Suas informações serão sigilosas. Escolha, entre as alternativas, a seguir, aquelas que mais refletem a forma como você educa seu/sua filho(a).

Identificação:

Nome: \_\_\_\_\_ Idade \_\_\_\_\_

Escolaridade: \_\_\_\_\_

Nome do filho(a): \_\_\_\_\_ Sexo do bebê: ( )M ( )F

Data de nascimento do bebê: \_\_\_\_\_

COMPORTAMENTOS	Entre 10 Episódios, faça:		
	Sempre	Às Vezes	Nunca
	8 a 10 vezes	3 a 7 vezes	0 a 2 vezes
1. Quando meu filho(a) faz algo que me desagrada, o modo como respondo a ele depende do meu humor.			
2. O meu trabalho atrapalha na atenção que dou ao meu filho(a).			
3. Ameaço que vou bater ou ficar muito brava com meu filho(a), mas depois não faço nada			
4. Bato com a mão ou com outros objetos no meu filho(a).			
5. Procuro saber como meu filho ficou durante a minha ausência			
6. Estabeleço uma rotina mas nunca consigo segui-la			
7. Quando estou alegre não me importo com comportamentos do meu filho que me desagradam.			
8. Meu filho, quando chora, procura qualquer outra pessoa, pois estou sempre ocupada.			
9. Se meu filho chora, digo que não vou pega-lo, mas se ele insiste em chorar, acabo pegando			
10. Meu filho(a) tem muito medo de mim.			
11. Quando meu filho(a) está chorando procuro descobrir o que o incomoda.			
12. Trato mal meu filho(a) quando estou nervosa(o),e assim que passa a raiva me arrependo.			
13. Meu filho(a) fica com outras pessoas a maior parte do tempo.			
14. Não faço horários para meu filho, as coisas acontecem naturalmente			
15. Meu filho(a) fica fisicamente machucado quando bato nele.			
16. Mesmo quando estou ocupado(a) ou viajando, telefono para saber como meu filho(a) está.			
17. Quando estou nervoso, acabo descontando em meu filho(a).			
18. Após ficar distante do meu filho quero saber como ele ficou (se chorou, se ficou bem, etc)			
19. Sou mau-humorado(a) com meu filho(a).			
20. Não sei dizer do que meu filho(a) gosta.			
21. Aviso que não vou pegar meu filho no colo quando ele faz birra, mas na hora "H" fico com pena e o pego			
22. Sou agressivo com meu filho(a).			
23. Estabeleço uma rotina com meu filho e procuro cumpri-la.			
24. Deixo os problemas do meu filho para os outros resolverem			
25. Sou violento(a) com meu filho(a).			